

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERUNIDADES EM
MUSEOLOGIA**

Juliana Uenojo

**A Coleção de Matrizes de Gravura da Oficina do Arco do Cego
na Fundação Biblioteca Nacional**

São Paulo

2023

Juliana Uenojo

**A Coleção de Matrizes de Gravura da Oficina do Arco do Cego
na Fundação Biblioteca Nacional**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ciências.

Área de concentração: Museologia

Orientadora: Prof^a Dr^a Cecília Helena Lorenzini de Salles Oliveira

Versão corrigida

São Paulo

2023

Autorizo a reprodução e divulgação integral ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Ficha catalográfica elaborada pelo Serviço de Biblioteca e Documentação, MAE/USP,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Uenojo, Juliana
A Coleção de Matrizes de Gravura da Oficina do
Arco do Cego na Fundação Biblioteca Nacional /
Juliana Uenojo; orientadora Cecília Helena Lorenzini
de Salles Oliveira. -- São Paulo, 2023.
151 p.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação
Interunidades em Museologia) -- Museu de
Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo,
2023.

1. Oficina do Arco do Cego. 2. Biblioteca
Nacional. 3. Gravura em metal. 4. Matriz de
impressão. 5. Catálogo. I. Oliveira, Cecília Helena
Lorenzini de Salles, orient. II. Título.

Bibliotecária responsável:
Monica da Silva Amaral - CRB-8/7681

Nome: Juliana Uenojo

Título: A Coleção de Matrizes de Gravura da Oficina do Arco do Cego na Fundação Biblioteca Nacional

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ciências.

Aprovada em: 29 de setembro de 2023

Banca Examinadora:

**Prof^a Dr^a Cecília Helena Lorenzini de Salles
Oliveira**
Universidade de São Paulo
Orientadora

Prof^a Dr^a Ana Paula Medicci
Universidade Federal da Bahia

Prof^a Dr^a Ana Paula Nascimento
Universidade de São Paulo

AGRADECIMENTOS

À professora Cecília Helena Lorenzini de Salles Oliveira, sempre presente, agradeço a orientação segura e toda dedicação;

Às professoras Ana Paula Medici e Ana Paula Nascimento, agradeço as valiosas contribuições no Exame de Qualificação para o aprimoramento deste trabalho;

A Iuri Lapa e Joaquim Marçal, agradeço por contribuírem com sua vivência na Biblioteca Nacional;

Aos docentes, colegas de turma e egressos do Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia, agradeço as trocas, incentivos e aprendizados;

Aos colegas da Fundação Biblioteca Nacional, em especial à equipe da Seção de Iconografia, agradeço por compartilharmos tempo e trabalho em prol do engrandecimento de nossa querida Biblioteca;

Agradeço à Mariana Uenojo, minha irmã;

A Raphael e Torá, almas amorosas;

Aos meus pais, sempre.

Okagesama deshita.

RESUMO

UENOJO, J. **A Coleção de Matrizes de Gravura da Oficina do Arco do Cego na Fundação Biblioteca Nacional**. 2023. 151p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

Esta pesquisa apresenta uma análise da história da Oficina do Arco do Cego e de sua produção literária e imagética no século XVIII. Ao mesmo tempo, investiga a trajetória das matrizes de gravura produzidas pela Oficina Calcográfica no interior do acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. A partir do cotejamento das matrizes com as estampas publicadas em 70 edições ilustradas, elencadas no *Catálogo Bibliográfico* publicado em 1999 na obra *A Casa Literária do Arco do Cego (1799-1801) – Bicentenário: “Sem livros não há instrução”*, foram identificadas 86 matrizes presentes na coleção. A identificação dessas matrizes possibilitou a inclusão de registros bibliográficos nos catálogos da Biblioteca Nacional, promovendo maior divulgação da coleção e facilitando o acesso para futuras pesquisas.

Palavras-chave: Oficina do Arco do Cego. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Gravura em metal. Matrizes de gravura. Catálogo.

ABSTRACT

UENOJO, J. **The Copper Plates of the Oficina do Arco do Cego Collection at the National Library of Brazil**. 2023. 151p. Dissertation (Master) - Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

This research presents an analysis of the history of the *Oficina do Arco do Cego* and its literary and imagery production in the 18th century. At the same time, it investigates the trajectory of the copper plates produced by the *Oficina Calcográfica* within the collection of the National Library of Rio de Janeiro. From the comparison of the copper plates with the prints published in 70 illustrated editions, listed in the *Catálogo Bibliográfico* published in 1999 in the work *A Casa Literária do Arco do Cego (1799-1801) – Bicentenário: “Sem livros não há instrução”*, 86 copper plates present in the collection were identified. The identification of these copper plates allowed the inclusion of bibliographic records in the National Library catalogs, promoting greater dissemination of the collection and facilitating access for future research.

Keywords: Oficina do Arco do Cego. National Library of Brazil. Engraving. Copper plates. Catalog.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Ilustração da obra <i>Compendio de Agricultura, e collecção de maquinas, e instrumentos, novamente inventados, e actualmente praticados em algumas provincias do Reino de Inglaterra...</i>	39
Figura 2 – <i>Compendio de Agricultura, e collecção de maquinas, e instrumentos, novamente inventados, e actualmente praticados em algumas provincias do Reino de Inglaterra...</i>	40
Figura 3 – <i>Compendio de Agricultura, e tratado sobre a plantaçao das arvores, tanto silvestres, como de fruto...</i>	41
Figura 4 – Ilustração da obra <i>Observações sobre a propriedade da quina do Brasil</i> . . .	42
Figura 5 – Livro de provas de gravuras, contendo 329 estampas	56
Figura 6 – Livro de provas de gravuras, contendo 342 estampas	56
Figura 7 – Livro de provas de gravuras - Carimbo da Real Biblioteca	57
Figura 8 – Livro de provas de gravuras - Detalhe da encadernação	57
Figura 9 – Livro de provas de gravuras - Detalhe do corte dianteiro	58
Figura 10 – Livro de provas de gravuras - Detalhe da encadernação	58
Figura 11 – Livro de provas de gravuras - Identificação realizada por Aurélio Lopes . . .	59
Figura 12 – Livro de provas de gravuras, contendo 634 estampas (cópia 1)	60
Figura 13 – Livro de provas de gravuras - Detalhe da encadernação	61
Figura 14 – Anotação manuscrita abaixo da estampa de Romão Eloy de Almeida	61
Figura 15 – Anotação manuscrita abaixo da estampa de José Joaquim Marques	62
Figura 16 – Livro de provas de gravuras, contendo 634 estampas (cópia 2)	63
Figura 17 – Livro de provas de gravuras - Detalhe da encadernação	63
Figura 18 – Livro de provas de gravuras - Carimbo da Real Biblioteca	64
Figura 19 – <i>Capricornio, e Aquario</i> - Reimpressão do Museu Nacional de Belas Artes - Matriz da Biblioteca Nacional	71
Figura 20 – <i>O Lynce, e o Leaõ Menor</i> - Reimpressão do Museu Nacional de Belas Artes - Matriz da Biblioteca Nacional	71
Figura 21 – <i>Pêssego</i> - Reimpressão do Museu Nacional de Belas Artes - Matriz da Biblioteca Nacional	72
Figura 22 – <i>Cacteiro melão</i> - Reimpressão do Museu Nacional de Belas Artes - Matriz da Biblioteca Nacional	72
Figura 23 – <i>A Sultana em traje de Corte</i> , gravura de Constantino da Costa e Oliveira . . .	74
Figura 24 – Registro bibliográfico de uma matriz de gravura no catálogo geral do acervo da Biblioteca Nacional	117
Figura 25 – <i>Parte d’huma ponte composta de aduelas de ferro, gravura de Inácio José de Freitas</i>	118

Figura 26 – Acondicionamento da matriz *Parte d'huma ponte composta de aduelas de ferro*119

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Pasta 1 - 9 matrizes em 6 chapas	133
Quadro 2 – Pasta 2 - 8 matrizes em 6 chapas	133
Quadro 3 – Pasta 3 - 16 matrizes em 14 chapas	134
Quadro 4 – Pasta 4 - 10 matrizes em 10 chapas	134
Quadro 5 – Pasta 5 - 11 matrizes em 10 chapas	135
Quadro 6 – Pasta 6 - 4 matrizes em 3 chapas	135
Quadro 7 – Pasta 8 - 8 matrizes em 8 chapas	135
Quadro 8 – Pasta 10 - 2 matrizes em 2 chapas	136
Quadro 9 – Pasta 11 - 7 matrizes em 7 chapas	136
Quadro 10 – Pasta 12 - 10 matrizes em 9 chapas	136
Quadro 11 – Pasta 15 - 12 matrizes em 10 chapas	137
Quadro 12 – Pasta 16 - 4 matrizes em 4 chapas	137
Quadro 13 – Pasta 17 - 6 matrizes em 6 chapas	137
Quadro 14 – Pasta 18 - 14 matrizes em 10 chapas	137
Quadro 15 – Pasta 20 - 8 matrizes em 8 chapas	138
Quadro 16 – Pasta 21 - 9 matrizes em 8 chapas	139
Quadro 17 – Pasta 22 - 15 matrizes em 14 chapas	139
Quadro 18 – Pasta 25 - 16 matrizes em 15 chapas	139
Quadro 19 – Pasta 26 - 20 matrizes em 20 chapas	140
Quadro 20 – Pasta 27 - 19 matrizes em 18 chapas	141
Quadro 21 – Pasta 28 - 21 matrizes em 20 chapas	141
Quadro 22 – Pasta 29 - 22 matrizes em 21 chapas	142
Quadro 23 – Pasta 30 - 22 matrizes em 21 chapas	142
Quadro 24 – Pasta 31 - 14 matrizes em 13 chapas	143
Quadro 25 – Pasta 32 - 20 matrizes em 20 chapas	144
Quadro 26 – Pasta 33 - 7 matrizes em 7 chapas	144
Quadro 27 – Pasta 35 - 20 matrizes em 20 chapas	145
Quadro 28 – Pasta 36 - 18 matrizes em 18 chapas	145
Quadro 29 – Pasta 37 - 19 matrizes em 19 chapas	146
Quadro 30 – Pasta 38 - 19 matrizes em 19 chapas	147
Quadro 31 – Pasta 39 - 8 matrizes em 8 chapas	147
Quadro 32 – Pasta 40 - 12 matrizes em 11 chapas	148
Quadro 33 – Pasta 42 - 20 matrizes em 20 chapas	148
Quadro 34 – Pasta 43 - 20 matrizes em 20 chapas	149
Quadro 35 – Pasta 51 - 8 matrizes em 6 chapas	150
Quadro 36 – Pasta 52 - 4 matrizes em 4 chapas	150

Quadro 37 – Pasta 53 - 4 matrizes em 4 chapas	150
Quadro 38 – Pasta 54 - 6 matrizes em 6 chapas	150
Quadro 39 – Pasta 55 - 6 matrizes em 5 chapas	151

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	17
2	ENTRE SABERES E IMAGENS: A COLEÇÃO DE MATRIZES E O PROJETO DE ORGANIZAÇÃO DO IMPÉRIO COLONIAL PORTUGUÊS NOS FINS DO SÉCULO XVIII	23
2.1	A Oficina do Arco do Cego	23
2.2	D. Rodrigo, Frei Veloso e o Arco do Cego	26
2.3	Representações visuais e mundo colonial	35
3	A COLEÇÃO DE MATRIZES: PERCURSOS E CONTROVÉRSIAS	49
3.1	Os livros de provas	51
3.2	A edição comemorativa de 1976	66
3.3	A edição do Museu Nacional de Belas Artes em 1988	69
3.4	A coleção hoje	70
4	O CATÁLOGO	77
4.1	Definições e normas	77
4.2	Metodologia	80
4.3	Resultados	97
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	121
	REFERÊNCIAS	123
	APÊNDICES	131
	APÊNDICE A – MATRIZES DA COLEÇÃO DA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL	133

1 INTRODUÇÃO

O trabalho de documentação, identificação e catalogação das matrizes de gravura produzidas pela Oficina Calcográfica do Arco do Cego, incorporadas à Real Biblioteca em 1813 e atualmente preservadas na Fundação Biblioteca Nacional, conduz à reflexão sobre os grupos sociais que produziram e utilizaram tais matrizes, bem como os que promoveram e continuam a promover a guarda da coleção em uma instituição de preservação de patrimônio cultural.

A definição implica a análise dos agentes envolvidos e das circunstâncias sociais, políticas e culturais em torno da criação da Oficina do Arco do Cego e da produção das matrizes de gravura.

Editar, em última análise, revela-se sempre um acto – e uma forma – de poder. Por isso a Casa Literária do Arco do Cego, pela sua evidente dependência de uma cultura instituída, transcende, em muito, os domínios da História da Edição ou da Gravura, envolvendo horizontes mais abrangentes da História Social, Económica e Política do período em análise (FARIA, 1999, p. 137).

As considerações de Faria (1999, p. 136) ressaltam o carácter interdisciplinar da Museologia, cabendo aos especialistas de diversos domínios científicos contribuir para a leitura e a renovação do significado da atuação e produção da Oficina do Arco do Cego, que não se restringe aos poucos anos em que existiu formalmente nem aos títulos que ela própria publicou. A Oficina deve ser considerada não apenas como um empreendimento editorial com interesses comerciais no setor livreiro e na produção de imagens, mas também como uma instituição norteada pelas convicções ideológicas e programáticas do Estado português e de seus respectivos agentes.

Curto (1999, p. 48-49) afirma que a Oficina do Arco do Cego traduz o projeto político de D. Rodrigo de Sousa Coutinho e que as fases da instituição, inclusive sua extinção, refletem as fases da atuação política do ministro. A produção de livros e gravuras versando sobre as ciências naturais também está associada a outras estratégias de validação do conhecimento científico e de difusão do gosto das elites, como o colecionismo, a criação de jardins botânicos e a constituição de gabinetes e museus.

Outra questão central para a compreensão dos valores atribuídos às matrizes de gravura é a relação estabelecida entre os sentidos e o intelecto, que remonta à filosofia grega pré-socrática, presumindo a possibilidade de alcançar o conhecimento por meio da apreensão da realidade pelos sentidos e não somente por elaborações intelectuais ou estudos retóricos de obras clássicas. A partir do século XVI, o sentido da visão adquiriu um papel crucial na cultura renascentista e na consolidação da ciência moderna, fundamentada na razão, na experimentação, na contemplação e na descrição da natureza. A representação gráfica, capaz de produzir representações aceitá-

veis da natureza, desempenhou um papel fundamental na construção do conhecimento, sendo incorporada à prática científica. As expedições científicas e militares de caráter geopolítico e naturalista contextualizam a expressiva produção gráfica no âmbito do Império português no século XVIII, subordinada à função geopolítica de reconhecimento e demarcação territorial e ao levantamento de espécimes naturais para o desenvolvimento das ciências em Portugal (FARIA; PATACA, 2005, p. 61-67).

Para além da análise do contexto de produção e uso das matrizes de gravura, deve-se considerar também os grupos sociais que promovem a guarda das coleções em instituições de preservação de património. Isto porque “identificar e credenciar memórias, [...] o cerne do ato de patrimonializar, será tudo menos uma seleção natural e inocente de eventos, personagens e rituais com origem no passado” (CADAVEZ, 2019, p. 68-69).

A musealização pode ser considerada como a extração física e conceitual de um objeto de seu meio cultural de origem, transformando-o em musealia, isto é, um objeto de museu, com o qual se estabelece a partir de então uma relação específica. O objeto assume o papel de evidência material do homem e seu meio, tornando-se uma fonte de estudo e de exibição, um documento representativo da realidade que constituía. Não se trata da mera transferência de um objeto para os limites físicos do museu, mas de uma mudança do estatuto do objeto, que adquire uma realidade cultural específica. A musealização como processo científico compreende o conjunto de atividades relacionadas à preservação (seleção, aquisição, gestão, conservação), pesquisa (catalogação) e comunicação (exposição, publicação) (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 56-58).

Stránský (1974 apud BRULON, 2017, p. 413-414), por sua vez, definiu a musealização como a expressão da tendência humana de preservar elementos da realidade objetiva que representam os valores culturais que o homem necessita conservar de acordo com interesses próprios, distinguindo-se de outras formas de conservação por operar a passagem/elevação da realidade material para a realidade cultural, museológica. A realidade musealizada, geralmente confundida com o conceito de património cultural, exige uma abordagem ativa que envolve a seleção, a tesauroização e a comunicação. Respectivamente: a retirada do objeto de sua situação original, a partir do reconhecimento de seu “valor museal” atestado por diferentes disciplinas científicas; a inserção do objeto no sistema documental de uma coleção ou museu e, por fim, a abordagem museológica da realidade, pela qual uma coleção ganha sentido, torna-se acessível e dissemina seu valor científico, cultural e educativo, sendo necessário para tanto que a coleção seja preservada.

Os conceitos de patrimonialização e musealização expostos acima justificam uma análise da materialidade da coleção de matrizes, com o intuito de identificar quais são estes bens materiais, elementos da realidade objetiva extraídos física e conceitualmente de seu meio cultural de origem, aos quais foram atribuídos valor de testemunho, de documento e de autenticidade com relação ao homem e seu meio. Justifica-se assim a necessidade de identificar as matrizes,

os gravadores, os materiais e as técnicas empregadas, as formas de produção, as condições de conservação das matrizes, as funções e a utilização das imagens. Medina-González menciona que os objetos experimentam mudanças de significados ao longo da história, de modo que tanto a significação como a valoração não são absolutas. Propõe a metodologia da “biografia cultural do objeto” para analisar as diferentes fases atravessadas por um artefato durante sua produção, uso, apropriação, descarte, reciclagem etc., com o propósito de analisar as consequências destes processos em sua materialidade e imaterialidade. Entre os dados contemplados nesta proposta de análise biográfica dos artefatos, a autora inclui a descrição fática (dados verificáveis documentalmente, como produção, usos, contexto, agentes envolvidos), a caracterização material/contextual (transformações materiais, mudanças de contexto ou lugar e de regime de propriedade ou proprietário), a formulação de significados (interpretações, recepções, representações), a análise de valores (surgimento e evolução de valores, diversidade e conflitos valorativos), os vínculos relacionais (eventos locais, nacionais e internacionais de influência para a valoração) e a reformulação conceitual (MEDINA-GONZÁLEZ, 2014, p. 37).

A valoração de um objeto como documento e testemunho autêntico está atrelada aos diversos domínios do conhecimento científico que estudam o homem e seu ambiente, mas é por meio de uma escala hierarquizada de valores criada pelo homem que se constitui o patrimônio. Ou seja, ainda que os critérios de documentalidade, testemunhalidade e autenticidade sejam pressupostos pelo olhar acadêmico revestido de legitimidade, os bens só se tornam bens porque o homem atribui significados e estabelece valores, sendo a atribuição de significados um dado estritamente cultural (GUARNIERI, 1984, p. 59-78) (GUARNIERI, 2010, p. 123-126).

Em relação à hierarquia segundo a qual a área disciplinar da Museologia está organizada – Museologia Geral, Museologia Especial e Museologia Aplicada, a pesquisa se insere no primeiro nível, sendo incontornável abordar “as questões essenciais inerentes aos museus e processos museológicos”, mas especialmente no terceiro nível, uma vez que a Museologia Aplicada compreende os estudos concernentes à cadeia operatória de procedimentos de salvaguarda e comunicação, isto é, procedimentos de conservação e documentação, exposições e ações científico-culturais. Tal cadeia operatória envolve tanto os procedimentos de natureza técnica quanto administrativa, relacionados ao planejamento, monitoramento e avaliação das ações de salvaguarda e comunicação. Conforme citado anteriormente, as atividades relacionadas à preservação (seleção, aquisição, gestão, conservação), pesquisa (catalogação) e comunicação (exposição, publicação) sustentam a musealização como processo científico. E conforme Medina-González, todos os processos envolvidos no ato museal, como a identificação, catalogação, estudo, conservação e exposição de bens patrimoniais têm implicações específicas em sua valoração (BRUNO, 2020, p. 19-28; MEDINA-GONZÁLEZ, 2014, p. 30-47).

Um dos principais objetivos desta dissertação consistiu em conhecer a história da Oficina do Arco do Cego e sua produção literária e imagética, assim como o processo de salvaguarda das matrizes calcográficas ali produzidas. O estudo buscou rastrear informações relacionadas

à materialidade da coleção e aos contextos históricos e socioculturais de produção e uso das matrizes, a fim de aprofundar a compreensão dos valores simbólicos desses artefatos e de sua relevância para a memória científica e cultural do Brasil. Além disso, o estudo investigou os processos de aquisição, preservação e difusão das matrizes, examinando sua trajetória enquanto coleção da Biblioteca Nacional, com o entendimento de que as práticas de documentação e gestão adotadas ao longo do tempo continuamente terão um impacto sobre a preservação e a valoração do patrimônio.

Outro objetivo estabelecido foi a catalogação das matrizes e a inclusão dos respectivos registros bibliográficos no catálogo geral do acervo da Biblioteca Nacional e no catálogo da Biblioteca Nacional Digital, contribuindo para ampliar a divulgação da coleção e facilitar o acesso a futuras pesquisas. Espera-se, sobretudo, que o trabalho realizado no âmbito desta dissertação seja um contributo para a identificação do conjunto total de matrizes, composto pelas coleções brasileira e portuguesa, esta sob a guarda da Imprensa Nacional-Casa da Moeda de Lisboa, e que promova o sentido de unidade da coleção e o trabalho colaborativo entre as instituições de guarda.

A dissertação está dividida em três capítulos.

O primeiro capítulo aborda o contexto histórico de atuação da Oficina do Arco do Cego, sua relação com a atividade política de D. Rodrigo de Sousa Coutinho e a atividade editorial de Frei José Mariano da Conceição Veloso. Nesse capítulo, são apresentadas algumas hipóteses acerca da criação do estabelecimento, o processo de instalação das oficinas e a estrutura de funcionamento da complexa organização. Também são abordadas as características das edições, fundamentadas no projeto editorial de valorização da imagem e da função informativa e documental das representações gráficas, justificando-se o investimento na produção maciça de gravuras pela Oficina Calcográfica. Uma contribuição significativa proporcionada por este capítulo foi o aprofundamento da compreensão das significações históricas e políticas da instituição e da produção desses registros imagéticos, inserindo-as no âmbito do chamado reformismo ilustrado português e de um programa de reformas de caráter pragmático e cientificista na estrutura administrativa e na política econômica, elaborado no final do século XVIII, com o objetivo de superar o atraso econômico e científico em relação aos países europeus mais desenvolvidos, evidenciar as potencialidades econômicas e a opulência natural do Império lusitano, preservar sua unidade e promover o crescimento integrado do Reino e de suas possessões ultramarinas.

O segundo capítulo contempla a coleção de matrizes preservada na Biblioteca Nacional e o exame de sua controversa trajetória desde o ano de 1813, quando foi recebida na Real Biblioteca do Rio de Janeiro. Nesse capítulo são descritos e analisados os livros de provas, a edição comemorativa de 1976, o trabalho de recuperação das chapas de cobre, além de uma edição conjunta de cinco matrizes promovida pela Biblioteca Nacional e pelo Museu Nacional de Belas Artes. Todas essas intervenções revelam que as escolhas e práticas institucionais deixam “marcas de manipulação” que modificam e moldam os objetos dentro das coleções.

O terceiro capítulo apresenta o catálogo propriamente dito das matrizes de gravura cuja identificação pôde ser realizada, a partir do cotejamento das matrizes com as estampas publicadas em 70 edições ilustradas, elencadas no *Catálogo Bibliográfico* publicado em 1999 na obra *A Casa Literária do Arco do Cego (1799-1801) – Bicentenário: “Sem livros não há instrução”*. Foram identificadas na coleção da Biblioteca Nacional as matrizes de 88 ilustrações, publicadas em 18 obras editadas pela Oficina de Simão Tadeu Ferreira (em 1798), Oficina (Patriarcal) de João Procópio Correa da Silva (entre 1798 e 1800), Casa Literária do Arco do Cego / Tipografia Calcográfica e Literária do Arco do Cego / Tipografia Calcográfica, Tipoplástica e Literária do Arco do Cego (em 1800 e 1801) e Impressão Régia (entre 1804 e 1806). Conforme averiguado no Capítulo 1, as edições do Arco do Cego passaram a ser feitas exclusivamente nas oficinas da casa somente a partir de outubro de 1800. O recurso a outras tipografias de Lisboa foi uma estratégia editorial para elevar os níveis de produção e houve casos em que as obras foram produzidas de forma mista, cabendo às oficinas do Arco do Cego a produção das ilustrações e a encadernação dos exemplares.

Em relação às matrizes utilizadas para a ilustração de quatro obras (*Atlas celeste*, *Curso elementar e completo de mathematicas-puras*, *Tractado da agua relativamente a economia rustica* e *O fazendeiro do Brazil cultivador*) identificamos indícios de complementaridade entre as coleções da Biblioteca Nacional e da Imprensa Nacional-Casa da Moeda de Lisboa.

As matrizes identificadas foram utilizadas para a ilustração de obras que abordam uma ampla gama de temas, como melhoramentos na economia agrícola, arquitetura de construções rurais, cultivo de espécies exóticas remetidas para o Brasil, melhoramento da navegação por canais, tática naval, astronomia, matemática, química, botânica e zoologia associadas à medicina e à saúde pública, história natural, poesia e gravura. Quase todas as matrizes identificadas representam imagens didáticas vinculadas aos temas abordados nos livros. São representações da fisionomia de espécies naturais, representações de inspiração enciclopedista ou, ainda, representações diagramáticas sem elementos ornamentais. Há algumas ilustrações do *Tratado da gravura* de Abraham Bosse e em apenas uma matriz, o frontispício alegórico *Hymnus Tabaci*, de Romão Eloy de Almeida, predomina o aspecto decorativo.

Cabe ressaltar nesta Introdução que, ao longo da pesquisa, o projeto inicialmente proposto para o Mestrado foi sofrendo alterações teóricas e metodológicas, particularmente após o Exame de Qualificação, pois a banca, formada pela professoras Ana Paula Medici e Ana Paula do Nascimento, propôs novos recortes e aprofundamento para a abordagem da Coleção. Nesse sentido, reiteramos os agradecimentos à contribuição das professoras.

Rio de Janeiro, julho de 2023

2 ENTRE SABERES E IMAGENS: A COLEÇÃO DE MATRIZES E O PROJETO DE ORGANIZAÇÃO DO IMPÉRIO COLONIAL PORTUGUÊS NOS FINS DO SÉCULO XVIII

2.1 A Oficina do Arco do Cego

A Oficina do Arco do Cego, também conhecida como Tipografia Calcográfica, Tipoplástica e Literária do Arco do Cego, foi um empreendimento editorial estabelecido nos arredores de Lisboa, na quinta do Intendente ou “quinta do Manique, no sítio denominado do Arco do Cego” (PINHEIRO, 1874, p. 15). O local de instalação da oficina situava-se na área que hoje abriga o Instituto Superior Técnico, próximo à Calçada de Arroios, onde D. Rodrigo de Sousa Coutinho residia. A quinta era uma pequena propriedade rural utilizada por ele e o Intendente Geral da Polícia, Diogo Inácio de Pina Manique, para diversos fins (LEME, 1999; PEREIRA, 2019).

Segundo as memórias de Pinheiro (1874, p. 15), tratava-se de um estabelecimento literário e tipográfico criado sob as vistas imediatas e proteção do ministro D. Rodrigo de Sousa Coutinho, cuja direção fora confiada a Frei Veloso, pensionista do Estado e incumbido de procurar colaboradores para a empreitada. As vantagens oferecidas para traduzir as obras designadas, escritas principalmente em língua francesa e inglesa, eram “aposentamento no edifício compreendendo as despesas de mesa, e sobretudo o conhecimento de nossas habilitações pelo governo”. O autor relata que entrou para o estabelecimento em 1º de agosto de 1799, data em que se mudou para a quinta do Manique, deixando o serviço em 20 de junho de 1801.

Em seu breve e profícuo período de atuação, entre agosto de 1799 e dezembro de 1801, a Oficina tornou-se um centro gráfico e editorial bem equipado. As diversas designações que recebeu ao longo de sua existência refletiram a expansão das áreas de sua atuação, bem como a centralização das funções ligadas a todos os segmentos da produção gráfica, visando à autossuficiência: Oficina da Casa Literária do Arco do Cego (1799); Tipografia Calcográfica e Literária do Arco do Cego (1800-1801); Tipografia Calcográfica, Tipoplástica e Literária do Arco do Cego (a partir de fevereiro de 1801) (LEME, 1999, p. 81).

Nesta última denominação da Oficina estavam contempladas as seguintes atividades gráficas e literárias: além da impressão tipográfica, havia as atividades da oficina calcográfica, isto é, a oficina-escola organizada por Joaquim Carneiro da Silva para promover o ensino das técnicas de gravura em metal, particularmente do buril e da água-forte sobre chapas de cobre (FARIA, 2021, p. 242-243) e, ao mesmo tempo, constituir um corpo autônomo de gravadores, essencial para a produção iconográfica, especialmente as ilustrações dos livros. Já a oficina tipoplástica era responsável pela fabricação de tipos móveis, vendidos na “loge da Officina Chalcografica ao Rocio” como “caracteres typographicos de toda a qualidade elegantemente abertos por Nacionaes” (BARTON, 1801, p. 86). Por sua vez, a vertente literária da Oficina incluía a redação, a tradução e a edição de textos literários, técnicos ou científicos.

Diversos significados foram atribuídos a este estabelecimento literário e tipográfico, considerado um projeto de caráter enciclopédico que fez uso instrumental da imagem impressa (DOMINGOS, 1999, p. 100) e promoveu a organização do saber. Em termos políticos, o estabelecimento da Oficina e sua produção editorial estão atrelados ao projeto de construção de um Império lusitano formado pela metrópole europeia e as colônias ultramarinas, que seria alcançado por meio de políticas reformistas ilustradas, formuladas no final do século XVIII com a colaboração de colonos nascidos na América portuguesa (LYRA, 1994; MAXWELL, 1999; NOVAIS, 2005; CURTO, 1999).

O chamado reformismo ilustrado português consistiu em um amplo programa de reformas educacionais e administrativas, baseado em uma concepção de império caracterizado pela unidade política e relação de parceria e interdependência entre o Reino e as possessões coloniais ultramarinas, cabendo a todos contribuir para a defesa e o engrandecimento da monarquia portuguesa. As reformas de caráter pragmático e cientificista na estrutura administrativa e na política econômica tinham como objetivo modernizar o Estado português, superar o atraso econômico e científico em relação aos países europeus mais desenvolvidos e, sobretudo, preservar a unidade do Império lusitano, promovendo seu crescimento integrado e “tornando comuns e relacionados os interesses das partes”. Buscava-se estabelecer uma interdependência que preservasse o sistema, a ordem social e os domínios ultramarinos, particularmente a América portuguesa, e pretendia-se mitigar as tensões entre metrópole e colônia, bem como os movimentos emancipacionistas e revolucionários significativos que pudessem promover rupturas radicais nas estruturas vigentes (LYRA, 1994, p. 64).

Em meio à crise do sistema colonial do Antigo Regime no final do século XVIII, a Oficina do Arco do Cego teria um papel na divulgação do pensamento científico e do conhecimento experimental, necessários ao programa de reformas no qual estava embutido o projeto político de conversão do “antigo e debilitado império colonial em um novo estado imperial”. Este projeto foi concebido pela geração reformista de estadistas e intelectuais ilustrados luso-brasileiros (geração de 1790), como um movimento objetivo de modernização do Império e como resposta às perspectivas revolucionárias também marcadas pelo pensamento ilustrado (LYRA, 1994, p. 49).

A produção editorial da Oficina do Arco do Cego deveria contribuir para a aplicação prática, a serviço do Estado, dos saberes coletados por homens ilustrados de várias partes do Império português ou produzidos na Universidade de Coimbra. Esta produção editorial reflete os esforços da Coroa portuguesa e de D. Rodrigo de Sousa Coutinho, figura representativa do reformismo ilustrado português, para articular a investigação científica e os princípios iluministas a um programa de governo capaz de enfrentar a crise política do sistema colonial e evitar a ruptura da unidade imperial. E ainda promover melhorias na administração e no desenvolvimento integrado do Império (LYRA, 1994).

Os esforços da Coroa portuguesa envolveram: o estudo da natureza e a organização

do conhecimento científico; a coleta de informações sobre os recursos naturais, características geográficas e potencial econômico dos territórios lusitanos interdependentes, por meio de estudos apresentados à Academia Real das Ciências de Lisboa, elaboração de memórias e realização de viagens filosóficas, por exemplo; o estímulo às atividades agrícolas, mineradoras e manufatureiras, bem como ao comércio, por meio do aprimoramento das técnicas de produção, diversificação dos produtos agrícolas, criação de jardins botânicos, exploração de minério de ferro, desenvolvimento da indústria siderúrgica e produção de salitre, dentre outros; o mapeamento do território; a restauração da marinha; a expansão das vias de comunicação e o aprimoramento da navegação fluvial, essenciais para impulsionar o comércio madeireiro, fortalecer a indústria naval e estimular o dinamismo comercial; e o estímulo ao comércio intercolonial, articulando os setores visados pela administração (LYRA, 1994).

Diversos letrados nascidos na América portuguesa, alguns diplomados na Universidade de Coimbra ou que ocuparam cargos políticos relevantes nos governos posteriores, foram mobilizados para participar da tradução de estudos sobre agricultura, ciências e artes, ou para coletar dados e elaborar estudos sobre os recursos naturais e práticas agrícolas existentes, possibilitando a disseminação do conhecimento experimental e a formulação de diretrizes para incrementar as atividades econômicas nas colônias ultramarinas. Esses colaboradores desempenharam um papel ativo na execução do programa reformista ilustrado, tinham consciência de sua contribuição no projeto e reconheciam a América portuguesa como parte integrante do Império português. Dentre eles, citam-se: Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Hipólito José da Costa, Manoel Jacinto Nogueira da Gama, Vicente Coelho de Seabra Silva Telles, José da Silva Lisboa e João Manso Pereira (LYRA, 1994, p. 83-86).

As iniciativas para a construção de um Império português articulado estão espelhadas em títulos publicados pela Oficina do Arco do Cego ou nos demais “trabalhos literários” de Frei Veloso, como: *Tratado sobre o canamo*, traduzido por Martim Francisco Ribeiro de Andrada em benefício da agricultura e da marinha do Reino e domínios ultramarinos (1799); *Quinografia portuguesa ou Collecção de varias memorias sobre vinte e duas especies de quinas, tendentes ao seu descobrimento nos vastos dominios do Brasil*, coligida por Frei Veloso (1799); *Memoria sobre a cultura do arros em Portugal e suas conquistas*, de Vicente Coelho de Seabra Silva Telles (1800); *Principios de Direito Mercantil e leis de Marinha para uso da mocidade portugueza, destinada ao commercio*, de José da Silva Lisboa (1801); *Memoria sobre o methodo economico de transportar (sic) para Portugal a agua-ardente do Brazil com grande proveito dos fabricantes, e commerciantes*, de João Manso Pereira (1798); *Memoria sobre a caneleira, para acompanhar a remessa das plantas, que O Principe N. Senhor manda transportar para o Brazil* (1797).

Como observa Ermelinda Pataca a respeito das viagens filosóficas pela América portuguesa,

A investigação colonial, ao mesmo tempo que assumiu uma dimensão local na investigação minuciosa dos produtos naturais, também revelou

dimensões imperiais nas ligações entre as colônias, por meio do movimento das viagens no espaço colonial, da troca de animais e vegetais pelas práticas de aclimação de espécies e pela criação de novas técnicas para transportar as coleções de produtos naturais pelas vias fluviais, marítimas e terrestres (PATACA, 2019, p. 156).

Em uma das obras editadas por Frei Veloso, *Instruções para o transporte por mar de arvores, plantas vivas, sementes, e de outras diversas curiosidades naturaes*, publicada em Lisboa pela Impressão Régia em 1805, o autor apresenta técnicas desenvolvidas em suas próprias viagens, provavelmente utilizadas por outros naturalistas do período (PATACA, 2019, p. 179-180). Frei Veloso indica diversas técnicas de transporte e as cautelas necessárias para evitar a perda de espécies vegetais ou outras curiosidades naturais, como conchas e pedras, na remessa para lugares distantes. Fornece orientações para registrar o nome das espécies, seu uso na alimentação, na medicina ou nas artes, as condições de cultivo e as precauções a serem adotadas pelos responsáveis no encaminhamento ou recebimento das remessas.

No século XVIII, a influência da fisiocracia no pensamento português foi significativa e deixou sua marca na obra de Frei Veloso. As formulações econômicas e políticas da época foram fortemente influenciadas por essa corrente de pensamento, segundo a qual a verdadeira fonte de riqueza de uma nação seria a terra, seus frutos e suas produções, bem como e especialmente a comercialização desses gêneros, ampliando-se a concorrência com outras nações. A atividade agrícola e a exploração da terra seriam a base da prosperidade da Nação portuguesa e de sua regeneração social, econômica e moral. Nesse contexto, os esforços para promover o desenvolvimento metódico e racional do trabalho rural, embasado em princípios científicos, incluíam a prática de aclimação de espécies úteis para fomentar a agricultura na América portuguesa e a tradução de memórias estrangeiras sobre práticas agrícolas realizadas em localidades distintas. Tais práticas eram condizentes com as concepções de Frei Veloso sobre a universalidade do conhecimento científico, a aplicabilidade dos ensinamentos a quaisquer regiões e o utilitarismo da natureza, e compatíveis com o estabelecimento de relações e comunicações entre as regiões coloniais promovido no Império português (FILGUEIRAS, 2019; NUNES; BRIGOLA, 1999; PATACA, 2019). Lembrando-se que universalidade do conhecimento e sua rigorosa aplicabilidade dependiam da escrita e especialmente das imagens, ilustrativas das técnicas e das produções a serem incentivadas.

2.2 D. Rodrigo, Frei Veloso e o Arco do Cego

O documento legal de constituição da Oficina ainda não é conhecido e nele presumivelmente constariam as razões que fundamentaram a sua criação, vinculada à atuação política de D. Rodrigo de Sousa Coutinho no reinado de D. Maria I como Secretário de Estado dos Negócios da Marinha e Domínios Ultramarinos, entre 1796 e 1802. D. Rodrigo foi o mentor do empreendimento editorial suportado financeiramente pela Coroa, assim como o responsável pela escolha de Frei Veloso para a sua direção (LEME, 1999, p. 77).

A convergência de pontos de vista sobre a política de desenvolvimento da América portuguesa propiciou a estreita colaboração entre o ministro Sousa Coutinho e Frei Veloso. Mesmo não sendo possível especificar os contributos pessoais de cada um na concepção e execução do programa editorial da Oficina, esta pode ser interpretada como uma etapa do programa editorial confiado por D. Rodrigo de Sousa Coutinho a Frei Veloso, em continuidade aos “trabalhos literários” de divulgação de conhecimentos práticos e técnicos, em curso desde 1797 e impressos por uma rede de tipografias lisboetas (FARIA, 1999, p. 111 e 115). Tal programa editorial, apresentado no prefácio do primeiro tomo de uma das obras mais emblemáticas de Frei Veloso, *O Fazendeiro do Brazil*, tinha o objetivo de

ajuntar, e trasladar em Portuguez todas as Memorias Estrangeiras, que fossem convenientes aos Estabelecimentos do Brasil, para o melhoramento da sua economia rural, e das Fabricas, que della dependem, pelas quaes ajudados, houvessem de sahir do atrazo, e atonia, em que actualmente estão, e se pozessem ao nivel, com os das Nações nossas vizinhas, e rivaes no mesmo Continente, assim na quantidade, como na qualidade dos seus generos, e producções (VELOSO, 1798, p. i).

Pereira (2019, p. 107-109) analisa a parceria entre o naturalista e o ministro como uma progressiva imersão de Frei Veloso na rede clientelar de D. Rodrigo, própria de uma cultura política de Antigo Regime. A aproximação entre ambos teria sido uma iniciativa do religioso, visando solucionar o impasse da publicação da *Flora Fluminense*. Além disso, o autor critica o insistente protagonismo continuamente dado a Frei Veloso:

Na atual historiografia, a questão continua a ser tratada de maneira semelhante: Veloso traduziu, Veloso publicou, Veloso tinha planos. Ou seja, muitos dos autores contemporâneos insistem em imaginar que o frade naturalista atuava segundo seus próprios desígnios, em especial na fase prévia à Oficina Calcográfica. Outros ainda continuam atribuindo ao franciscano o papel preponderante na criação e na orientação editorial do empreendimento da Arco do Cego. Que Veloso se tornara uma figura poderosa no meio intelectual português do período, não há dúvidas. Contudo, há que se lembrar sempre que era detentor de um poder derivado. Mesmo na área da difusão de conhecimento sobre plantas consideradas úteis à economia, que costumamos vincular à esfera de interesse de Veloso, era a dom Rodrigo que muitas vezes cabiam as "sugestões" sobre o que publicar (PEREIRA, 2019, p. 110).

As atividades editoriais de Frei Veloso tiveram origem, como mencionado, nas tentativas de publicação da *Flora Fluminense* (PATACA, 2019, p. 182). Motivado pela intenção de publicar a obra resultante da Expedição Botânica à qual dedicara cerca de oito anos de sua vida (1783-1790), o naturalista mudou-se para Lisboa acompanhando a comitiva de D. Luís de Vasconcelos e Sousa, que fora vice-rei do Brasil, sendo acolhido na residência de seu patrono. No entanto, embora esta tenha sido a razão da mudança de Frei Veloso para a Europa, o religioso não iniciou

um projeto editorial próprio antes de sua parceria com D. Rodrigo e não foi arregimentado pelo ministro por este motivo. Frei Veloso desempenhou um papel coadjuvante no projeto político e econômico conduzido por D. Rodrigo, atuando como seu braço direito editorial antes mesmo da instalação da Oficina do Arco Cego, como demonstram as obras impressas em outras oficinas de Lisboa (PEREIRA, 2019, p. 111, 116). Por exemplo, a *Alographia dos alkalis fixos vegetal ou potassa, mineral ou soda e dos seus nitratos, segundo as melhores memorias estrangeiras, que se tem escripto a este assumpto*, publicada em 1798 pela oficina de Simão Tadeu Ferreira. A primeira edição desta obra teria sido impressa em 1793 pela mesma oficina, contendo as mesmas ilustrações, porém com o título *Alographia vegetal da potassa, mineral ou soda e de seus nitratos, segundo as melhores memorias estrangeiras, que se tem escripto a este assumpto* (MORAES, 1983, p. 893).

Na análise de Magnus Pereira, inicialmente Frei Veloso foi envolvido no projeto de produção de salitre, em sua vertente editorial. O salitre era essencial para o fabrico da pólvora e “a descoberta, exploração e beneficiamento desse sal era fator estratégico e ponto determinante de inúmeras demandas políticas de grandes nações europeias nos séculos passados” (FARIA; FILGUEIRAS, 2021, p. 519). Assim, a origem da Oficina estaria relacionada ao denominado Projeto Salitre do ministro Sousa Coutinho e ao *modus operandi* desta figura central, que articulou estes dois projetos visando solucionar certas limitações produtivas em áreas estratégicas para Portugal. Alcançar a autossuficiência na produção de salitre e superar a necessidade de importação deste composto era uma política que demandava um saber científico. Esta demanda teria desencadeado o projeto editorial de D. Rodrigo, ciente de que a introdução, a produção e a exploração de novos produtos nos territórios da Coroa portuguesa requeriam iniciativas metódicas e ilustradas em múltiplas esferas de ação. O *modus operandi* de D. Rodrigo, delineado por Pereira, pode ser sintetizado nos seguintes passos: recrutar colaboradores com formação ou conhecimento sobre o tema escolhido; reunir e fazer circular a bibliografia estrangeira disponível entre as equipes mobilizadas; tornar tal bibliografia acessível a um público maior, em língua portuguesa, mediante a tradução e a publicação sistemáticas. Em seguida, iniciar a produção em escala experimental, imprimir novas publicações explicitando as melhorias tecnológicas obtidas e, por fim, apropriar-se delas através da produção em escala ampliada. O *modus operandi* de D. Rodrigo – editar, experimentar, desenvolver a produção – aplicou-se também a outros produtos, como a potassa, a quina e a cochonilha, de modo que as obras editadas na Oficina revelam a agenda de prioridades do ministro Sousa Coutinho (PEREIRA, 2019, p. 113-119).

A parceria editorial entre D. Rodrigo e Frei Veloso no projeto de produção de salitre teve início com a obra *Extracto do modo de se fazer o salitre nas fabricas de tabaco da Virginia*, de Jeremias Brown, impressa em 1797 na oficina de João António da Silva (PEREIRA, 2019, p. 117). Paralelamente à atividade editorial, Frei Veloso atuou em outras frentes: na criação de uma nitreira artificial na quinta do Arco do Cego; na instrução de naturalistas luso-brasileiros arregimentados pelo ministro Sousa Coutinho e comissionados pela Coroa portuguesa, como João Manso Pereira; na realização de experiências com insumos enviados das colônias.

Uma outra proposição acerca da criação da Oficina do Arco do Cego foi apresentada por Faria (2019, p. 209), para quem a execução do projeto de impressão da *Flora Fluminense* culminou na instalação de uma oficina tipográfica e calcográfica em Lisboa, como uma solução nacional para a produção das gravuras e a edição da obra.

O autor decompõe o processo de impressão da *Flora Fluminense* em diversas experiências anteriores à instalação da Oficina, ressaltando as relações entre os homens de ciência e seus patronos na sociedade portuguesa do final do Antigo Regime. De início, a *Flora Fluminense* obteve reconhecimento no âmbito político e científico, de modo que o abade José Francisco Correia da Serra, secretário da Real Academia das Ciências de Lisboa, propôs financiar a sua impressão em 1791. Uma negociação com uma oficina veneziana para a produção das estampas que ilustrariam a obra foi iniciada por via diplomática. No entanto, diversos fatores conturbaram este processo: as divergências orçamentárias sobre o custo das estampas; o ritmo da produção anual das matrizes; a deterioração do relacionamento entre o abade Correia da Serra e Frei Veloso; a provisão obtida por este junto ao Marquês de Ponte de Lima, presidente do Real Erário, para custear a edição da obra; a proposta de Correia da Serra para reduzir o número de espécies descritas e, por conseguinte, os custos da obra; e a dilatação do prazo para a entrega do primeiro tomo, solicitada pela oficina veneziana alegando dificuldades de navegação impostas pela Revolução Francesa. Por fim, os trabalhos encomendados à oficina em Veneza foram suspensos por Ponte de Lima e nunca mais retomados (FARIA, 2019, p. 213-217).

O projeto de impressão da *Flora Fluminense* seguiu adiante com a transferência do trabalho de abertura das chapas para a Fundação do Arsenal Real do Exército, onde foi destacado o oficial Manuel Luís Rodrigues Viana, que deu início aos trabalhos em 1795. É possível que o ritmo e a qualidade da produção de Viana tenham motivado um requerimento de Frei Veloso ao ministro D. Rodrigo em 1797, solicitando mais dois gravadores da Fundação e apresentando um plano pormenorizado¹ para a execução das gravuras. A este requerimento, seguiu-se um ofício expedido por D. Rodrigo de Sousa Coutinho ao Tenente-General Bartolomeu da Costa, responsável pelo Arsenal Real do Exército, em 27 de abril de 1797. No documento, D. Rodrigo solicitava dois ou três abridores da Fundação do Arsenal para a execução das ilustrações da *Flora Fluminense*, sob a orientação de Frei Veloso. Além de Manuel Luís Rodrigues Viana, outro abridor da Fundação identificado nas estampas inseridas em obras ligadas ao religioso, publicadas entre 1797 e 1798, é Nicolau José Correia (FARIA, 2019; VELOSO, 2018).

Naquela mesma data, D. Rodrigo expediu outros três ofícios versando sobre a edição da obra. A Fernando Lobo Palha e Almada, da Real Junta da Fazenda da Marinha, determinou a encomenda de todo o cobre polido para chapas de abrir estampas e todo o papel que fossem

¹ *Cálculo do que póde importar 2000 chapas, de que consta a obra Florae Fluminensis de que hé autor Fr. José Mariano da Conceição Vellozo segundo os preços ordinários de Lisboa.* O documento conservado no Arquivo Histórico Ultramarino (Lisboa), fundo do Ministério do Reino, está transcrito no apêndice documental do ensaio *A Florae Fluminensis de Frei José Mariano da Conceição Vellozo e a gênese da Casa Literária do Arco do Cego* (FARIA, 2019, p. 234-235).

solicitados por Frei Veloso. A Domenico Vandelli, diretor do Real Jardim Botânico da Ajuda, solicitou a entrega dos volumes originais da *Flora Fluminense* ali depositados e o auxílio do naturalista paduano nos trabalhos que seriam empreendidos por Frei Veloso, delineando a possibilidade de inseri-los em um projeto mais amplo, coordenado por Vandelli: a edição de uma *História Natural das Colônias Portuguesas*, “obra monumental destinada à afirmação da imagem iluminada da Monarquia Portuguesa” (FARIA; PATACA, 2005, p. 92), projeto malgrado devido à conjuntura internacional decorrente da Revolução Francesa. Por fim, o terceiro e último ofício expedido por D. Rodrigo foi encaminhado ao próprio Frei Veloso, informando-o de suas determinações (FARIA, 2019; VELOSO, 2018).

Na análise de Faria (1999, p. 110-111), este conjunto documental registra a criação de uma equipe gráfica para a concretização da *Flora Fluminense*, que pode ser identificada como a estrutura humana inicial da Casa Literária do Arco do Cego, estabelecimento que provavelmente já funcionava de modo informal desde a designação dos gravadores da Fundação do Arsenal. A vertente iconográfica da *Flora Fluminense*, que exigia um número elevado de ilustrações, foi decisiva no processo de edição da obra. A progressiva consciência da dificuldade de sua execução teria levado Frei Veloso a almejar o controle de todos os segmentos da produção gráfica, apresentando ao ministro Sousa Coutinho, em 1797, o plano pormenorizado para a execução das gravuras. O plano era em si uma inspiração para a instalação de uma oficina tipográfica e calcográfica autossuficiente e de produção continuada, isto é, destinada à produção de outras obras além da própria *Flora Fluminense* (FARIA, 2019, p. 215, 220).

As soluções propostas por Frei Veloso, como a criação de equipes de gravadores e de infraestrutura para a execução do trabalho, acabaram concretizando-se posteriormente na Casa Literária do Arco do Cego. A *Flora Fluminense*, no entanto, permaneceu inédita e percorreu ainda um longo caminho até a sua publicação, iniciada em 1825 com a edição parcial das descrições em latim pela Tipografia Nacional, no Rio de Janeiro (BEDIAGA; LIMA, 2015, p. 99). O primeiro livro impresso pela Oficina da Casa Literária do Arco do Cego foi a *Memoria sobre a cultura dos algodoeiros, e sobre o methodo de o escolher, e ensacar, etc. em que se propoem alguns planos novos, para o seu melhoramento*, de Manuel Arruda da Câmara, publicado em 1799 (LEME, 1999, p. 81).

A partir da análise de dois documentos de natureza administrativa² conservados no Arquivo da Imprensa Nacional-Casa da Moeda em Lisboa, Domingos (1999, p. 91-93) traça um panorama da economia da edição na Oficina do Arco do Cego. Aspectos dignos de nota

² Os documentos analisados são: um livro manuscrito intitulado *Continuação das despesas dos trabalhos litterarios encarregados por S. Alteza Real o Principe Regente Nosso Senhor ao Muito Reverendo Padre Mestre Frei Joze Mariano da Conceição Vellozo*, contendo os registros das despesas, divididos em rubricas, de junho de 1799 a outubro de 1801; e um documento manuscrito avulso intitulado *Caixa Da Receita, e Despeza da Officina Litteraria do Arco do Cego A Cargo do Thezour.º Marcos Aurelio Rodrigues, desde 2 de Abril the 9 de Dezembro de 1801. Na Conformidade do Avizo do Ill.º e Ex.º Sr.º D. Rodrigo d’Souza Coutinho Ministro e Secretario d’Estado dos Negocios da Fazenda, etc. etc. etc.* (LEME, 1999, p. 89).

são o caráter rudimentar da contabilidade praticada no estabelecimento e a ausência de maiores preocupações quanto à suficiência econômica e ao equilíbrio financeiro da Oficina, contrariamente ao que acontecia com a Impressão Régia, dada a garantia dos recursos para o pagamento das despesas relativas às instalações, equipamento, pessoal especializado e matérias-primas. Apesar da ausência de elementos comparativos para enquadrar os valores apurados, a autora busca esclarecer, através da análise dos gastos agrupados sob certas rubricas, as opções de Frei Veloso à frente das oficinas.

As despesas referentes à construção das instalações e ao equipamento técnico da Oficina foram registradas ao longo de toda a sua existência, levando a crer que ambos os processos se realizaram em etapas e ocorreram de forma paulatina (DOMINGOS, 1999, p. 95). Quase a metade das despesas totais do empreendimento refere-se à produção das obras, isto é, às atividades de impressão, gravação, estampagem, iluminação, fundição e encadernação. Dentre estas, a gravação gerou a maior parte dos gastos, devido principalmente à contratação de pessoal especializado na área da gravura, justificada pela presença marcante que a imagem impressa atingiu nas edições da Oficina, singularidade inovadora na história da edição em Portugal (FARIA, 2000-2001, p. 27).

O recurso a outras tipografias conhecidas de Lisboa, como a de Simão Tadeu Ferreira, a de João Procópio Correa da Silva, impressor da Santa Igreja Patriarcal, a de António Rodrigues Galhardo, impressor da Casa do Infantado, bem como a Régia Oficina Tipográfica (Impressão Régia), foi constante e pode ter sido uma estratégia editorial para atingir elevados níveis de produção. Por outro lado, demonstra que o fornecimento do equipamento tipográfico dependia desses agentes. As impressões passaram a ser feitas exclusivamente nas oficinas da Casa Literária somente a partir de outubro de 1800. Houve casos em que as obras foram produzidas de forma mista, sendo a impressão tipográfica realizada em oficinas diversas e a produção das ilustrações, bem como a encadernação dos exemplares, executadas no Arco do Cego (DOMINGOS, 1999, p. 96-97).

Em relação ao acabamento das edições, havia opções variadas de papéis, couros e formatos de encadernação, incluindo desde pequenos folhetos até “encadernações de qualidade única, produzidas apenas para o Príncipe Regente, em marroquim, quando não em folhas douradas”. Mencione-se, por exemplo, a obra *Arte de fazer a cola forte*, da qual existem os registros de impressão, estampagem e encadernação de mil exemplares na Casa Literária, tendo sido anotada em fevereiro de 1800 a “encadernação em marroquim dos dois exemplares habitualmente destinados a Sua Alteza Real” (DOMINGOS, 1999, p. 98-99).

Vultosas foram as despesas com as matérias-primas³, especificamente papel e cobre, este último necessário para a abertura das matrizes de gravura, incluindo as que compõem a

³ Os gastos com matérias-primas correspondem a 25% das despesas totais geradas ao longo dos meses de existência da Oficina. Deste montante, os papéis representaram 92% dos gastos com matérias-primas, enquanto o cobre representou apenas 8% (DOMINGOS, 1999, p. 94, 100).

coleção ora estudada. A opção de Frei Veloso de adquirir os melhores materiais do mercado fica explicitada nos registros de compra de papéis franceses, holandeses, ingleses, genoveses, junto a negociantes estrangeiros, sendo escassa a aquisição de papéis de fabricação nacional, oriundos da Lousã (DOMINGOS, 1999, p. 100).

A principal fonte de financiamento do estabelecimento foram as verbas atribuídas para a execução dos “trabalhos literários” de Frei Veloso, sob uma designação geral, inferindo-se serem pagas pela Secretaria de Estado da Marinha e Domínios Ultramarinos, que tutelava o projeto. As receitas próprias obtidas pela Oficina provieram do comércio de livros e de matérias-primas. As receitas geradas pela venda dos livros foram diminutas. Em Lisboa houve uma loja da Oficina Calcográfica no Rossio, que ficou a cargo de João Nunes Esteves. As exportações de livros para a América portuguesa, feitas desde o início do empreendimento e com certa frequência, renderam uma fração ínfima dos recursos investidos. Houve também a tentativa de edições em fascículos por subscrição, exemplificada pela obra *Aviario brasilico, ou Galleria ornithologica das aves indigenas do Brasil*, da qual apenas o fascículo inicial foi publicado, em 1800. O plano da obra previa a apresentação de seis pássaros em cada fascículo, contendo estampas “abertas em ponto maior, para que possam servir para quadros, no caso de que se queirão servir delles para este fim” e textos instrutivos sobre as aves, baseados em célebres ornitólogos como Georges-Louis Leclerc, conde de Buffon, e Mathurin-Jacques Brisson. A subscrição seria feita no estabelecimento da Viúva Bertrand e Filho, ao Chiado, e na “logea da Gazeta”(VELOSO, 1800, Plano do *Aviario brasilico*). Quanto às matérias-primas, assinala-se a venda de materiais para encadernação, tais como peles de animais e papelão, e a venda de “papel ordinário” e “papel pintado”, tratando-se possivelmente de estoques excedentes ou de papéis produzidos na própria Oficina (DOMINGOS, 1999, p. 92, 100-103).

Uma estratégia para divulgar e fazer circular os livros foram os conhecidos catálogos inseridos no final das edições, informando as obras impressas na Casa Literária e as que se encontravam no prelo, assim como os locais de venda das obras anunciadas e os demais produtos disponíveis na loja do Rossio:

Estas obras se vendem na loge da Officina Chalcografica ao Rocio. Na da Viuva Bertrand e Filho ao Chiado. Na de Estevão Semiond em Coimbra. Na de Antonio Alvares Ribeiro no Porto.

Na mesma loge ao Rocio se vendem tambem Retratos em preto, e illuminados, gravados por artistas Portuguezes; e caracteres typographicos de toda a qualidade elegantemente abertos por Nacionaes (BARTON, 1801, p. 86).

Os catálogos das obras impressas na Casa Literária, inseridos no final das edições, apresentavam-se de forma variada e podiam referir-se às obras de Medicina, Agricultura, Pintura, Desenho, Botânica, Obras Náuticas e Obras Poéticas. Entre algumas variações conhecidas, o catálogo inserido na *Alographia dos alkalis fixos vegetal ou potassa*, impressa em 1798 pela

Oficina de Simão Tadeu Ferreira, anuncia os livros impressos sob a direção de Frei Veloso, tanto ali como em outras oficinas de Lisboa. Já no catálogo do *Manual pratico do lavrador, com hum tratado sobre as abelhas*, impresso em 1801 pela Tipografia Calcográfica e Literária do Arco do Cego, são anunciados os livros ali impressos, sendo que alguns títulos foram publicados com data e imprenta diferentes das anunciadas. Outro exemplo de variação nos catálogos de obras impressas ocorre na obra *As plantas*, poema de René Richard Castel, traduzido por Bocage e publicado em 1801 pela Tipografia Calcográfica, Tipoplástica e Literária do Arco do Cego. Embora dois exemplares consultados⁴ apresentem o catálogo das obras poéticas, com conteúdo e diagramação da página muito semelhantes, há diferenças em relação à quantidade e à ordem de citação dos títulos. Além disso, os títulos atribuídos diferem quanto aos termos empregados (por exemplo, *Poema sobre as façanhas dos Portuguezes* e *Canto Heroico sobre as façanhas dos Portuguezes*) e quanto à escolha tipográfica pela utilização, ou não, de travessões para substituir termos repetidos, indicados em itens anteriores. Há de se lembrar, ainda, que alguns títulos que estavam “Debaixo do Prelo” na Oficina do Arco do Cego permaneceram inéditos (LEME, 1999, p. 83).

A complexidade da organização da Casa Literária e do trabalho envolvendo diversos estabelecimentos simultaneamente, em “um verdadeiro vai-e-vem de materiais impressos, abertura de gravuras e estampagem, acabamentos e encadernações”, suscita questões no âmbito da história material da edição, relativas à execução das obras e às possibilidades materiais e técnicas que condicionaram a produção editorial. A obtenção das obras em quantidades elevadas só foi possível graças a “um plano de edição bem gizado e consistente, permitindo a impressão de variados volumes ao mesmo tempo, com um amplo e garantido financiamento, independente das condições de venda e do escoamento da edição” (DOMINGOS, 1999, p. 97). Ou seja, o que menos importava para os mentores da proposta era a venda ou eventual retorno financeiro direto dos enormes investimentos humanos e materiais feitos. O ponto central estava na produção textual e imagética de um inventário das riquezas e potencialidades territoriais dos domínios coloniais, com vistas à montagem de estratégias para conservar, explorar e se possível expandir as regiões que compunham o Império, fazendo frente à competição de nações mais poderosas como a Grã-Bretanha e a França.

A propósito da dificuldade gerada pela distribuição da produção dos livros entre diversos estabelecimentos, pode-se dizer que tanto a escolha tipográfica quanto a composição das páginas segundo um mesmo projeto gráfico contribuíram para a obtenção de impressões harmônicas e uniformes, ainda que executadas em diferentes tipografias. Os tipos modernos preferidos de Frei Veloso para a composição das obras da Casa Literária foram os tipos Didot, criados pelo francês Firmin Didot por volta de 1783. Suas características inovadoras foram a regularização da largura de todas as letras, que passaram a ter uma largura média, e o abandono da inclinação

⁴ Cópias digitais disponíveis na Biblioteca Nacional Digital de Portugal (<https://purl.pt/11800>) e no acervo digital da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5294>), acessadas em 14/12/2022.

das hastes circulares, que passaram a ter um eixo de inclinação perpendicular à linha de base, sobre a qual se assentam os caracteres. As letras apresentavam grande contraste de espessura das hastes e, além disso, serifas finas, possibilitadas pela evolução das técnicas de fabricação de tipos ocorrida no século XVIII (LIMA, 2019, p. 295-296, 301). Lima (2019, p. 310) refere-se aos tipos Didot como “fonte tipográfica representativa do racionalismo francês” do período das Luzes e considera significativa a associação entre esta fonte tipográfica e o empreendimento editorial do Arco do Cego.

A vertente tipoplástica da Casa Literária do Arco do Cego, relacionada à fabricação e ao uso de tipos móveis, foi a última função agregada ao nome do estabelecimento e é seu aspecto menos estudado (LIMA, 2019, p. 293). Dentre as escassas informações existentes sobre a aquisição dos caracteres, sabe-se que a letra fundida era encomendada à Impressão Régia ou comprada a João Procópio Correa da Silva (DOMINGOS, 1999, p. 96). Segundo Faria (2000-2001, p. 48), a atuação da oficina no fornecimento de tipos móveis a outras tipografias do Reino não se encontrava devidamente investigada, havendo que examinar algumas notícias existentes. Em correspondência dirigida a D. João Rodrigues de Sá e Melo, Visconde de Anadia, em junho de 1801, D. Rodrigo afirmava que a Oficina do Arco do Cego “até nos segura a fundição, e abrigação de caracteres, de que possam prover-se as tipografias do reino”.

O anúncio de caracteres tipográficos à venda na loja do Rossio indica que havia uma produção contínua e suficientemente numerosa. Sendo “abertos por nacionais”, deduz-se a atividade de abridores de cunhos ou punções, responsáveis pela etapa inicial do processo de fabricação dos tipos, anterior à fundição. O gravador Manuel Luís Rodrigues Viana, já mencionado anteriormente, era abridor de tipos; Vitoriano da Silva, referido como gravador de paisagem e ornato na *Lista de todas as pessoas que se achão . . . na factura das obras literarias do Arco do Cego*⁵, deixou de constar da relação de gravadores em fevereiro de 1801, quando foi instalada a oficina tipoplástica, sendo referido meses depois como abridor de punções (TUDELA, 1999, p. 266, 269). Nesta função, também é citado o nome de Caetano Teixeira (CUNHA, 2010, p. 135). A presença de abridores de tipos indica a possibilidade de que novas fontes tenham sido projetadas na oficina tipoplástica. No entanto, é plausível que a fabricação de tipos tenha seguido o mesmo princípio editorial que norteou a produção calcográfica, segundo o qual a reprodução das estampas inseridas nas edições originais, sem alterações, interessava mais do que a *invenção*. Dessa forma, a reprodução de tipos conhecidos pelos abridores portugueses pode ter sido privilegiada em detrimento do desenho de tipos originais (LIMA, 2019, p. 306, 308).

A atividade editorial da Oficina do Arco do Cego foi uma iniciativa patrocinada pela Coroa portuguesa e fortemente vinculada aos interesses políticos e científicos de D. Rodrigo e de Frei Veloso. Por um lado, o projeto de difusão editorial é marcado pela vocação botânica de caráter utilitário de Frei Veloso. Por outro, é resultante do programa governamental ilustrado

⁵ *Lista de todas as pessoas que se achão, por ordem de Sua Alteza, o Príncipe Regente Nosso Senhor, na factura das obras literarias do Arco do Cego*, conservada no Arquivo Histórico Ultramarino (Lisboa), fundo Ministério do Reino, maço n. 27 (TUDELA, 1999, p. 269).

conduzido pelo ministro Sousa Coutinho, visando a modernização do Império português por meio da divulgação de técnicas agrícolas atualizadas e de novos conhecimentos científicos e práticos. As forças ideológicas subjacentes à publicação das obras, isto é, as relações de patronagem, a celebração da autoridade real e as escolhas textuais são explicitamente apresentadas nas páginas de rosto das obras publicadas, por meio de palavras e símbolos (NUNES; BRIGOLA, 1999; WEGNER, 2004; HARDEN, 2019).

As edições foram publicadas majoritariamente em língua portuguesa e algumas poucas em latim. Para tanto, recorreu-se a uma maciça tarefa de tradução de obras originalmente escritas em francês, inglês, alemão, latim, italiano e espanhol, sendo publicadas pela Oficina mais traduções do que obras originais. Neste último caso, estão incluídas as obras *Copia de huma carta sobre a nitreira artificial, estabelecida na villa de Santos, da capitania de S. Paulo, dirigida a esta Corte por João Manso Pereira ...* e a *Copia da continuação de huma carta sobre a nitreira artificial ...*, publicadas em 1800. Os opúsculos foram baseados na correspondência entre o naturalista João Manso Pereira, que iniciou a construção de uma nitreira artificial na vila de Santos em 1799, e Antônio Manuel de Melo Castro e Mendonça, governador da capitania de São Paulo. São exemplos de que a Oficina, além de publicar compilações e traduções de obras estrangeiras, também divulgou conhecimentos produzidos em campo a partir de observações e experimentos realizados nos domínios portugueses (FARIA, 1999; PEREIRA, 2019).

Entre os colaboradores da Oficina na função de tradutores, podemos citar o poeta português Manuel Maria Barbosa du Bocage, que também atuou como revisor de provas; o astrônomo e cartógrafo português Francisco Antônio Ciera, um dos tradutores do *Atlas celeste* de John Flamsteed; o artista e oficial militar italiano Carlos Julião, tradutor de *Experiências e observações sobre a liga dos bronzes, que devem servir nas fundições das peças de artilharia*, de Carlo Antonio Napione. O pagamento pelos serviços prestados dependia da produção de cada um e, para os autores e tradutores, “consistia em 200 exemplares da respectiva obra, ou o seu valor em dinheiro, se revendessem à Casa a “mercadoria” recebida” (LEME, 1999, p. 82).

Até o presente, foram identificados 86 títulos publicados sob a chancela do Arco do Cego, em suas diversas designações. Dentre as obras que estavam em processo de impressão quando a Oficina foi formalmente extinta por decreto do Príncipe Regente D. João, em dezembro de 1801, algumas foram publicadas posteriormente pela Impressão Régia e outras não foram concluídas, permanecendo inéditas (LIMA, 2019; LEME, 1999).

2.3 Representações visuais e mundo colonial

A apreensão da realidade pelos sentidos, como base da construção da racionalidade, é uma concepção com origens na filosofia grega pré-socrática. A partir do Renascimento e da chamada revolução científica do século XVII, uma suposta identidade entre o ato de ver (descobrir o mundo) e o artifício de desenhar (representar o mundo) conferiu ao sentido da visão e à imagem uma progressiva importância nos domínios científicos, tendo ambas contribuído

para a consolidação da ciência moderna, fundamentada na razão, na prática experimental e na observação direta da natureza (FARIA; PATACA, 2005, p. 64-65).

A necessidade da expressão visual na cultura europeia intensificou-se no século XVIII. A crescente produção de conhecimento e a necessidade de disseminá-lo desencadearam estratégias de ensino que abrangiam aspectos teóricos e práticos. Essas estratégias envolveram a produção de livros e de imagens didáticas e a formação de diversos sujeitos sociais, atuantes nos espaços de produção ou em instituições como academias científicas, universidades, museus e laboratórios. A elaboração, tradução e publicação de textos visava a sintetizar o conhecimento teórico e auxiliar o aprendizado prático, impulsionando o desenvolvimento científico e tecnológico no Império português. Tais publicações dividiram-se em gêneros como os manuais, compêndios, tratados e instruções, distintos quanto à escrita e às ilustrações, cujas funções também variaram de acordo com as áreas de conhecimento em que foram produzidas (SCHIAVINATTO; PATACA, 2016, p. 552-564).

Em Portugal, as necessidades objetivas impostas pela gestão do Império ultramarino ampliaram a produção e a utilização das imagens informativas e didáticas nos levantamentos geográficos e naturalísticos. As imagens produzidas nas expedições científicas e militares setecentistas atenderam às funções geopolíticas de reconhecimento territorial, demarcação de fronteiras e análise do crescimento urbano, e contribuíram para o levantamento de produtos naturais para o desenvolvimento das ciências. Pode-se considerar que as imagens produzidas na Oficina do Arco do Cego também estão inseridas neste contexto em que se promoveu: a averiguação das potencialidades naturais do Império; a integração entre registro visual e informação escrita para o estudo da Botânica e da evolução da ocupação territorial; a conscientização da necessidade de formação de um corpo de profissionais com competências artísticas para atender à crescente demanda de produção iconográfica (FARIA; PATACA, 2005, p. 65-72).

O recurso à imagem e a adoção de uma linguagem de fácil entendimento, possibilitada pela atividade de tradução, caracterizam as edições da Oficina do Arco do Cego, no conjunto das quais predominam as obras ilustradas. Considerando as verbas totais registradas no livro da *Continuação das despesas dos trabalhos litterarios encarregados . . . ao Muito Reverendo Padre Mestre Frei Joze Mariano da Conceição Vellozo*, mencionado anteriormente, constata-se que a produção das imagens consumiu 33% do orçamento geral das edições. Deste percentual que representa a verba do setor artístico, as despesas relativas à gravação das matrizes envolveram 55% dos recursos; a estampagem, 20%; os materiais para a oficina calcográfica, 16%; a compra de desenhos e estampas, 6%, e as iluminações, 3% (FARIA, 1999, p. 125).

Frei Veloso e D. Rodrigo de Sousa Coutinho estavam atentos à função da imagem e à utilidade das representações gráficas de caráter informativo e documental. A função didática foi predominante entre as imagens inseridas nas edições da Oficina, das quais menos de 5% são prioritariamente ornamentais (FARIA, 2000-2001, p. 47). Nos textos introdutórios das obras que editou, Frei Veloso indicou o papel conferido à gravura: não negou a imagem como fenômeno

artístico e estético, mas enfatizou sua capacidade de síntese e transmissão de conhecimentos, determinante no domínio das ciências e das técnicas. Por sua vez, D. Rodrigo pôde atualizar-se quanto às práticas editoriais correntes na Europa no decorrer de sua longa missão diplomática em Turim (1776-1796). Em seu legado documental, verifica-se a associação entre a utilidade dos livros e o benefício público resultante da aplicação prática das matérias abordadas. Seus relatórios sobre as técnicas manufatureiras em desenvolvimento na Europa, elaborados no exercício da atividade diplomática, são permeados por referências a desenhos e estampas didáticas, evidenciando sua inserção na “cultura do livro didático com recurso à imagem” (FARIA, 2000-2001, p. 29), desenvolvida no século XVIII e da qual a *Encyclopédie* de Denis Diderot e Jean d’Alembert é a obra emblemática. D. Rodrigo também cultivou interesse pela edição de obras ilustradas de luxo, mas manteve este gosto pessoal apartado dos princípios editoriais da Oficina enquanto empreendimento de interesse público (FARIA, 1999, 2000-2001).

Entre as características da Oficina do Arco do Cego que a qualificam como uma experiência singular, sem paralelo anterior na história da edição ilustrada e na história do ensino artístico em Portugal, incluem-se o uso da imagem como instrumento didático e informativo de forma maciça nas edições; a complexa organização do estabelecimento, concentrando os elos essenciais da cadeia de produção editorial, incluindo uma oficina-escola de gravura; a publicação de tratados de belas-artes com o propósito de auxiliar a formação dos aprendizes dos estabelecimentos artísticos da própria casa (FARIA, 1999, 2000-2001).

Frei Veloso privilegiou, como editor, a produção de ilustrações copiadas das edições originais, submetendo a linguagem visual ao mesmo princípio da tradução e da fidelidade aos originais ao qual subordinou a linguagem verbal. São raras nas gravuras produzidas na oficina calcográfica do Arco do Cego as abreviaturas comumente utilizadas para a identificação do autor do *desenho*, tais como *inv.* ou *invenit*, *del.* ou *delineavit*. As designações quase sempre indicam os gravadores: *sculp.* (de *sculpsit*), *fec.* (de *fecit*), ou ainda as letras *cp*, que podem ser interpretadas como sinal de *cópia* (FARIA, 2000-2001, p. 35-36).

As edições ilustradas incluíam de uma a mais de vinte imagens, podendo ser encontradas no final dos volumes e em formato desdobrável. Dada a sua condição utilitária, foram amplamente inseridas em obras de cunho didático, proporcionando a facilitação do entendimento e a divulgação de informações acessíveis e práticas ao maior número possível de leitores. Ao mesmo tempo, também ornamentavam as obras, o que é exemplificado pelo uso de estampas aquareladas de efeito decorativo (FARIA, 1999, p. 120, 125-126).

A integração entre texto e imagem não se deu apenas no sentido de combiná-los enciclopedicamente visando a “facilitação do entendimento”. Tal integração ocorreu também no âmbito do planejamento e produção gráfica do livro enquanto artefato.

No tomo II do *Compendio de Agricultura, e collecção de maquinas, e instrumentos, novamente inventados, e actualmente praticados em algumas provincias do Reino de Inglaterra. . .*, publicado pela Régia Oficina Tipográfica em 1802, verificamos na margem superior de quinze

estampas a indicação da página do livro em que constam os artigos e explicações referentes às respectivas imagens.

Na Figura 1, vemos a *Estampa 1.ª a folhas 17*, que apresenta uma ilustração da *Maquina para Estambrar a Lã*, à esquerda da qual consta a inscrição *Vide Pag. 20*. Na Figura 2, vemos a página 20 do referido livro, onde constam a explicação da figura e a orientação (*Veja-se a Estampa I. a folhas 17.*).

As informações textuais inseridas na ilustração não foram produzidas por composição tipográfica, mas sim gravadas na matriz calcográfica. As referências recíprocas auxiliam a leitura simultânea do texto e das imagens, ao mesmo tempo em que revelam o trabalho integrado de composição tipográfica dos textos e produção calcográfica das imagens.

Já no tomo V do mesmo *Compendio de Agricultura, e tratado sobre a plantaçao das arvores, tanto silvestres, como de fruto. . .*, publicado pela Régia Oficina Tipográfica em 1803, encontram-se orientações para o livreiro (encadernador) quanto ao posicionamento das estampas no interior do volume (Figura 3). Outro exemplo que demonstra a integração entre texto e imagem no que tange à produção gráfica do livro é dado pelo obra *Observações sobre a propriedade da quina do Brasil*, publicada pela Tipografia Calcográfica e Literária do Arco do Cego em 1801, onde encontramos a estampa *Portlandia hexandria* e, abaixo dela, a legenda *Portlandia hexandria. (L.) / Ad Cinchonae genus spectat, monente Valh. / (Gmelin Syst. Nat. Edit. 13.ª Lugduni 1796.)*, reunindo-se na mesma página uma estampa calcográfica e um texto tipográfico (Figura 4).

Várias edições da *Encyclopédie* no século XVIII foram muito difundidas em Portugal, além de outras obras de inspiração enciclopedista. As referências a tais obras, traduzidas ou citadas nos trabalhos publicados por Frei Veloso, podem ser verificadas em títulos como *O Fazendeiro do Brazil* (1798-1806) e a *Arte da Porcelana* (1806), entre outros (FARIA, 2002, p. 41).

A *Encyclopédie méthodique ou par ordre de matières, par une Société de Gens de Lettres, de Savans et d'Artistes*, publicada em Paris entre 1782 e 1832, foi uma obra organizada por Charles Joseph Panckoucke em séries dedicadas a diferentes áreas do conhecimento, com a pretensão de ser uma reedição melhorada da *Encyclopédie* (SCHMITT, 2018, p. 207). Conhecida por Joaquim Carneiro da Silva, organizador da oficina-escola de gravura do Arco do Cego, a *Encyclopédie méthodique* foi a origem direta de muitas gravuras ali produzidas, utilizadas para a ilustração de obras como a *Arte do carvoeiro ou methodo de fazer carvão de madeira*, de Duhamel du Monceau (1801) e *O Fazendeiro do Brazil criador*, publicado por Frei Veloso (1801) (FARIA, 2002, p. 43).

Uma proposta de classificação dos tipos de imagens produzidas na calcografia do Arco do Cego, apresentada por Faria (1999, 2000-2001, 2002), baseia-se no binômio ornamentação / desornamentação, isto é, na predominância do aspecto decorativo ou instrutivo das imagens. O

Figura 1 – Ilustração da obra *Compendio de Agricultura, e collecção de maquinas, e instrumentos, novamente inventados, e actualmente praticados em algumas provincias do Reino de Inglaterra...*



Figura 2 – *Compendio de Agricultura, e collecção de maquinas, e instrumentos, novamente inventados, e actualmente praticados em algumas provincias do Reino de Inglaterra...*

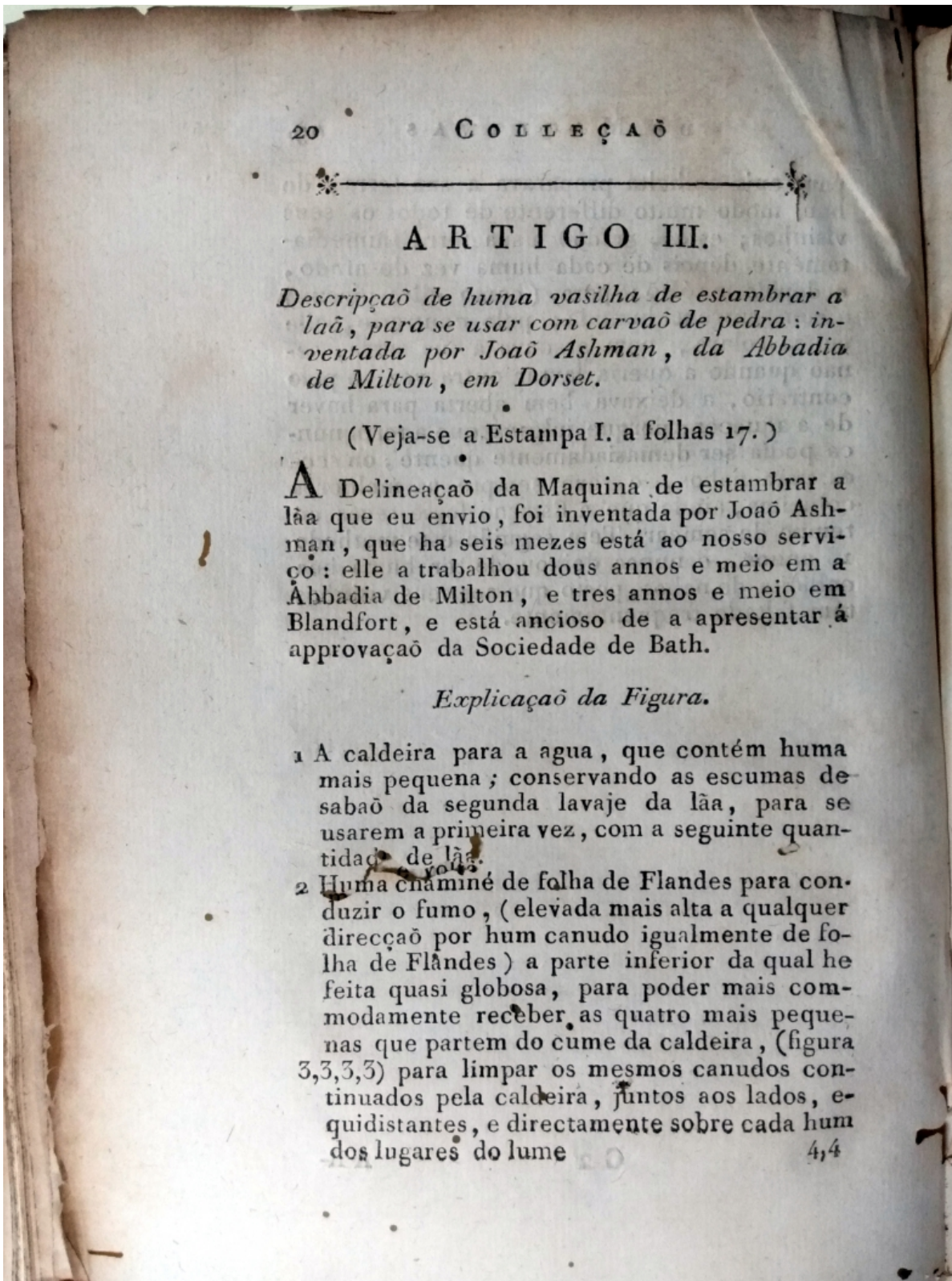


Figura 3 – *Compendio de Agricultura, e tratado sobre a plantaçao das arvores, tanto silvestres, como de fruto...*

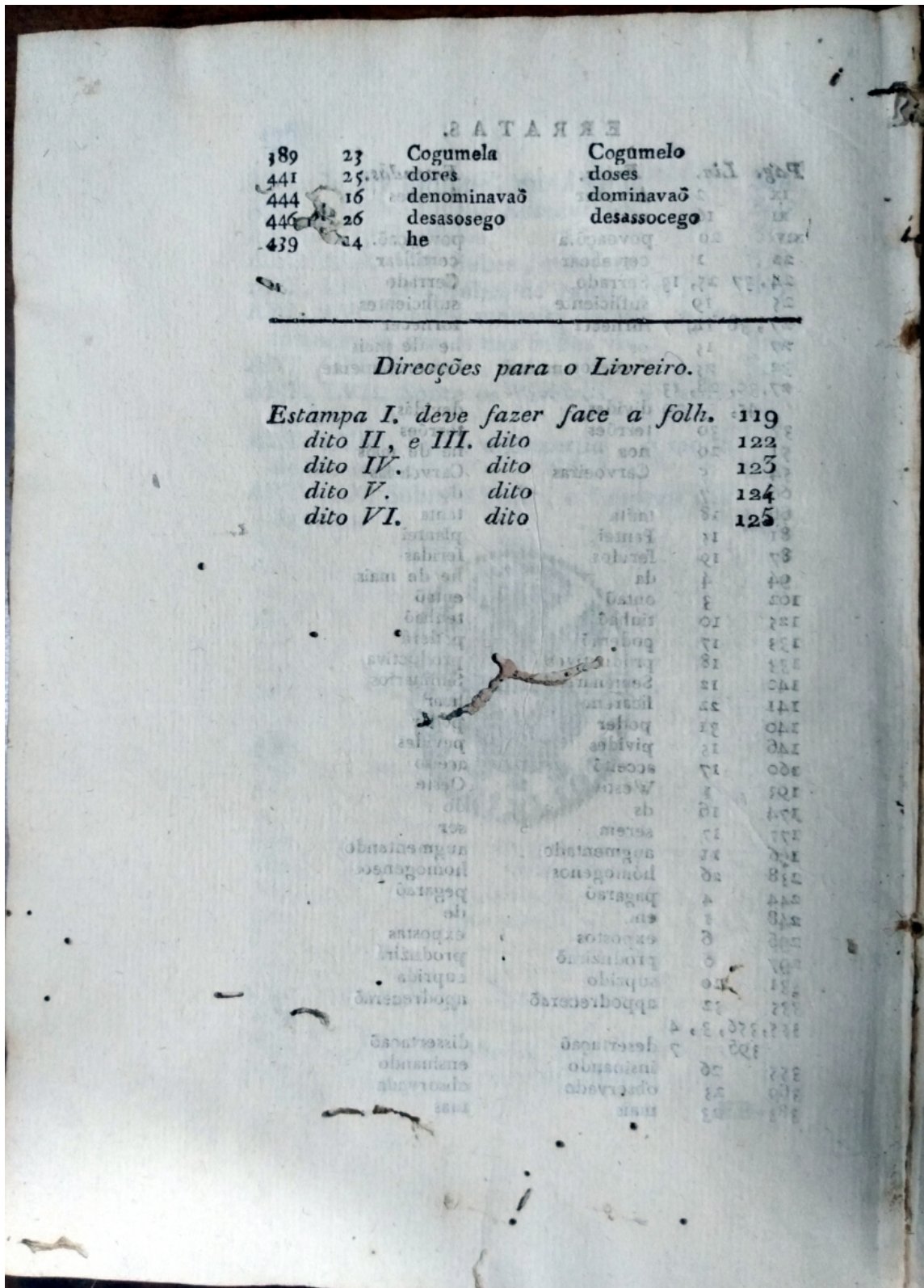


Figura 4 – Ilustração da obra *Observações sobre a propriedade da quina do Brasil*

Fonte: Comparetti (1801)

primeiro núcleo inclui: os frontispícios alegóricos; os retratos⁶, ausentes da produção livreira, comercializados de forma avulsa, em preto e branco ou iluminados; as imagens de natureza lúdica, como os jogos.

O segundo núcleo constitui a maior parte da produção iconográfica e inclui as imagens didáticas, de carácter decorativo, vinculadas aos temas abordados nos livros. A ausência de gravuras de temas religiosos é notável, por estarem fora do âmbito de interesses da Oficina. Este grupo de ilustrações comporta basicamente os subconjuntos descritos abaixo:

1) Representações da fisionomia das espécies naturais, segundo uma linguagem internacional baseada nos princípios taxonômicos de Carl von Linné, com o registro dos componentes morfológicos das espécies e a inclusão de destaques por meio de figuras autônomas ou planos de pormenor;

2) Representações de inspiração enciclopedista versando sobre artes e ofícios, segundo diversos modelos: ilustrações compostas de dois ou mais segmentos, apresentando o aspecto geral de uma oficina e as descrições pormenorizadas de máquinas e ferramentas; representações de utensílios e ferramentas; representações da manipulação de ferramentas; desenhos técnicos de máquinas e engenhos, visando facilitar a leitura integral de sua construção e funcionamento. As ilustrações da *Encyclopédie méthodique ou par ordre de matières* foram copiadas em formato reduzido, como réplicas diretas ou como composições que integravam várias ilustrações em uma, visando a redução dos custos de produção;

3) Ilustrações para os tratados de belas-artes, com instruções sobre desenho geométrico, desenho de arquitetura e de figura humana, como regras de projeções perspécticas e de proporções anatômicas;

4) Representações diagramáticas, sem expressão ornamental.

A complexidade da organização da Oficina que a torna um empreendimento singular pode ser verificada pela *Lista de Todas as Pessoas que se Acham Empregadas, por Ordem de Sua Alteza Real, O Príncipe Regente Nosso Senhor, na Fatura das Obras Literárias do Arco do Cego* (CUNHA, 2010, p. 134-135). Nela, 61 colaboradores são discriminados em categorias e os profissionais envolvidos na produção das imagens incluem os gravadores figuristas, gravadores arquitetos, gravadores de paisagens e ornatos, desenhadores, iluminadores, estampeiros, estaqueador de cobre e empomesadores⁷:

Associados Literários: frei José Mariano da Conceição Veloso; bacharel

⁶ No decorrer da pesquisa, apenas um retrato foi localizado no acervo da Biblioteca Nacional, em um dos livros de provas. Trata-se de um retrato de D. Maria Ana de Áustria, Rainha de Portugal, no qual consta a inscrição: “D. Maria Anna d’Austria / Rainha de Portugal e Algarve Princ. / d’Hungr. e Boh. Archid. d’Aust. Nasc. / aos 7 de Sept. de 1685 Mor. aos 14 de Ag. de / 1754.” A gravura não é assinada.

⁷ “Na tradução portuguesa do tratado de Abraham Bosse chama-se *estaquear* à operação de martelar, e *empomesar* à de polir com pedra-pomes.” (FERREIRA, 1994, p. 67)

José Feliciano Fernandes Pinheiro; José Ferreira da Silva; M. R. Antônio Felkel, alemão; Paulo Rodrigues de Sousa; Manuel Maria Barbosa du Bocage; João Manso Pereira; Manuel de Arruda Câmara, no Brasil; Domingos Linch, guarda-livros.

Calcografia – Gravadores: Gravadores figuristas: 1º Romão Elói de Almeida; 2º Raimundo Joaquim da Costa; 3º Domingos José da Silva; 4º José Joaquim Marques. Candidato: 1º Gregório José dos Santos; 2º Antônio José Correia; 3º Constantino José; 4º Romão José Abrantes. Gravadores arquitetos: 1º Paulo dos Santos Ferreira Souto. Candidatos: 1º Antônio Maria de Oliveira; 2º João José Jorge. Gravadores de Paisagens e Ornatos: 1º Luís Rodrigues Viana, figurinista; 2º Nicolau José Correia; 3º Diogo Jorge Rebelo; 4º Vitoriano da Silva; 5º Francisco Tomás de Almeida; 6º Teodoro Antônio de Lima; 7º Bernardino de Sena; 8º Joaquim Inácio Ferreira de Sousa; 9º Inácio José Maria de Figueiredo; 10º João Tibúrcio da Rosa. Desenhadores: José de Almeida Furtado, diretor de Desenho. Iluminadores: 1º Norberto José Ribeiro; 2º Antônio José Quinto; 3º Domingos Eumeriano da Costa.

Torculos: 1º Manuel da Costa; 2º Manuel Porfírio, Estampadores.

Estaqueador de cobres: 1º Antônio Inácio.

Empomesadores: 1º Leandro Nunes; 2º Antônio da Costa.

Tipografia: Compositores: 1º Joaquim Maria Coelho Falcão, Diretor; 2º João Daniel de Mira; 3º Bruno Francisco da Rosa; 4º Feliz Vicente Pinheiro; 5º Crespim Sabino dos Santos; 6º José Monteiro Laranja.

Impressores: 1º Antônio Teixeira de Sequeira; 2º José dos Reis Fiel; 3º Caetano José Faustino; 4º Rafael Antônio.

Batedores: 1º Antônio Rodrigues Valente; 2º Antônio Pereira; 3º João Mateus; 4º Francisco João.

Fundição: Abridor de Punções: Caetano Teixeira.

Encadernadores: 1º Antônio Joaquim dos Santos; 2º Narciso Ferreira da Silva; 3º João Nunes Esteves; 4º Joaquim José de Paula; 5º Nicolau José; 6º João Velho.

Carpinteiros: Raimundo Nonato.

A constituição de um corpo de gravadores para a Oficina do Arco do Cego era essencial ao desenvolvimento do seu projeto editorial e foi atribuída a Frei Veloso, fato mencionado em duas obras publicadas pela casa. José Carlos Pinto de Sousa, autor da *Bibliotheca Historica de Portugal*, deixa entrever na origem da calcografia uma provável relação com a edição da *Flora Fluminense*:

Naõ se tem já inteiramente dado á luz, porque, segundo he publico, sendo as chapas mandadas abrir em Veneza por Ordem Regia, a morte do Abade Santini incumbido do referido, e as guerras intermedias difficultáraõ a sua remessa até ao presente anno de 1801. Espera-se que brevemente se conclua, pela animação que o Excellentissimo Ministro da Fazenda D. Rodrigo de Sousa Coitinho presta ás Artes uteis, na conformidade da Real Vontade do Augusto Principe Regente N. S. cujos cuidados somente

saõ fazer felices os seus Vassallos e promover, ainda á custa da sua Real Fazenda, tudo quanto póde concorrer para bem se instruirem; por cuja causa foi o dito R. [Frei Veloso] encarregado de crear, em beneficio da Real Impressão do Arco do Cego hum corpo de Gravadores, de que há já 24 peritos, exercitando-os nas multiplicadas Obras de diferente natureza que se tem impresso na dita Officina, denominada por isso *Chalcografica*: pelo que não será preciso jámais mendigar-se a abertura das sobreditas chapas a Nação alguma (SOUSA, 1801, p. 55-56).

No texto introdutório da obra *Principios do desenho tirados do grande livro dos pintores, ou da arte da pintura, de Gerardo Lairesse, traduzidos do francez para beneficio dos gravadores do Arco do Cego*, o próprio Frei Veloso afirmou “ter sido incumbido em nome de V. A. R. da criação do novo corpo de Gravadores do Arco do Cego, cujo numero no breve periodo d’hum anno chegou a vinte e quatro” (LAIRESSE, 1801, p. 2). Com esta publicação, Frei Veloso pretendia que os gravadores do Arco do Cego adquirissem conhecimentos sobre os princípios do desenho e sobre os grandes mestres, indo além da mera prática de copiar. Na folha de rosto explicitava a intenção de oferecer suporte teórico à atividade formativa, por meio da impressão de manuais e tratados de belas-artes pela própria casa.

A seleção de obras para serem traduzidas, inseridas nessa mesma orientação programática, tais como os *Principios da arte da gravura . . . para servirem de appendice aos Principios do Desenho do mesmo author, em beneficio dos gravadores do Arco do Cego*, de Gérard Lairesse, e o *Tratado da gravura a agua forte, e a buril, e em maneira negra com o modo de construir as prensas modernas, e de imprimir em talho doce*, de Abraham Bosse, contou com a possível colaboração de Joaquim Carneiro da Silva. Esses materiais acabaram se constituindo em uma bibliografia básica para auxiliar um sistema de ensino que não se consolidou, visto que o período de funcionamento da Oficina foi insuficiente para a conclusão de um ciclo de formação na área da gravura, que exigia pelo menos cinco anos de estudo e prática (FARIA, 2021, p. 242, 254).

A oficina-escola de gravura do Arco do Cego foi implantada em 1799 pelo desenhista e gravador Joaquim Carneiro da Silva, que se manteve ligado ao estabelecimento até meados de 1800. Comparada à Aula de Gravura da Impressão Régia (1769-1788), primeira experiência formal de ensino de gravura em metal em Portugal e submetida à direção do mesmo gravador, a calcografia do Arco do Cego caracterizou-se mais como oficina do que como escola, uma vez que a atividade produtiva teve predomínio sobre a atividade formativa. Para a instalação da oficina calcográfica foram adquiridos mobiliários para os gravadores, equipamentos, instrumentos de desenho, ferramentas para gravura e livros que pudessem dar apoio à formação dos alunos (FARIA, 2021, p. 219, 242-243).

A quantidade de imagens produzidas pela calcografia do Arco do Cego é incerta. Em 1999, ano em que foi comemorado o bicentenário da criação da Oficina, eram conhecidos seguramente 83 títulos publicados com a chancela do estabelecimento, sendo este número ampliado para 86 no ano de 2011 (LIMA, 2019, p. 307, nota 15). Segundo Faria (1999, p.

123; 2000, p. 39) dos 83 títulos identificados na ocasião do bicentenário, 45 são ilustrados, compreendendo 342 imagens, não sendo contabilizadas as vinhetas, tábuas e tabelas tipográficas. No entanto, na mesma ocasião Leme (1999, p. 84) identificou 44 títulos ilustrados com gravuras executadas na calcografia, totalizando 360 gravuras, não sendo contabilizadas as vinhetas.

Ambos os autores afirmam que um número muito maior de chapas foi aberto, incluindo: 293 gravuras produzidas para as edições publicadas sob a influência de Frei Veloso, por outras oficinas tipográficas de Lisboa e possivelmente com a colaboração da Oficina do Arco do Cego; as séries de retratos e outras gravuras destinadas à venda avulsa; os trabalhos relativos à *Flora Fluminense*; as gravuras destinadas às obras que não chegaram a ser publicadas; as gravuras destinadas às obras que ficaram incompletas, como o *Aviario brasilico*, cujo primeiro e único fascículo publicado em 1800 continha o frontispício e uma ilustração das partes características das aves, mas para o qual foram abertas pelo menos 43 gravuras, havendo um registro documental de que 58 chapas desta obra foram enviadas ao Rio de Janeiro em março de 1813. Além disso, é preciso considerar que algumas imagens foram repetidas em diferentes títulos, como é próprio da imagem gravada, e a criação de um repertório visual possibilitaria a reutilização das matrizes e a economia de meios financeiros, materiais e humanos (FARIA, 2000-2001; LEME, 1999; DOMINGOS, 1999; VELOSO, 2018).

O inventário da quantidade de imagens produzidas pela calcografia do Arco do Cego têm marcos de referência pouco exatos. No mínimo, foram produzidas 342 gravuras para ilustrar 83 edições publicadas com a chancela da Oficina. O número máximo, com base em registros documentais conhecidos, corresponde ao número de chapas enviadas ao Rio de Janeiro, enumeradas na *Relação dos livros, e chapas que se remetem da Impressão Régia de Lisboa para a Biblioteca de S. Alteza Real na Côrte do Rio de Janeiro pelo navio Vitória em observância das ordens do mesmo Augusto Senhor*, relação que acompanhava o *Ofício de João Antônio Salter de Mendonça ao Marquês de Borba, comunicando acharem-se prontas, afim de se remeterem para a Côrte do Rio de Janeiro, em cinco caixotes, as obras impressas de Frei Vellozo, acompanhadas de 1272 chapas, conforme relação junta*, datado de 11 de março de 1813 (FARIA, 2000-2001, p. 39-40). O número de chapas enviadas ao Rio de Janeiro é controverso: no ofício são mencionadas 1.272 chapas; Cunha (2010, p. 138) contabilizou 1.348 chapas a partir da própria *Relação dos livros...* No entanto, com base na transcrição da mesma *Relação*, publicada na coletânea de documentos *Flora Fluminensis de Frei José Mariano da Conceição Vellozo* (VELOSO, 2018, p. 26-27), aventamos o número de 1.356 chapas, do qual trataremos mais adiante.

A Oficina foi formalmente extinta pelo Príncipe Regente D. João através do decreto de 7 de dezembro de 1801, nos seguintes termos:

Hey por supprimida a dita Casa Literaria do Arco do Cego, a qual Mando incorporar com todas as suas Officinas, e pertences na Impressão Regia, para cujo effeito a Direcção tomará conta do que a mesma tem produzido, e do que se acha em ser das despezas feitas, e de quaesquer

dívidas que possa haver, para serem pagas pelo Cofre da Impressão Régia; e particularmente terá cuidado na conservação dos Artistas alli occupados, para que não se percão, antes se habilitem mais, e se tornem uteis aos fins, que intento promover (SILVA, 1828, p. 758-759).

Pelo mesmo decreto com que extinguiu a Casa Literária, o Príncipe Regente reestruturou a Impressão Régia, na qual incorporou as oficinas e pertences daquele estabelecimento literário e tipográfico dirigido por Frei Veloso, demonstrando especial atenção à conservação e ao aperfeiçoamento dos prestimosos artistas que ali atuavam. A Impressão Régia foi incumbida de concluir a edição dos livros que se achavam iniciados na Casa Literária e de dar continuidade ao seu programa editorial, particularmente às obras botânicas de Frei Veloso. Deveria executar outras obras que pudessem ser úteis à instrução dos vassallos e à divulgação dos conhecimentos, procurando realizar a venda dos livros publicados para atingir estes ilustrados fins. Outra determinação do decreto foi a composição de uma nova Junta Administrativa, Econômica e Literária para dirigir a Impressão Régia. O impressor Simão Tadeu Ferreira foi nomeado como administrador; Hipólito José da Costa e Frei José Mariano da Conceição Veloso foram designados como diretores literários, os quais participariam da decisão sobre as obras a serem impressas e ficariam encarregados da tradução e revisão das mesmas.

3 A COLEÇÃO DE MATRIZES: PERCURSOS E CONTROVÉRSIAS

Com a vinda da família real portuguesa para o Rio de Janeiro, Frei Veloso também regressou para esta cidade, provavelmente em 1808. Disposto a dar continuidade aos trabalhos editoriais, obteve da alta administração do Reino a ordem para que a Impressão Régia em Lisboa enviasse à nova Corte exemplares de suas obras publicadas, bem como as chapas abertas na calcografia do Arco do Cego, entre outros documentos atinentes aos seus estudos e projetos (NUNES; BRIGOLA, 1999; CUNHA, 2010).

Frei Veloso faleceu em 14 de julho de 1811, no Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro. No entanto, a correspondência oficial para efetivar a transferência de seu espólio literário prolongou-se por alguns anos. Entre os registros documentais das tratativas oficiais para a remessa dos livros e chapas de Frei Veloso, há o *Aviso do Conde de Aguiar ao Patriarca Eleito de Lisboa, ordenando remeter, à Secretaria de Estado dos Negócios do Brasil, livros e chapas que foram de Frei José Mariano da Conceição Vellozo, de acordo com uma relação anexa*, datado de 11 de novembro de 1812. E ainda o *Ofício de João Antônio Salter de Mendonça ao Marquês de Borba, comunicando acharem-se prontas, afim de se remeterem para a Côrte do Rio de Janeiro, em cinco caixotes, as obras impressas de Frei Vellozo, acompanhadas de 1272 chapas, conforme relação junta*, datado de 11 de março de 1813, no qual estava incluída a *Relação dos livros, e chapas que se remetem da Impressão Régia de Lisboa para a Biblioteca de S. A. R. na Côrte do Rio de Janeiro pelo navio Vitória em observância das ordens do mesmo Augusto Senhor*. Estava incluído também um ofício do administrador-geral da Impressão Régia, Joaquim Antônio Xavier Anes da Costa, informando não estarem prontas para serem remetidas ao Rio de Janeiro algumas obras impressas e as “Chapas dos Varões Illustres; por pertencerem a hua sociedade em que entrou o Pe. Vellozo” (VELOSO, 2018, p. 23-28).

Anes da Costa advertia que a remessa das chapas referentes ao *Fazendeiro do Brazil* e ao *Atlas Celeste* deixaria as obras inutilizadas sem as estampas, e as chapas inutilizadas sem as obras. E ainda

que todas estas Obras e Chapas forão impressas gravadas, estampadas e traduzidas á custa do Mesmo Augusto Senhor, com a despesa de mais de 50 contos de reis: Que tudo o que veio da Officina do Arco do cego foi incorporado na Real Fazenda da Impressão Regia pelo Decreto de 7 de Dezembro de 1801, que mandou pagar pelo seu cofre as dividas da quella Officina, importando em 9:774\$623 reis (VELOSO, 2018, p. 24).

A *Relação dos livros, e chapas que se remetem da Impressão Régia de Lisboa...* está parcialmente transcrita na notícia histórica sobre a Oficina do Arco do Cego escrita por Lygia Cunha, publicada em 1976 e posteriormente em 2010, na coletânea *O acervo iconográfico da Biblioteca Nacional: estudos de Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha*. A relação também está

transcrita na publicação do Arquivo Nacional intitulada *Flora Fluminensis de Frei José Mariano da Conceição Vellozo: documentos*, havendo divergências entre as duas relações apresentadas.

Cunha (2010, p. 138-139) assim descreve os seguinte itens:

Caixão nº 3

[item] 6 – *ditas de Botânica de João Jaques Rossó*

Caixão nº 4

[item] 26 – 35 *ditas da Potassa*

[item] 29 – 4 *ditas de dito – Café*

[item] 33 – 15 *ditas de dito – Algodão*

Caixão nº 5

[item] 45 – 59 *ditas do Aviário brasílico*

Os mesmos itens têm a seguinte redação na coletânea do Arquivo Nacional (VELOSO, 2018, p. 27):

Caixão 3º

[item] 6 – 6 *Ditas de Botanica de João Jaques Rossó*

Caixão 4º

[item] 26 – 35 *Ditas da Potassa... Faltão onze.*

[item] 29 – 21 *Ditas do dito – Café – Maquinas*

[item] 33 – 15 *Ditas de dito Algodão... Faltão duas.*

Caixão 5º

[item] 45 – 59 *Ditas do Aviarrio Brasilico... Falta huma.*

Cunha (2010, p. 138) constatou que os quatro caixões continham 1.348 chapas de cobre gravadas pelos calcógrafos do Arco do Cego, e não 1.272 conforme mencionado no ofício de 1813. No entanto, considerando a transcrição apresentada na publicação do Arquivo Nacional, verificamos um total de 1.356 chapas.

Há ainda uma outra lista intitulada *Obras e Chapas que Fr. Joze Mariano da Conceição Vellozo, imprimio e fez imprimir na Officina do Aco (sic) do Cego, Regia, e outras mais; o qual alcançou de S. A. R. a graça de lhe mandar vir da dita Regia tanto as chapas; como hum exemplar de cada huma das ditas obras, para ajuntar a sua Colleção*. Este documento consta no acervo da Seção de Manuscritos da Fundação Biblioteca Nacional¹ e é citado no *Catálogo*

¹ Disponível na BNDigital em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscri-

da *Exposição de História do Brasil* (conhecido como CEHB), exposição realizada pela própria Biblioteca sob a coordenação de Benjamin Franklin Ramiz Galvão, inaugurada em dezembro de 1881. O documento é descrito no CEHB sob o número 12.685, como uma relação sumária das obras impressas por Frei Veloso, sem data e assinatura, aparentemente original e escrita no Rio de Janeiro em 1811. A data atribuída a 1811 é questionável, visto ser anterior à incorporação das referidas obras à Real Biblioteca e considerando-se que este documento pode ser uma cópia do manuscrito mencionado abaixo.

Trata-se do manuscrito intitulado *Obras, e Chapas que Fr. Jozé Mariano da Conceição Vellozo imprimio, e fez imprimir na Officina do Arco do Cego, na Officina Regia, e outras mais, o qual alcançou de S. A. R. a Graça de lhe mandar vir da dita Officina tanto as chapas como hum exemplar de cada huma das ditas obras para ajuntar a sua Collecção que S. A. R. houve por bem de aceitar para a Sua Real Bibliotheca*, está reproduzido no caderno de imagens da coletânea do Arquivo Nacional (VELOSO, 2018, imagem 9), mas encontra-se referenciado como sendo a *Relação dos livros e chapas que se remetem da Impressão Régia de Lisboa para a biblioteca de S. A. R. na corte do Rio de Janeiro pelo navio Vitória em observância das ordens do mesmo augusto Senhor*. A referência é contraditória, pois a transcrição da *Relação dos livros, e chapas que se remetem da Impressão Régia de Lisboa...* (VELOSO, 2018, p. 25-28) e a reprodução fotográfica do manuscrito *Obras, e Chapas que Fr. Jozé Mariano da Conceição Vellozo imprimio...* (VELOSO, 2018, Caderno de imagens, nº 9) apresentam conteúdos distintos. Ou seja, ao lado das divergências entre os registros, é preciso frisar o quanto a separação física e documental entre obras e matrizes contribuiu para aumentar discrepâncias, desfazendo o conjunto original já no início do século XIX.

3.1 Os livros de provas

No *Catalogo da Exposição Permanente dos Cimelios da Bibliotheca Nacional* (conhecido como CEP), publicado em 1885, as menções ao espólio velosiano ocorrem no esboço histórico das três seções que então compunham a Biblioteca. No *Esboço Histórico* da Seção de Impressos e Cartas Geográficas, de 27 de maio de 1885, o chefe da seção José Alexandre Teixeira de Mello menciona que em 13 de novembro de 1811, todos os impressos e manuscritos pertencentes a Frei Veloso foram oferecidos ao Príncipe Regente pelo padre provincial do Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro, onde falecera o botânico. Entre as obras recebidas pela Real Biblioteca estavam incluídos os originais da *Flora Fluminense*, naquela data ainda inédita. No *Esboço Histórico* da Seção de Manuscritos, de 31 de maio de 1885, o chefe da seção Alfredo do Valle Cabral acrescenta que naquela ocasião também foram doadas a segunda parte do *Diccionario portuguez e brasileiro* e o original da primeira parte da mesma obra, impressa em 1795 na Oficina Patriarcal em Lisboa (BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil), 1885, p. 22-23, 461-462).

É somente no *Esboço Histórico* da Seção de Estampas, de 29 de maio de 1884, que são encontradas algumas referências específicas à Oficina do Arco do Cego. José Zephyrino de Menezes Brum, chefe da seção, declara:

Ha na Bibliotheca Nacional quatro volumes de estampas representando assumptos de historia natural, mappas geographicos, &, gravadas por diversos artistas portuguezes na *Officina calcographica, typoplastica e litteraria do Arco do Cego*, então sob a direcção do illustre botanico brasileiro Fr. José Marianno da Conceição Velloso. Tendo sido, por decreto de 7 de Dezembro de 1801, extincta a dita Officina, pode-se suppor que esses 4 volumes tivessem entrado para a Real Bibliotheca por essa epoca.

As chapas d'essas estampas, remetidas de Lisboa pelos Governadores do Reino e recebidas na Real Bibliotheca do Rio de Janeiro em 2 de Junho de 1813, ainda hoje se conservam na Bibliotheca Nacional (BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil), 1885, p. 563).

Menezes Brum faz referência ao espólio literário de Frei Velloso, composto de livros, manuscritos e desenhos originais, oferecidos à Real Biblioteca pelo Provincial dos Religiosos Franciscanos da Província da Imaculada Conceição do Brasil, e considera esta coleção, dentre as aquisições feitas até a Independência do Brasil, como menos importante do ponto de vista iconográfico se comparada à coleção de estampas que pertenceu a Antônio de Araújo de Azevedo, Conde da Barca. Mais adiante, relata a “descoberta” do manuscrito e dos desenhos originais inéditos da *Flora Fluminense* pelo Frei Antônio de Arrábida, na então denominada Biblioteca Imperial e Pública, a consequente publicação da obra a partir de 1825 e a solicitação do bibliotecário Frei Camillo de Monserrate, feita ao governo do Império em 1859, para que os exemplares da *Flora Fluminense* truncados, deteriorados e inutilizados fossem negociados com uma fábrica de papel (BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil), 1885, p. 564, 569-571).

Segundo seu relato, as chapas da oficina calcográfica do Arco do Cego foram remetidas de Lisboa e recebidas na Real Biblioteca do Rio de Janeiro em 2 de junho de 1813.

Nessa data, um aviso de José Joaquim Carneiro de Campos foi enviado ao Padre Joaquim Dâmaso, encarregado da Real Biblioteca do Rio de Janeiro à época. Em virtude desse aviso, o Padre Dâmaso dirigiu um ofício a Carneiro de Campos em 29 de março de 1814, pedindo-lhe desculpas pela demora em atendê-lo, remetendo naquela data chapas e provas, entre as quais as estampas de *O Fazendeiro do Brazil* pertencentes ao espólio de Frei Velloso, para serem encaminhadas à Impressão Régia de Lisboa, além de

huma prova de todas as mais chapas que ficão na Real Bibliotheca do Principe Regente Nosso Senhor, para que se se imprimirem, ou accabarem de imprimir as obras aque ellas pertencem, as ditas Chapas possão servir, sem se fazer nova despeza; e por isso vão numeradas, para pelos Numeros dellas as poderem pedir, sem se fazer nova despeza da Fazenda Real. Remeto tambem a Cópia da Relação que acompanhou a

remessa, conferida, com as diferenças que nella observei (VELOSO, 2018, p. 28).

Em relação ao tratamento técnico da coleção, sabemos que uma tentativa de identificação das chapas foi realizada em 1911 pelo bibliotecário diretor da Seção de Estampas, Aurélio Lopes de Souza, sendo a experiência relatada nos *Anais da Biblioteca Nacional*:

O exame da collecção facticia das estampas e cartas geographicas gravadas na "Officina Calcographica, Typoplastica e Litteraria do Arco do Cego", que foi extincta em 1801, occupou por algum tempo a attenção do director da secção. Nessa collecção de 976 provas de aguas fortes executadas naquella officina não ha titulos, nem estão indicadas as obras para as quaes foram abertas as chapas. Confrontando-as com as gravuras que ornam varias obras impressas naquelle estabelecimento, conseguiu o distincto funcionario determinar um bom numero d'ellas. Das chapas de cobre existentes na secção 338 correspondem a gravuras incluidas na referida collecção (SILVA, 1914, p. 670).

No relatório anual da Seção de Estampas referente aos trabalhos efetuados em 1911, consta o relato do próprio Aurélio Lopes de Souza apresentado ao diretor geral da Biblioteca Nacional, Manuel Cícero Peregrino da Silva:

O que, porém, mais me occupou a attenção e mais tempo me consumiu foi a antiga e, na Secção, mui conhecida collecção facticia do Arco do Cego.

Organisada (ou melhor, desorganizada) de maneira original, inteiramente desprovida de titulo, notas ou quaesquer informações, era um problema a desafiar o esforço de quem quizesse pesquisar no campo da bibliographia.

Ajudado das indicações que fornece Innocencio, *Diccionario*², e de informações colhidas em alguns documentos da Secção de Manuscritos, pude consultar, vindo da 1ª Secção, bom numero de obras com e sem estampas, sahidas da Officina do Arco do Cego, em Portugal, sob a direcção de Fr. Conceição Velloso, ou de officinas particulares, sob os seus auspicios.

Conseguí assim colligir algumas notas interessantes, aproveitaveis para os nossos catalogos, e que completam e mesmo rectificam o que diz o mesmo Innocencio a respeito da bibliographia de Velloso.

² *Diccionario Bibliographico Portuguez*: estudos de Innocencio Francisco da Silva applicaveis a Portugal e ao Brasil. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858-1958. 23 volumes. Segundo o catálogo da Biblioteca do Senado Federal, a obra “consiste em um inventário de tudo o que se imprimiu em língua portuguesa, dentro e fora de Portugal, e breve notícia de seus autores, desde o início da imprensa até a metade do século XIX. Buscou relacionar as obras por ordem alfabética ou de importância, apontando as diversas edições, editor, data e paginação, sempre que possível.” (<http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/242735>, acesso em 10 jul. 2023)

Na parte iconographica tambem algum resultado alcancei; mas devo confessar não ter sido quanto desejava. Alguma coisa ficou por decidir, não obstante o porfiado e exhaustivo trabalho a que me entreguei.

Como sabeis, ha desde muito na Secção uma collecção de chapas de cobre gravadas, representando assumptos de historia natural e outros. Muitas trazem o endereço do Arco do Cego e outras não, sendo, porém, certo que sahiram todas dessa officina.

São 338 as chapas que possuímos, de aguas fortes existentes na collecção de estampas; no emtanto, sobem a 976 as aguas fortes que essa collecção contem, faltando, pois, as chapas correspondentes á differença entre esses dois numeros.

Em compensação, outras chapas temos, tambem do Arco do Cego, que não teem estampas correspondentes na collecção de que tratamos, mas sim em outras obras, sahidas, sob a direcção de Conceição Velloso, dessa ou de outras officinas.

Posto que a pesquisa não deu talvez fructo, em relação com o tempo dispendido, ainda assim o deu sufficiente para o não considerar perdido. Como disse, conhecimentos novos foram addicionados, e rectificações puderam ser feitas ao que se sabia a respeito das obras da autoria de Velloso e de outros em cuja publicação elle interveio (SOUZA, 1911, p. VII).

Com base nos relatos mencionados, depreende-se que a identificação das matrizes realizada em 1911 por Aurélio Lopes de Souza consistiu no cotejamento entre as chapas de cobre, a “coleção factícia de estampas e cartas geográficas” (livros de provas) e as gravuras que ornaram as obras impressas sob os auspícios de Frei Veloso na Oficina do Arco do Cego ou em oficinas particulares. Aurélio Lopes contabilizou 976 provas de gravura³, desprovidas de títulos, notas ou informações elucidativas sobre as respectivas obras para as quais as chapas foram abertas. Desse total, Lopes identificou as matrizes de 338 provas. Por um lado, ressaltou a ausência das chapas correspondentes à diferença entre esses dois números. Por outro, constatou que algumas chapas não apresentavam estampas correspondentes na coleção factícia, mas somente em obras produzidas sob a direção de Frei Veloso em diversas oficinas.

As provas mencionadas pelo Padre Joaquim Dâmaso em 1814 correspondem, provavelmente, aos quatro volumes de estampas mencionados por Menezes Brum no *Catálogo da Exposição Permanente* em 1884, bem como à coleção factícia de estampas e cartas geográficas que foram objeto de pesquisa de Aurélio Lopes em 1911.

Os quatro volumes de estampas conservados na Seção de Iconografia da Biblioteca Nacional são, na verdade, dois volumes de provas, ambos duplicados. Os volumes apresentados na Figura 5 e Figura 6 são os que se iniciam com a estampa *Boi Bison*. Apresentam diferenças quanto às dimensões e características da encadernação, bem como na quantidade de folhas e de estampas.

³ Este número coincide com o total de provas existentes no espólio da Oficina do Arco do Cego que subsiste na Imprensa Nacional-Casa da Moeda de Lisboa (LEME, 1999, p. 90).

O volume apresentado na Figura 5 mede 43 cm de altura e é composto por 140 folhas e 329 estampas. Consta a anotação manuscrita de que as estampas foram conferidas e numeradas em fevereiro de 1976 por Lygia Cunha, chefe da Seção de Iconografia. Há um carimbo da Real Biblioteca no verso da folha 1 (Figura 7). No canto inferior esquerdo da segunda capa (face interna da primeira capa) há a etiqueta da Oficina de Encadernação da Biblioteca Nacional, com o número manuscrito a tinta “30418” (Figura 8). Junto ao corte dianteiro do volume é possível notar pequenos orifícios alinhados, dispostos paralelamente à borda de diversas folhas. Esses orifícios aparentam ser pontos de costura de uma encadernação anterior, na qual as folhas estavam unidas pelo corte oposto à lombada atual (Figura 9).

O volume apresentado na Figura 6 mede 41 cm de altura e é composto por 154 folhas e 342 estampas, das quais 329 são cópias duplicadas do volume citado anteriormente. As 13 estampas que não são duplicatas, localizadas nas folhas 142 a 154, são: *Cinchona acutifolia*, *Cinchona dichotoma*, *Cinchona purpurea*, *Cinchona nitida*, *Cinchona lanceolata*, *Cinchona glandulifera*, *Cinchona ovata*, *Cinchona micrantha*, *Cinchona hirsuta*, *Cinchona grandiflora*, *Cinchona rosea*, *Cinchona magnifolia* e *Cinchona officinalis*. No canto inferior esquerdo da segunda capa há a etiqueta da Oficina de Encadernação da Biblioteca Nacional, com o número manuscrito a tinta “20928” (Figura 10). Neste volume também consta a anotação manuscrita de que as estampas foram conferidas em fevereiro de 1976 por Lygia Cunha. Além disso, em 155 estampas há marcas de “x” assinaladas em lápis vermelho, indicando que as matrizes correspondentes estão presentes na coleção da Biblioteca Nacional. Até o momento, esses registros visuais representam os únicos resultados conhecidos do meticuloso trabalho de identificação realizado por Aurélio Lopes (Figura 11). Em determinadas folhas do volume, há anotações manuscritas indicando as obras em que as estampas foram publicadas, além de observações sobre a qualidade das impressões como, por exemplo, “Prova fraquíssima” ou “A prova é ali mais vigorosa, evidentemente de tiragem anterior.”

Em ambos os volumes é possível observar variações na espessura dos papéis utilizados para a impressão das estampas, bem como a presença das mesmas marcas d’água. No segundo volume descrito, as bordas dos papéis apresentam cortes regulares e retilíneos, característicos do trabalho de acabamento da encadernação, havendo inclusive páginas mutiladas, com perdas parciais de imagens e de anotações manuscritas. Embora as provas estejam duplicadas, verificamos que entre os dois exemplares há diferenças quanto ao arranjo das estampas nas páginas, quanto à posição e ordem das páginas no interior dos volumes e diferenças nas anotações manuscritas, feitas por diversos agentes em momentos distintos.

Na Seção de Iconografia, encontram-se outros dois volumes de provas, iniciados com a estampa *Historia Natural do Homem*. Cada um deles reúne 634 provas, todas duplicadas.

O volume apresentado na Figura 12 mede 43 cm de altura e é composto por 175 folhas. No canto inferior esquerdo da segunda capa há a etiqueta da Oficina de Encadernação da Biblioteca Nacional, com o número manuscrito a tinta “20927” (Figura 13). O miolo apresenta

Figura 5 – Livro de provas de gravuras, contendo 329 estampas



Fonte: Biblioteca Nacional (Brasil) (1813-1814a)

Figura 6 – Livro de provas de gravuras, contendo 342 estampas



Fonte: Biblioteca Nacional (Brasil) (1813-1814b)

Figura 7 – Livro de provas de gravuras - Carimbo da Real Biblioteca



Fonte: Biblioteca Nacional (Brasil) (1813-1814a)

Figura 8 – Livro de provas de gravuras - Detalhe da encadernação



Fonte: Biblioteca Nacional (Brasil) (1813-1814a)

Figura 9 – Livro de provas de gravuras - Detalhe do corte dianteiro



Fonte: Biblioteca Nacional (Brasil) (1813-1814a)

Figura 10 – Livro de provas de gravuras - Detalhe da encadernação



Fonte: Biblioteca Nacional (Brasil) (1813-1814b)

Figura 11 – Livro de provas de gravuras - Identificação realizada por Aurélio Lopes



Fonte: Biblioteca Nacional (Brasil) (1813-1814b)

cortes regulares e retilíneos. Consta a anotação manuscrita de que as estampas foram conferidas em fevereiro de 1976 por Lygia Cunha, chefe da Seção de Iconografia. A numeração das estampas é descontínua, ou seja, no início do volume são numeradas de 1 a 58, seguidas por uma folha em branco e, na sequência, numeradas de 1 a 576. Em 190 estampas há marcas de “x” assinaladas em lápis vermelho, indicando que as matrizes correspondentes estão presentes na coleção da Biblioteca Nacional.

Duas anotações manuscritas encontradas nesse volume merecem ser citadas. A primeira está junto à estampa reproduzida na Figura 14 e informa: “No papel que envolve esta chapa ocorre por letra antiga, esta nota: “a 1^a planta que gravou o incigne Porfeçor, e Director de Gravura Romão Iloio de Alm.^{da} [...]”. Outra anotação, reproduzida na Figura 15, refere-se ao estado da gravura: “Figura no N^o 2483 do Cat. J. C. Rodrigues (É um estado diferente do que figura na obra.”

Figura 12 – Livro de provas de gravuras, contendo 634 estampas (cópia 1)



Fonte: Biblioteca Nacional (Brasil) (1813-1814c)

Já o volume apresentado na Figura 16 mede 41 cm de altura e é composto por 174 folhas. No canto inferior esquerdo da segunda capa há a etiqueta da Oficina de Encadernação da Biblioteca Nacional, com o número manuscrito a tinta “58765” (Figura 17). Consta a anotação manuscrita de que as estampas foram conferidas e numeradas em fevereiro de 1976 por Lygia

Figura 13 – Livro de provas de gravuras - Detalhe da encadernação



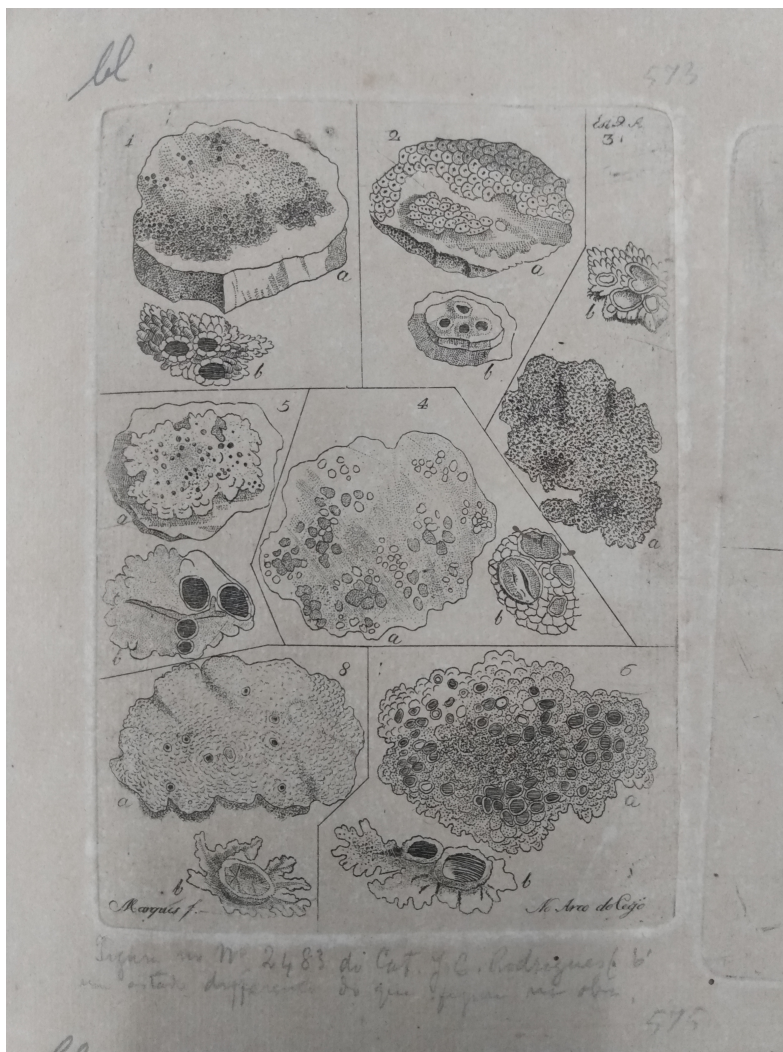
Fonte: Biblioteca Nacional (Brasil) (1813-1814c)

Figura 14 – Anotação manuscrita abaixo da estampa de Romão Eloy de Almeida



Fonte: Biblioteca Nacional (Brasil) (1813-1814c)

Figura 15 – Anotação manuscrita abaixo da estampa de José Joaquim Marques



Fonte: Biblioteca Nacional (Brasil) (1813-1814c)

Cunha. No total, há nesse volume quatro carimbos da Real Biblioteca (Figura 18), situados no verso das folhas que contêm as estampas 1-2, 58, 59-62 e 631-634.

Considerando a numeração descontínua do volume citado anteriormente e que, via de regra, os carimbos da Real Biblioteca eram apostos na primeira e na última página das obras encadernadas, a presença de quatro carimbos permite supor que o volume ora encadernado é a junção de dois volumes que anteriormente eram separados: um que continha as estampas 1 a 58 e outro que continha as estampas 59 a 634 (ou seja, 576 estampas).

Tais números coincidem com os informados por Margarida Leme sobre os volumes de provas de gravuras oriundos do espólio do Arco do Cego, preservados na Imprensa Nacional-Casa da Moeda de Lisboa: "Três volumes brochados, de 420 mm x 330 mm cada um, numerados I, II e III na lombada, e contendo o primeiro, 58 provas, o segundo 576 e o terceiro 342, todas numeradas à mão, num total de 976." (LEME, 1999, p. 90)

Figura 16 – Livro de provas de gravuras, contendo 634 estampas (cópia 2)



Fonte: Biblioteca Nacional (Brasil) (1813-1814d)

Figura 17 – Livro de provas de gravuras - Detalhe da encadernação



Fonte: Biblioteca Nacional (Brasil) (1813-1814d)

Figura 18 – Livro de provas de gravuras - Carimbo da Real Biblioteca



Fonte: Biblioteca Nacional (Brasil) (1813-1814d)

Além destes, existem na Seção de Cartografia da Biblioteca Nacional outros dois volumes de estampas, distintos entre si e encadernados separadamente, sendo um deles intitulado *Atlas celeste*⁴ e o outro, *Atlas terrestre* (assim identificado na lombada da encadernação, mas catalogado como *Atlas universal*⁵).

O *Atlas celeste* mede 22 cm de altura e é composto por 31 folhas e 30 estampas. No canto inferior esquerdo da segunda capa há a etiqueta da Oficina de Encadernação da Biblioteca Nacional com o número manuscrito “36683”. Na primeira página do volume constam a anotação “Colleccão do Arco do Cego” e duas etiquetas coladas no canto inferior esquerdo, com as informações “1, 54” e “30 Est.” Na segunda página consta: “A secção possui 12 chapas* gravadas desta colleccão. Estão guardadas com as outras sahidas da Officina do Arco do Cego. / * As chapas que temos estão aqui marcadas com uma cruzeta vermelha.”

O *Atlas terrestre* (*Atlas universal*) mede 35 cm de altura e é composto por 53 folhas e 52 estampas. No canto inferior esquerdo da segunda capa há a etiqueta da Oficina de Encadernação da Biblioteca Nacional com o número manuscrito “36682”. Na primeira página do volume

⁴ Disponível na BNDigital em:
http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart1013504/cart1013504.pdf

⁵ Disponível na BNDigital em:
http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart1013508/cart1013508.pdf

consta a anotação manuscrita: “Posto que nenhum endereço trazem estas estampas, pode-se convencidamente afirmar que as respectivas chapas foram abertas na Officina do Arco do Cego em Lisboa. Não só existem estas entre as que possuímos da mesma Officina, (a maioria com o referido endereço), como ainda figuram no documento mss. [manuscrito] mencionado sob nº 2685 no Catalogo da Exp. de Hist. do Brasil [Catálogo da Exposição de História do Brasil]. / Aurelio Lopes março de 1912 [?]”. No canto inferior esquerdo da página há duas etiquetas coladas, contendo as informações “1, 79” e “52 Est”. Na segunda página, outra anotação manuscrita: “Faltam-nos 5 chapas desta collecção. As que temos estão marcadas com uma cruzeta vermelha. Estão guardadas com as demais da Coll. do Arco do Cego.” A Seção de Iconografia possui as matrizes de 46 estampas desse volume, além de 3 matrizes inacabadas ou inutilizadas, gravadas no verso das chapas e que não estão impressas.

Tendo em vista que a atual Seção de Cartografia foi criada em 1998, desmembrada da Seção de Iconografia, os dois volumes encontravam-se nesta Seção à época das anotações de Aurélio Lopes, assim como as mencionadas chapas provenientes da Oficina do Arco do Cego. No breve apontamento de 1884, Menezes Brum mencionou que as estampas gravadas na Oficina representavam assuntos de história natural, mapas geográficos e outros temas. Em 1911, Aurélio Lopes citou a coleção factícia como uma coleção de estampas e cartas geográficas. É possível que as estampas desses dois *Atlas* tenham sido impressas simultaneamente às demais, seguindo, porém, percursos institucionais distintos na Biblioteca Nacional. Um período de tempo considerável decorreu entre a impressão das estampas e sua encadernação (ou reencadernação) em volumes, tal como se apresentam atualmente, pois a *Officina de Encadernação da Bibliotheca Nacional* foi inaugurada em julho de 1903 (SILVA, 1904, p. 358-359).

Somando-se as estampas dos seis volumes mencionados acima, contabilizamos 1.058 estampas, mais 963 duplicatas (totalizando 2.021 estampas). Considerando-as como resultantes da tiragem preparada no Rio de Janeiro por determinação do Padre Joaquim Dâmaso, é improvável que tenham sido incorporadas à Real Biblioteca por volta de 1801 devido à extinção da Oficina, como supôs Menezes Brum. Acreditamos que as estampas tenham sido produzidas entre junho de 1813, quando as chapas foram recebidas na Real Biblioteca, e março de 1814, quando as provas de todas as chapas ali existentes foram enviadas para Lisboa.

Uma menção às chapas e provas existentes na Biblioteca Pública do Rio de Janeiro é feita na obra *Instrucção para os viajantes e empregados nas colonias sôbre a maneira de colher, conservar, e remetter os objectos de Historia Natural: arranjada pela administração do R. Museu de Historia Natural de Paris; traduzida por ordem de Sua Magestade Fidelissima, expedida pelo excellentissimo Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Reino, do original francez impresso em 1818; augmentada, em notas, de muitas das instrucções aos correspondentes da Academia R. das Sciencias de Lisboa, impressas em 1781; e precedida de algumas reflexões sôbre a Historia Natural do Brazil, e estabelecimento do Museu e Jardim Botânico em a Côrte do Rio de Janeiro* (Rio de Janeiro, Impressão Régia, 1819).

Dentre as considerações sobre a História Natural do Brasil e as contribuições realizadas por pessoas aqui residentes, descreve-se a obra de Frei Veloso, onde ocorre a seguinte passagem:

O mesmo Velloso mandou abrir cinco mil e tantas chapas, cadauma d'ellas com varios animaes e vegetaes, e algumas com coisas d'Artes. Na Bibliotheca pública do Rio de Janeiro ha um Jôgo de Próvas d'aquellas chapas. Entre os muitos Mss. [manuscritos] que me-consta ficárão d'aquelle Naturalista, é provavel que haja algumas, a que estas chapas pertencão (MUSÉUM NATIONAL D'HISTOIRE NATURELLE (FRANÇA), 1819, p. XXVI).

Ao traçarmos um paralelo entre os livros de provas de gravuras com os estudos de Wilder (2019) e Caraffa (2019) sobre os catálogos fotográficos e os sistemas de valores aplicados às fotografias documentais nas instituições, observamos que tais livros foram utilizados como livros de amostras, sendo as estampas numeradas para facilitar a identificação das matrizes desejadas, caso fosse necessário imprimi-las para ilustrar as obras às quais estavam destinadas. Essas provas impressas com a finalidade de documentação e registro institucional, desprovidas de esmero técnico, serviram, assim, como catálogos analógicos, atuando como interfaces de recuperação entre a coleção ou biblioteca e o usuário, sendo evidente a relevância do número de “inventário” atribuído às estampas. Tal como os próprios livros e chapas enviados da Impressão Régia de Lisboa para o Rio de Janeiro, os livros de provas também são considerados “itens de coleção” (EDWARDS, 2019). As marcas de manipulação e uso verificadas nesses livros revelam tanto a função original dessas “gravuras-objeto” quanto as práticas institucionais que modificam e moldam os objetos dentro das coleções.

3.2 A edição comemorativa de 1976

Confrontando os números registrados em fontes documentais diversas e os verificados a partir da contagem manual dos itens, foram observadas algumas discrepâncias geradas pelos procedimentos de documentação adotados pelos vários agentes que cuidaram do espólio de Frei Veloso: no número de chapas enviadas de Lisboa para o Rio de Janeiro (entre 1.272 e 1.356 chapas); no número total de estampas existentes nos livros de provas (entre 976 e 1.058 estampas, excetuando-se as duplicatas); no número de provas assinaladas com a “cruzeta vermelha”, indicando as matrizes que se encontram na coleção da Biblioteca Nacional (entre 388 e 403); e no número de chapas que atualmente se encontram sob a guarda da Seção de Iconografia (entre 450⁶ e 498⁷ chapas).

Nos relatórios anuais da Seção de Iconografia, elaborados na década de 1950, são mencionadas algumas atividades relacionadas à organização, conservação e identificação de chapas existentes na Seção, abarcando possivelmente outras chapas além das provenientes da

⁶ De acordo com o levantamento efetuado pela autora em setembro de 2018.

⁷ De acordo com o levantamento efetuado por Cunha (2010, p. 140).

Oficina. Em 1953 foram realizadas pesquisas sobre as estampas impressas na Oficina do Arco do Cego e a *Flora Fluminense* de Frei Veloso. Os trabalhos de rotina abrangeram diversas etapas, das quais a mais importante teria sido a pesquisa para a identificação do material, com a finalidade de catalogação e de disponibilização do acervo para consulta pública (CUNHA, 1953, folhas 2-4).

O texto intitulado *A Oficina Tipográfica, Calcográfica e Literária do Arco do Cego: notícia histórica*, de Lygia Cunha, é o estudo mais completo já publicado sobre a coleção de matrizes de gravura da Oficina do Arco do Cego preservada na Biblioteca Nacional. O texto foi publicado primeiramente em 1976 no álbum *Oficina Tipográfica, Calcográfica e Literária do Arco do Cego, Lisboa: estampas*, uma edição comemorativa do centenário da reorganização da Biblioteca Nacional. Em 2010, o texto foi novamente publicado na obra *O acervo iconográfico da Biblioteca Nacional: estudos de Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha*, uma coletânea de 22 estudos publicados entre 1960 e 2006 em diversos veículos.

O álbum *Oficina Tipográfica, Calcográfica e Literária do Arco do Cego, Lisboa: estampas* teve uma edição de 1.100 exemplares: 100 exemplares numerados e assinados pela diretora da Biblioteca Nacional, Jannice Monte-Mór, contendo 50 estampas originais, impressas na oficina calcográfica do gravador José Assumpção de Souza; e 1.000 exemplares publicados em reprodução off-set. Foi uma edição comemorativa do centenário da reorganização da Biblioteca Imperial e Pública do Rio de Janeiro, como era denominada a Biblioteca Nacional à época do decreto de 4 de março de 1876, que estabeleceu um novo regulamento e dividiu a biblioteca em três seções: impressos e cartas geográficas, manuscritos e estampas.

Em julho de 1975, em meio à preparação do referido álbum de estampas, foi solicitada a contratação de um gravador que conhecesse os métodos de preservação de chapas de cobre e zinco, com o objetivo de recuperar e preservar as chapas gravadas na Oficina do Arco do Cego e outras que se encontravam em precário estado de conservação (BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil), 1975, fl. 1). Esta solicitação deu início ao processo que em grande medida configurou a coleção de matrizes tal como se apresenta atualmente, no que tange à forma de acondicionamento e guarda.

O tratamento inicialmente proposto por Orlando Joaquim Correia da Silva, autorizado a trabalhar na recuperação das chapas de cobre e zinco, incluía “limpeza geral, conservação imediata, proteção das chapas para futura preservação e impressão de 2 (duas) cópias para identificação, papel nacional tipo canson” (BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil), 1975, fl. 3).

Entre os documentos relativos ao processo de recuperação das chapas calcográficas, arquivados na Seção de Iconografia e na Divisão de Gestão Documental da Biblioteca Nacional, foram localizados diversos recibos abrangendo o período de fevereiro a abril de 1976, indicando que as chapas de cobre da Oficina do Arco do Cego foram divididas em lotes de 15 a 20 chapas. Os trabalhos de recuperação de cada lote eram executados entre 4 e 10 dias.

As intervenções realizadas ou sugeridas por Orlando da Silva são indicadas de forma sucinta em um *Memorial técnico sobre serviços e materiais* redigido em abril de 1976, no qual são enumeradas uma série de operações e os materiais necessários para sua execução. No decorrer da pesquisa não foram localizados laudos técnicos detalhando as ações efetivamente realizadas.

Seja como for, com exceção da chapa *Cacteiro folha de beldroega*, todas as outras provenientes da Oficina contam com ao menos uma cópia em papel que lhes serve de invólucro ou acondicionamento, do que se infere terem sido tratadas por Orlando da Silva ou outro profissional contratado. No relatório anual de 1978, Monte-Mór (1978, p. 329) menciona a conclusão dos trabalhos iniciados em 1975, que resultou na recuperação de cerca de 400 chapas de cobre gravadas na Oficina.

Há na Seção de Iconografia cerca de 770 cópias em papel que não foram utilizadas como acondicionamentos das matrizes. Por desconhecimento de sua origem, tais cópias foram consideradas excedentes, testes de impressão ou provas imperfeitas. Esclarecer o contexto de produção de tais estampas, identificá-las e organizá-las, reconhecendo sua conexão com a trajetória institucional das matrizes, são passos determinantes na tomada de decisão sobre a preservação e atribuição de valor patrimonial a todas as cópias existentes, movimentando-as da categoria de “não-coleção” para “coleção” (EDWARDS, 2019).

Considerando as observações de Caraffa (2019) e Brulon (2017), as ações dos catalogadores, museólogos e curadores de acervos são realizadas diariamente por indivíduos que atuam segundo sistemas de valores situados em contextos históricos específicos. Há sempre uma dimensão política intrínseca em suas atividades e nas decisões que afetam e moldam a estrutura das coleções, as práticas institucionais e a própria construção de musealidade. Cabe, portanto, aos “agentes que fazem os museus” refletir criticamente sobre suas práticas museais e seus processos de trabalho, fazendo-os transparentes e reconhecendo que sua performance é “responsável por construir verdades e sustentar valores”, contribuindo assim para a consolidação da Museologia como ciência.

Esse entendimento, concebido e divulgado hoje em dia, e que se diferencia daquilo que foi adotado no passado de instituições de conservação, estudo e guarda de acervos, conduz a interrogações que acabaram por extrapolar os limites desta Dissertação. A primeira delas diz respeito à necessária ampliação das investigações sobre a produção do Arco do Cego do ponto de vista de seus aspectos materiais e técnicos e notadamente dos conteúdos abordados. A segunda refere-se às concepções e práticas de documentação de materiais bibliográficos e iconográficos que sustentaram, nos séculos XIX e XX, em Lisboa e no Rio de Janeiro, a própria seleção e organização das matrizes, questionando-se os modos pelos quais a divisão ou separação entre edições e matrizes gerou, entre outras complexas decorrências, a transformação de desenhos e mapas em ilustrações verossímeis do mundo natural do Império português, o que opacificou e fragmentou as significações históricas e políticas da produção desses registros imagéticos bem

como de suas posteriores apropriações pelas instituições de guarda, em especial a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

3.3 A edição do Museu Nacional de Belas Artes em 1988

Em 1988 realizou-se a edição de algumas matrizes da Oficina do Arco do Cego por meio de uma colaboração entre a Biblioteca Nacional e o Museu Nacional de Belas Artes (MNBA)⁸, propondo-se a seleção de cinco matrizes a partir do exame da tiragem preparada em 1976, bem como a tiragem de cinquenta estampas que seriam divididas equitativamente entre as duas instituições. A rotina de trabalho consistiu em cálculo e compra do papel necessário à impressão, controle do empréstimo e impressão das matrizes no Museu Nacional de Belas Artes, devolução das matrizes e entrega das vinte e cinco estampas à Biblioteca Nacional.

As cinco matrizes selecionadas foram:

Cacteiro melão, localizada em ARM.24.2.1⁹;

Pêssego (Vieira Sc. No Arco do Cego.), localizada em ARM.24.2.3¹⁰;

Cinchona caribaea (R. E. Almd.^a Esculp.), localizada em ARM.24.21.7¹¹;

Capricornio, e Aquario (Costa f. no Arco do Cego.), localizada em ARM.24.2.6¹² e

O Lynce, e o Leão Menor (Vianna f. no Arco do Cego.), localizada em ARM.24.2.5¹³.

Capricornio, e Aquario e *O Lynce, e o Leão Menor* são matrizes de ilustrações da obra *Atlas celeste, arranjado por Flamsteed, publicado por J. Fortin, correcto, e augmentado por Lalande, e Mechain, trasladado em lingoagem [...] para instrução da mocidade*, publicada pela Impressão Régia de Lisboa em 1804. *Pêssego* é uma ilustração botânica provavelmente destinada à edição de um livro, ainda não identificado. No decorrer desta pesquisa, constatou-se apenas que não se trata de uma ilustração do *Tractado da cultura dos pessegueiros*, publicado pela Tipografia Calcográfica e Literária do Arco do Cego em 1801, contendo 16 gravuras. A matriz *Cacteiro melão* também pode ter sido produzida para ilustrar um livro, não identificado, assim como outras de temas semelhantes, como *Cacteiro parasitico*, *Cacteiro folha de beldroega* e *Cacteiro Tuna*, todas com dimensões aproximadas de 14 x 10 cm. *Cinchona caribaea* é uma

⁸ As informações referentes a este trabalho foram obtidas em documentos arquivados na Seção de Iconografia, possivelmente cópias de documentos que instruem o processo BN nº 91/88.

⁹ Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon1323233/icon1323233.jpg

¹⁰ Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon1323235/icon1323235.jpg

¹¹ Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon1342999/icon1342999.jpg

¹² Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon1323238/icon1323238.jpg

¹³ Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon1323237/icon1323237.jpg

das 23 matrizes da coleção que retratam espécies de quina, planta de valor medicinal amplamente utilizada no tratamento da malária. Ainda não foi possível identificar o livro para o qual se destinava e, das cinco matrizes selecionadas, esta é a única localizada na *Pasta 21*, que contém matrizes de quininas e de mapas.

O critério de seleção dessas matrizes é desconhecido, pois não foram identificados registros documentais detalhados sobre o exame da coleção calcográfica, que teria fundamentado a seleção. Consideramos significativo o fato de que quatro matrizes estão armazenadas na mesma *Pasta 2*, identificadas pelo código “ARM.24.2”. Caso a localização atual das peças (descrita no Apêndice A) tenha permanecido inalterada desde o ano de 1988, é plausível que a contiguidade destas matrizes no local de guarda tenha sido conveniente e determinante para sua escolha. Porém, priorizar o caráter ilustrativo e decorativo das gravuras, retirando-as de contexto, é uma escolha curatorial que impacta e prejudica o entendimento sobre a formação, a composição e o significado desse acervo.

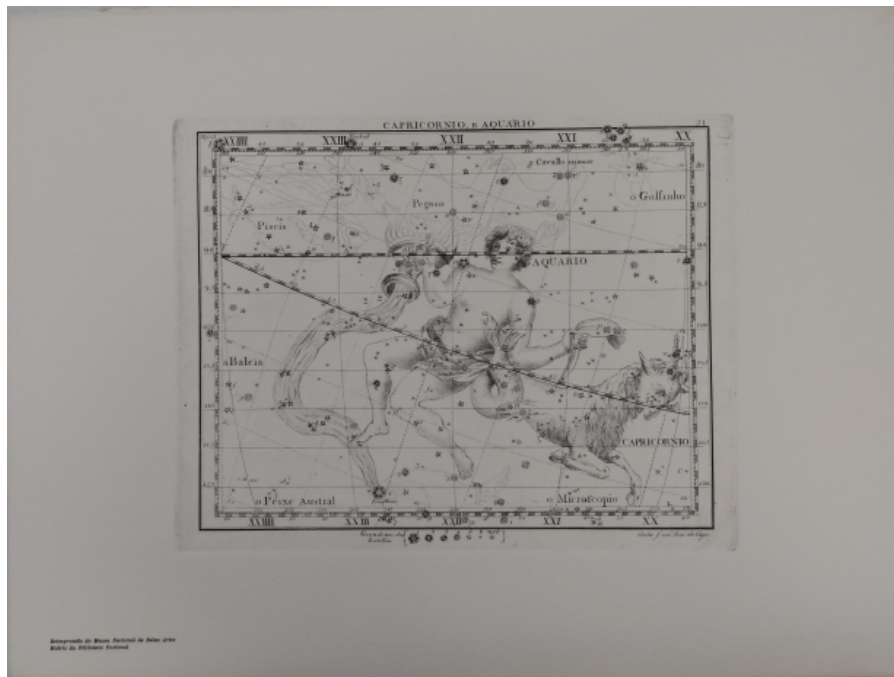
As impressões foram realizadas no Gabinete de Gravura do Museu Nacional de Belas Artes, totalizando 212 cópias a partir de 4 matrizes. A matriz *Cinchona caribaea* não pôde ser editada por estar fragilizada por impressões anteriores. Foram entregues à Biblioteca Nacional, em março de 1989, um total de 108 cópias em papel: 28 cópias de *Capricornio*, e *Aquario* (Figura 19), 30 cópias de *O Lynce*, e *o Leão Menor* (Figura 20), 25 cópias de *Pêssego* (Figura 21) e 25 cópias de *Cacteiro melão* (Figura 22), impressas em papel vergê *Arches* francês, fornecido pelo Museu Nacional de Belas Artes.

Duas cópias de cada matriz deveriam ser preservadas na coleção de estampas da Seção de Iconografia. As demais poderiam servir para intercâmbio com outras instituições responsáveis pela guarda de acervos semelhantes ou ser entregues, em caráter excepcional, a particulares. Cada peça deveria ser acompanhada de um pequeno texto contendo os respectivos dados técnicos e artísticos, além de informações sobre a Oficina do Arco do Cego. Para a apresentação das estampas, cogitou-se a utilização de *passé-partout* ou uma montagem das quatro peças, isoladamente ou em conjunto. No entanto, o projeto não se concretizou plenamente, visto que há o registro de apenas duas doações efetuadas (uma para Lisboa, em 1990, e outra para o Museu de Astronomia, em 2010) e as demais estampas encontram-se preservadas na Seção de Iconografia da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

3.4 A coleção hoje

As principais ações realizadas na Real Biblioteca e posteriormente na Biblioteca Nacional para identificar, preservar e divulgar a coleção de matrizes de gravura da Oficina do Arco do Cego, descritas neste trabalho foram: as primeiras providências adotadas pelo diretor da Real Biblioteca, Padre Joaquim Dâmaso, por volta de 1813; a tentativa de identificação das chapas realizada pelo bibliotecário Aurélio Lopes, por volta de 1911; os serviços de conservação executados por Orlando Joaquim Correia da Silva entre 1975 e 1978, quando se imprimiu

Figura 19 – *Capricornio, e Aquario* - Reimpressão do Museu Nacional de Belas Artes - Matriz da Biblioteca Nacional



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional - Brasil

Figura 20 – *O Lynce, e o Leão Menor* - Reimpressão do Museu Nacional de Belas Artes - Matriz da Biblioteca Nacional



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional - Brasil

Figura 21 – *Pêssego* - Reimpressão do Museu Nacional de Belas Artes - Matriz da Biblioteca Nacional



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional - Brasil

Figura 22 – *Cacteiro melão* - Reimpressão do Museu Nacional de Belas Artes - Matriz da Biblioteca Nacional



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional - Brasil

pequena tiragem de todas as matrizes, sendo uma das provas de cada matriz utilizada como um “acondicionamento ilustrado” da respectiva chapa; a notícia histórica elaborada por Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha e a impressão de 50 chapas para uma edição publicada em 1976, em comemoração ao centenário da reorganização da Biblioteca Nacional, constituindo-se no estudo mais detalhado sobre a coleção preservada no Brasil; e a impressão de 4 chapas selecionadas no projeto colaborativo entre a Biblioteca Nacional e o Museu Nacional de Belas Artes, realizado em 1988 e 1989.

Existem ainda outros documentos, iniciativas de tratamento técnico e exposições envolvendo a coleção de matrizes e estampas do Arco do Cego que merecem investigação e descrição mais detalhada em estudos futuros, tais como:

- as diversas estampas produzidas por gravadores da Oficina do Arco do Cego, guardadas na Seção de Iconografia junto com outras estampas de artistas portugueses como, por exemplo, *A Sultana em traje de Corte / Aos Amadores das bellas artes offerece Esta Sua / Primeira Gravura Constantino da Costa e Olivr.^a / Chalcographo do Arco do Cego*, comprada pela Biblioteca Nacional em 1907 (Figura 23);
- a pequena tiragem de 19 pranchas para a coleção da Seção de Iconografia, providenciada em 1940 por Floriano Bicudo Teixeira na Imprensa Nacional do Rio de Janeiro (CUNHA, 2010, p. 140, nota 33);
- o documento intitulado *Papéis relativos à distribuição do álbum do Arco do Cego*, de 1976, localizado na Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional;
- o levantamento de obras produzidas ou relacionadas à Oficina, tais como matrizes, estampas, livros e documentos manuscritos, que figuraram em exposições da Biblioteca Nacional e em exposições externas, como a mostra *O gabinete de curiosidades de Domenico Vandelli*, exibida no Instituto Inhotim em Brumadinho (MG), em 2009, e a mostra *Memória do Mundo*, exibida na Biblioteca Nacional em 2012;
- a nomeação da coleção de matrizes no Programa Memória do Mundo - Registro Nacional do Brasil em 2011.

Atualmente existem na Seção de Iconografia da Fundação Biblioteca Nacional 450 chapas de cobre compondo a Coleção do Arco do Cego, das quais 28 estão gravadas em ambos os lados, totalizando 478 matrizes. Na verificação mais recente realizada em julho de 2022, constatou-se que a chapa *Nova Hollanda* também está gravada no verso, onde consta a imagem de um mapa inacabado. Portanto, a soma de 477 matrizes verificada em 2018 foi atualizada para 478 matrizes.

Ainda que algumas imagens gravadas no verso das chapas estejam mutiladas, denotando o corte e o reaproveitamento das placas de cobre; ainda que algumas imagens estejam inacabadas ou aparentem ser estudos para uma versão definitiva, ou ainda que as imagens gravadas no verso das chapas estejam gravadas de forma idêntica em outras chapas, todas as imagens gravadas

Figura 23 – *A Sultana em traje de Corte*, gravura de Constantino da Costa e Oliveira



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional - Brasil

foram consideradas e contabilizadas como ‘matrizes’.

As 450 chapas estão divididas em 39 pastas numeradas de 1 a 55 de forma não sequencial. Cada pasta contém de 2 a 21 chapas, cujas dimensões variam de aproximadamente 8 x 14 cm a 28 x 46 cm. Todas elas, exceto *Cacteiro folha de beldroega*, estão acondicionadas em suas respectivas provas em papel, oriundas da tiragem produzida por Orlando da Silva por volta de 1976.

A descrição do conteúdo de cada pasta é apresentada no Apêndice A.

A coleção de matrizes calcográficas preservada na Biblioteca Nacional é uma parte do espólio da Oficina do Arco do Cego, complementada pela coleção preservada na Imprensa

Nacional-Casa da Moeda de Lisboa.

Em 1999, Leme (1999, p. 90) apresentou um inventário resumido do espólio ali preservado, abrangendo os documentos de arquivo, as provas de gravuras, as chapas de cobre e os livros impressos. Das provas, informou existirem três volumes brochados contendo ao todo 976 estampas, destinadas a obras que foram editadas ou que ficaram inéditas. Contabilizou cerca de 1700 chapas de cobre, abertas por artistas da Oficina do Arco do Cego ou na Impressão Régia. Na ocasião em que se comemorou o bicentenário de criação da Oficina, divulgou-se a elaboração de um inventário exaustivo da coleção de chapas de cobre, projeto também mencionado por Faria (2000-2001, p. 40).

Em maio de 2022, foi enviada pelo Arquivo da Imprensa Nacional-Casa da Moeda de Lisboa, via correio eletrônico, uma planilha contendo uma breve descrição das chapas do Arco do Cego e da Impressão Régia que estão sob custódia daquela instituição. A planilha, designada daqui por diante como *Planilha INCM - 2022* é um inventário bastante conciso e revela a existência de 1.697 chapas e 876 provas.

4 O CATÁLOGO

4.1 Definições e normas

A salvaguarda de bens considerados como patrimônio de uma coletividade deve ser garantida às gerações futuras em virtude dos valores históricos, culturais e artísticos, entre outros, que lhes são atribuídos por indivíduos, instituições ou pela sociedade em geral. Instituições como arquivos, bibliotecas e museus, responsáveis pela preservação de bens móveis e sua disponibilização ao público, requerem infraestrutura e procedimentos que assegurem o armazenamento adequado, a conservação e a segurança dos bens culturais. Os acervos demandam organização e gestão compatíveis à sua tipologia, bem como um sistema de documentação capaz de proporcionar mecanismos eficientes de consulta, viabilizando o acesso público e a produção de conhecimento resultante de pesquisas. Estas, por sua vez, contribuem para a construção e compreensão do significado dos acervos, significado este que justifica os esforços empreendidos para a salvaguarda dos bens (POSSAMAI, 2020).

A Museologia Aplicada é o “campo de conhecimento sustentado pela prática museal” e compreende “as ações técnicas do processo curatorial – aquisição, salvaguarda (conservação e documentação) e comunicação (exposição e educação) – e as de gestão (planejamento e administração)” (CURY, 2014, p. 57-60). Ou seja, a Museologia Aplicada compreende os estudos concernentes à cadeia operatória de procedimentos de: aquisição, formação e desenvolvimento de coleções; salvaguarda, que inclui a conservação preventiva e a documentação museológica; comunicação museal, que inclui as exposições e a educação em museus; gestão, que inclui ações de planejamento, administração e avaliação, ou seja, a organização da rotina e do cotidiano do museu.

A coleção de matrizes do Arco do Cego encontra-se, no Brasil, sob a guarda de uma “biblioteca-museu”. A investigação do processo curatorial de aquisição, salvaguarda e comunicação da Coleção do Arco do Cego, tema desta dissertação, pode ser inserida no campo da Museologia Aplicada. O objetivo principal da pesquisa é a identificação das matrizes de gravura da coleção, para a inclusão de registros bibliográficos¹ na base de dados do catálogo geral do acervo da Biblioteca Nacional, buscando-se registrar principalmente a autoria, a descrição física e as obras associadas à produção e utilização das matrizes. O propósito da pesquisa é realizar uma descrição dos aspectos físicos das matrizes e, ao mesmo tempo, compreender seus valores simbólicos e sua importância para a memória científica e cultural do Brasil, relacionando as gravuras aos domínios históricos e socioculturais de sua produção e uso.

¹ Segundo o *Glossário dos Princípios Internacionais de Catalogação*, registro bibliográfico é o “conjunto de elementos de dados que descreve e dá acesso a um recurso bibliográfico e identifica obras e expressões relacionadas.” (IFLA, 2009, p. 13)

A inclusão de registros bibliográficos nos catálogos e a elaboração de bibliografias, inventários analíticos, dossiês e guias de coleções são atividades executadas pelos profissionais da Biblioteca Nacional, com o objetivo de criar instrumentos que facilitem o acesso do usuário interno e externo aos itens do acervo, apresentando-os de forma interligada, além de oferecer suporte às atividades relacionadas à gestão, conservação, pesquisa e difusão do acervo.

O catálogo deve ser um instrumento eficiente e eficaz, que permita aos usuários localizarem, dentro de uma coleção, um recurso bibliográfico específico e quaisquer outros recursos relacionados a ele, como resultado de uma pesquisa. Além disso, deve possibilitar a identificação e a seleção dos recursos adequados às suas necessidades, facilitando o acesso aos itens descritos e aos dados bibliográficos (IFLA, 2009, p. 3-4). Para tanto, em catálogos de bibliotecas, a organização da informação é baseada em regras de catalogação e em registros de dados bibliográficos padronizados. Tais regras de catalogação e formatos de registros têm a finalidade de estabelecer critérios para o preenchimento dos campos recuperáveis e padronizar a entrada, armazenamento e apresentação dos dados. Visam facilitar a recuperação eficaz das informações contidas nos catálogos e, principalmente, o intercâmbio de dados bibliográficos entre sistemas ou redes de bibliotecas, por meio de programas de computador específicos (DUMER; ALBUQUERQUE, 2018).

A Biblioteca Nacional adota como formato de descrição bibliográfica e de intercâmbio de informações o formato *MARC 21 (Machine Readable Cataloging Format)*, cuja versão inicial foi criada na década de 1960 por iniciativa da *Library of Congress* (Biblioteca do Congresso), nos Estados Unidos. O formato *MARC 21 para dados bibliográficos* define uma ampla gama de campos e subcampos para a inserção de dados como autores, títulos, dados de publicação e de manufatura, descrição física, séries, assuntos e localização do objeto, além de várias notas para o registro de informações adicionais ou complementares ao conteúdo dos demais campos do registro bibliográfico².

Para elaborar a descrição dos itens, a Biblioteca Nacional adota as regras do código internacional de catalogação conhecido como *Anglo-American Cataloguing Rules, Second Edition – AACR2*, isto é, o *Código de Catalogação Anglo-Americano*, segunda edição, baseada na unificação dos textos britânico e norte-americano da edição de 1967 (AACR2, 2004, p. 1). O AACR2 oferece regras gerais para a descrição de todos os materiais de biblioteca, além de diretrizes específicas aplicáveis a tipos particulares de materiais, como os materiais gráficos, que abrangem as matrizes de gravura da Coleção do Arco do Cego.

No AACR2, as regras de descrição são numeradas de acordo com uma estrutura mnemônica. Assim, as regras para a descrição dos materiais gráficos estão divididas em áreas pré-definidas e idênticas para todos os tipos de materiais: regras gerais; área do título e da indicação de responsabilidade; área da edição; área dos detalhes específicos do material (ou do tipo de

² A versão completa do *MARC 21 Format for Bibliographic Data*, com a descrição de cada elemento de dados, está disponível em <https://www.loc.gov/marc/bibliographic/>.

publicação); área da publicação, distribuição etc.; área da descrição física; área da série; área das notas e área do número normalizado e das modalidades de aquisição. Nota-se, portanto, que a descrição de materiais como as matrizes de gravura deve adequar-se a campos do registro bibliográfico e a regras de descrição fortemente relacionados às características dos livros, folhetos e folhas soltas impressas, isto é, aos "itens monográficos impressos", conforme a designação utilizada no AACR2.

No âmbito da Biblioteconomia,

Mesmo que, em sentido amplo, o termo catalogação envolva todos os procedimentos para a representação de um item em catálogos, bibliografias ou outros produtos provenientes da análise documental, [...] a representação da informação pode ser subdividida em representação descritiva e representação temática. A primeira representa as características específicas do documento, denominada descrição bibliográfica, que permite a individualização do documento. Ela também define e padroniza os pontos de acesso³, responsáveis pela busca e recuperação da informação, assim como pela reunião de documentos semelhantes, por exemplo, todas as obras de um determinado autor ou de uma série específica. A segunda detém-se na representação dos assuntos dos documentos a fim de aproximá-los, tornando mais fácil a recuperação de materiais relevantes que dizem respeito a temas semelhantes (MAIMONE; SILVEIRA; TÁLAMO, 2011, p. 27-28).

No contexto dos museus e da documentação museológica, idealmente,

o objetivo principal [do sistema de documentação] é constituir uma base ampla de informações, que alimente pesquisas e ações de curadoria, tanto da própria instituição como externas, e se alimente, por sua vez, das pesquisas realizadas sobre o acervo institucional ou em torno dele. É comum falar-se, quanto a isso, em movimentos centrífugos e centrípetos, isto é, o sistema de documentação tem a força de trazer para si, de concentrar em si, toda a gama de informações produzidas sobre o acervo e, ao sistematizá-las e gerar agilidade de consultas, passa a disseminar essas informações, colocá-las à disposição de interessados, e, assim, com a mesma força com que concentrou em si todas as informações, é capaz também de devolvê-las, agora processadas, à comunidade de pesquisa, curadoria museológica e outros tipos de usuários, multiplicando os efeitos da informação. Por tradição, a maior dedicação dos curadores de museus – e muitas vezes ela é realmente imensa – se dá no estudo de cada peça ou coleção, organizando-se dossiês substanciais sobre cada uma delas mas sem que a maior preocupação resida, normalmente, em criar sistemas organizados para essas informações. Isto se deve, sobretudo, ao fato de que o principal desafio do curador de acervos materiais

³ Segundo a *Declaração de Princípios Internacionais de Catalogação*, pontos de acesso são elementos dos registros bibliográficos que viabilizam sua recuperação eficaz e a de recursos bibliográficos associados, delimitando os resultados de uma pesquisa. São os nomes, termos ou códigos pelos quais um registro bibliográfico pode ser pesquisado e identificado (IFLA, 2009, p. 7 e 12).

é justamente compreender os artefatos sob seus cuidados (e propiciar sua compreensão por terceiros), já que isto exige um profundo trabalho de decodificação e, para tanto, também, de um extenso rastreamento de informações tanto no que diz respeito à própria materialidade do objeto como às realidades orgânicas de que ele originalmente participou mas que lhe são extrínsecas (BARBUY, 2008, p. 36-37).

Na catalogação de materiais como as matrizes de gravura, as informações referentes às características físicas e aos pontos de acesso nem sempre podem ser obtidas diretamente dos próprios objetos. As atribuições de autores, títulos, datas ou assuntos resultam de pesquisas que forneçam informações sobre o contexto histórico e sociocultural envolvendo a produção e utilização dos objetos, e de informações sobre sua trajetória na instituição de preservação. Os registros bibliográficos podem ser elaborados em vários níveis de detalhe, dependendo dos objetivos do catálogo (IFLA, 2009, p. 4). É importante salientar que a prática de catalogação em bibliotecas e em museus difere quanto à finalidade, embora haja aproximações, e que a metodologia adotada para a catalogação deve levar em consideração, sempre, as necessidades informacionais da instituição como um todo (YASSUDA, 2009, p. 61).

4.2 Metodologia

Atualmente existem dois catálogos *online* do acervo da Biblioteca Nacional, independentes entre si. Uma vez que os registros bibliográficos são inseridos separadamente em cada base de dados, o conteúdo disponível em uma não espelha o conteúdo da outra.

O primeiro deles é o catálogo geral do acervo propriamente dito, que pode ser acessado através do endereço eletrônico https://acervo.bn.gov.br/sophia_web. Esse catálogo abrange os registros bibliográficos de todas as seções da Biblioteca Nacional. No que se refere à Seção de Iconografia, o catálogo *online* não contempla a totalidade das obras existentes no acervo, de modo que parte delas só pode ser consultada por meio dos fichários disponíveis no salão de consulta da Seção, situada no edifício-sede da Biblioteca, no Rio de Janeiro. Não há correspondência entre o catálogo *online*, atualizado diariamente, e o fichário físico, mantido apenas para consulta local e atualizado excepcionalmente.

O segundo catálogo mencionado é o da Biblioteca Nacional Digital (BNDigital), acessível pelo endereço eletrônico <https://bndigital.bn.gov.br>. A BNDigital possibilita o uso da imagem digital como um recurso para a preservação, salvaguarda e difusão do acervo da Biblioteca Nacional. A disponibilização de documentos analógicos em formatos digitais não apenas expande e renova as possibilidades de acesso e uso das obras disponíveis, como também amplia e diversifica a esfera social de atuação da Biblioteca e o público que pode desfrutar de seu patrimônio.

Antes do trabalho de catalogação realizado no âmbito deste projeto de pesquisa, as matrizes de gravura da Oficina do Arco do Cego estavam incluídas apenas no catálogo da Biblioteca Nacional Digital. O processo de digitalização das matrizes iniciou-se em 2011,

quando havia somente uma catalogação sucinta na base de dados conhecida internamente como *Base ISIS*, já naquele ano inativa, porém ainda hoje disponível para consulta. No decorrer do processo de digitalização, os registros bibliográficos existentes na *Base ISIS* foram inseridos no catálogo da Biblioteca Nacional Digital, sendo brevemente complementados ou retificados apenas neste último.

Conforme mencionado, a coleção do Arco do Cego é composta por 478 matrizes, gravadas em 450 chapas de cobre. No projeto inicial apresentado no Memorial de Qualificação em 2022, propôs-se a divisão das matrizes em três grupos, considerando a viabilidade de identificar sua utilização, voltada principalmente para a ilustração de livros que podem ter sido publicados ou não.

No *Grupo 1*, estariam as matrizes utilizadas nos livros que constituem os “trabalhos literários” de Frei Veloso, publicados entre 1795 e 1808 por diversas oficinas sediadas em Lisboa: Casa Literária do Arco do Cego (e demais designações), Impressão Régia (ou Régia Oficina Tipográfica) e as oficinas de António Rodrigues Galhardo, João António da Silva, Simão Tadeu Ferreira e João Procópio Correia da Silva (ou Oficina Patriarcal de João Procópio Correia da Silva).

Como fonte de referência para efetuar o levantamento dos títulos de interesse, indicou-se o *Catálogo Bibliográfico* publicado em *A Casa Literária do Arco do Cego (1799-1801) – Bicentenário: “Sem livros não há instrução”*, catálogo da exposição comemorativa do bicentenário de criação da Casa Literária do Arco do Cego, publicado em 1999 pela Biblioteca Nacional de Portugal e Imprensa Nacional-Casa da Moeda de Lisboa.

No *Grupo 2*, estariam incluídas as matrizes gravadas para ilustrar livros que ficaram inéditos ou livros que chegaram a ser publicados, mas dos quais não há testemunhos materiais, isto é, não há exemplares conhecidos. Para a identificação destas matrizes, propôs-se realizar um levantamento das fontes iconográficas que teriam servido de base para a produção das gravuras da Oficina.

Tais fontes iconográficas seriam, entre outras: as edições estrangeiras que possivelmente deram origem às traduções portuguesas, identificadas a partir da relação de obras que estavam em preparação na Oficina do Arco do Cego; as obras que figuram no *Catálogo da “Livraria” vinda da Arco do Cego para a Biblioteca da Impressão Régia em 1804* (LEME, 2019b, p. 391-443); e os volumes de ilustrações da *Encyclopédie méthodique ou par ordre de matières...*, obra organizada por Charles Joseph Panckoucke, publicada em Paris entre 1782 e 1832.

O *Grupo 3* incluiria as matrizes cuja finalidade é desconhecida, possivelmente destinadas a outros propósitos que não a ilustração de livros, como a comercialização em forma avulsa, por exemplo.

Por sugestão da comissão examinadora do Exame de Qualificação, composta pela Prof.^a Dr.^a Cecília Helena Lorenzini de Salles Oliveira, Prof.^a Dr.^a Ana Paula Medici e Prof.^a

Dr.^a Ana Paula Nascimento, optou-se por selecionar uma parte específica do conjunto total de matrizes para dar continuidade à pesquisa, com o objetivo de concentrar os esforços de análise e obter resultados mais efetivos e significativos dentro do prazo estabelecido para a conclusão da dissertação.

Assim, decidiu-se considerar apenas as matrizes do *Grupo 1* para dar prosseguimento ao trabalho de identificação e catalogação. A fonte de referência utilizada para o levantamento das edições a serem consultadas foi o já mencionado *Catálogo Bibliográfico* publicado em 1999, que apresenta as referências bibliográficas de 140 obras, divididas em duas partes.

Na primeira parte do *Catálogo* (itens 1 a 83), estão listadas as referências bibliográficas de 83 edições publicadas com a “chancela do Arco do Cego”, abrangendo todas as suas denominações conhecidas. No entanto, ao que se sabe até hoje, foram publicados 86 títulos pela Oficina do Arco do Cego (LEME, 2019a; LIMA, 2019; FARIAS, 2019) e, embora desatualizado, uma vez que outras obras foram descobertas após sua edição⁴, considera-se este *Catálogo* uma fonte de referência segura, relevante e válida como ponto de partida para esta pesquisa de natureza acadêmica.

Na segunda parte do *Catálogo Bibliográfico* (itens 84 a 140), estão listadas as referências bibliográficas de edições provenientes de outras oficinas tipográficas, às quais pôde ser associada a influência de Frei Veloso ou a participação da Oficina do Arco do Cego. Para a elaboração deste repertório foram consideradas:

As edições encomendadas por D. Rodrigo de Sousa Coutinho no período em que esteve à frente do Ministério da Marinha;

As publicações em que exista menção específica, na folha de rosto, ao nome de Frei Veloso;

As edições que incluam gravuras identificadas como provenientes das oficinas do Arco do Cego;

As obras constantes dos próprios catálogos de edições do Arco do Cego, publicados na época e que, não raro, se encontram no fim das obras;

As obras que vêm referidas nos livros de pagamento;

As publicações em série em que um dos volumes se relaciona com os critérios atrás enunciados;

As edições que contenham alguma informação no prefácio, texto, notas, etc. que certifique uma ligação objectiva aos trabalhos literários e científicos promovidos por D. Rodrigo de Sousa Coutinho e Frei Mariano Veloso;

⁴ Uma das obras que não consta no *Catálogo Bibliográfico* de 1999 é a *Arte de fazer a colla forte, composta em francez por Mr. Duhamel*, publicada em 1799. A versão digital de um exemplar desta obra, existente na *Bayerische Staatsbibliothek-München* (Biblioteca Estadual da Baviera), está disponível na *Digitale Bibliothek / Münchener Digitalisierungszentrum* (Biblioteca Digital / Centro de Digitalização de Munique) através do endereço eletrônico <https://www.digitale-sammlungen.de/view/bsb10304745?page=5> (acesso em 15 jul. 2023).

Em casos duvidosos, as obras confirmadas pelo catálogo dos livros à venda da Impressão Régia, de 1831 (CAMPOS, 1999, p. 12).

Os títulos elencados no *Catálogo Bibliográfico* foram pesquisados e consultados principalmente nos acervos da Fundação Biblioteca Nacional, Biblioteca Nacional de Portugal, Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (BBM-USP) e biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP). Todas as edições que foram examinadas em versão impressa, original, fazem parte do acervo da Fundação Biblioteca Nacional. As edições pertencentes às demais instituições foram consultadas exclusivamente em formato digital.

Setenta obras elencadas no *Catálogo Bibliográfico* foram desconsideradas para o trabalho de identificação das matrizes calcográficas: 69 delas por serem obras não ilustradas, de acordo com a descrição bibliográfica e o que se pôde averiguar nas versões digitais consultadas; uma delas, o item n.º 139, por se tratar da obra *Flora Fluminense* de Frei Veloso, publicada em 1827 e ilustrada com litogravuras.

Em relação às 70 edições ilustradas, referenciadas aqui pelo termo “Cat.”, seguido do número pelo qual estão listadas no *Catálogo Bibliográfico*, tem-se o seguinte panorama:

1. Matrizes não identificadas na Coleção do Arco do Cego da Biblioteca Nacional e não identificadas na Planilha INCM - 2022 - 15 edições

1.1. Edições consultadas em versão digital

Cat. 31 - Arte do carvoeiro. . . , de Duhamel du Monceau - 1 estampa

Planilha INCM - 2022: a obra não é citada ou não pode ser identificada

Coleção Arco do Cego - Biblioteca Nacional: não foi identificada matriz correspondente à ilustração

Cat. 32 - Compendio sobre a canna. . . , de Jacques-François Dutrône La Couture - 6 estampas, 3 vinhetas

Planilha INCM - 2022: a obra não é citada ou não pode ser identificada

Coleção Arco do Cego - Biblioteca Nacional: não foram identificadas matrizes correspondentes às ilustrações nem às vinhetas

Cat. 37 - Memoria sobre a cultura, e productos da cana de assucar. . . , de José Caetano Gomes - 8 estampas

Planilha INCM - 2022: a obra não é citada ou não pode ser identificada

Coleção Arco do Cego - Biblioteca Nacional: não foram identificadas matrizes correspondentes às ilustrações

Cat. 50 - Descrição da arvore assucareira, e da sua utilidade e cultura. . . , de Hipólito José da Costa - 1 estampa

Planilha INCM - 2022: a obra não é citada ou não pode ser identificada

Coleção Arco do Cego - Biblioteca Nacional: não foi identificada matriz correspondente à ilustração

Cat. 57 - Noticia da sopa de Rumford. . . - 1 estampa (reproduzida no *Catálogo bibliográfico*, p. 180)

Planilha INCM - 2022: a obra não é citada ou não pode ser identificada

Coleção Arco do Cego - Biblioteca Nacional: não foi identificada matriz correspondente à ilustração

Cat. 61 - Tentamen dispositionis methodicae fungorum. . . , de Christian Henrik Persoon - 4 estampas

Planilha INCM - 2022: a obra não é citada ou não pode ser identificada

Coleção Arco do Cego - Biblioteca Nacional: não foram identificadas matrizes correspondentes às ilustrações

Cat. 88 - Construcção, e analyse de proposições geometricas. . . , de George Atwood - 4 estampas

Planilha INCM - 2022: a obra não é citada ou não pode ser identificada

Coleção Arco do Cego - Biblioteca Nacional: não foram identificadas matrizes correspondentes às ilustrações

Cat. 92 - Memoria sobre a cultura da urumbeba. . . , de Claude-Louis Berthollet - 1 estampa

Planilha INCM - 2022: a obra não é citada ou não pode ser identificada

Coleção Arco do Cego - Biblioteca Nacional: não foi identificada matriz correspondente à ilustração

Cat. 99 - Cultura americana que contem huma relação do terreno, clima, producção, e agricultura das colonias britannicas. . . - 1 estampa

Planilha INCM - 2022: a obra não é citada ou não pode ser identificada

Coleção Arco do Cego - Biblioteca Nacional: não foi identificada matriz correspondente à ilustração

Cat. 102 - Discurso pratico acerca da cultura, maceração, e preparação do canamo. . . - 2 estampas

Planilha INCM - 2022: a obra não é citada ou não pode ser identificada

Coleção Arco do Cego - Biblioteca Nacional: não foram identificadas matrizes correspondentes às ilustrações

Cat. 113 - De rebus rusticis brasiliensis. . . , de José Rodrigues de Melo - 5 estampas

Planilha INCM - 2022: a obra não é citada ou não pode ser identificada

Coleção Arco do Cego - Biblioteca Nacional: não foram identificadas matrizes correspondentes às ilustrações

Cat. 117 - Memoria sobre a cultura, e preparação do girofeiro aromático. . . - 1 estampa

Planilha INCM - 2022: a obra não é citada ou não pode ser identificada

Coleção Arco do Cego - Biblioteca Nacional: não foi identificada matriz correspondente à ilustração

1.2. Edições consultadas em versão impressa

Cat. 100 - Mineiro do Brasil melhorado pelo conhecimento da mineralogia. . . , de De Genssane - 7 estampas

Planilha INCM - 2022: a obra não é citada ou não pode ser identificada

Coleção Arco do Cego - Biblioteca Nacional: não foram identificadas matrizes correspondentes às ilustrações

1.3. Edições consultadas em versão digital e versão impressa

Cat. 20 - Observações sobre a propriedade da quina do Brasil. . . , de André Comparetti - 1 gravura

Planilha INCM - 2022: a obra não é citada ou não pode ser identificada

Coleção Arco do Cego - Biblioteca Nacional: não foi identificada matriz correspondente à ilustração

Cat. 22 - Considerações candidas e imparciaes sobre a natureza do commercio do assucar - 3 estampas

Planilha INCM - 2022: a obra não é citada ou não pode ser identificada

Coleção Arco do Cego - Biblioteca Nacional: não foram identificadas matrizes correspondentes às ilustrações

2. Matrizes identificadas na *Planilha INCM - 2022* - 37 edições

2.1. Edições em que não houve consulta à versão digital nem à versão impressa, mas foi possível cotejar os dados da descrição bibliográfica com os dados da *Planilha INCM – 2022*

Cat. 1 - Respostas dadas a algumas perguntas que fizerão sobre as novas moendas dos engenhos de assucar e novos alambiques, de Jerônimo Vieira de Abreu - 2 estampas

Planilha INCM - 2022: item 175 - 2 chapas

Cat. 24 - Memoria relativa aos eclipses do Sol visiveis em Lisboa. . . , de Marie Charles Théodore de Damoiseau de Monfort - 10 estampas

Planilha INCM - 2022: item 84 - 10 chapas

Cat. 65 - Explicação da taboada nautica para o calculo das longitudes. . . , de José Monteiro da Rocha - 3 estampas

Planilha INCM - 2022: item 80 - 3 chapas

2.2. Edições consultadas em versão digital

Cat. 4 - Breve compendio ou tratado sobre a electricidade. . . , de Francisco de Faria e Aragão - 2 estampas

Planilha INCM - 2022: item 51 - 2 chapas

Cat. 14 - Phitographia lusitaniae selectior. . . , de Félix de Avelar Brotero - edições de 1800 e 1801: 8 estampas; edição de 1816-1827: 181 estampas

Planilha INCM - 2022: item 91 - 161 chapas

Coleção Arco do Cego - Biblioteca Nacional: não foram identificadas matrizes correspondentes às ilustrações

Cat. 15 - Memoria sobre a cultura dos algodoeiros. . . , de Manuel Arruda da Câmara - 7 estampas (ilustrações idênticas às da obra *O Fazendeiro do Brazil*)

Planilha INCM - 2022: A obra *O Fazendeiro do Brazil* é descrita em vários itens:

item 94 - Fazendeiro do Brasil - 62 chapas

item 219 - Fazendeiro do Brasil (?) - 5 chapas

item 220 - Fazendeiro do Brasil (?) (algodoeiro e mulheres - D. J. Silva) - 2 chapas

Coleção Arco do Cego - Biblioteca Nacional: não foram identificadas matrizes correspondentes às ilustrações

Cat. 16 - As plantas, poema de Rene Richard Louis de Castel - 5 estampas, 8 vinhetas

Planilha INCM - 2022: item 35 - 5 chapas

Na *Planilha* constam diversos itens com a designação *vinhetas*, mas não é possível associá-los de forma segura a esta obra.

Coleção Arco do Cego - Biblioteca Nacional: não foram identificadas matrizes correspondentes às vinhetas

Cat. 17 - Manual pratico do lavrador, com hum tratado sobre as abelhas. . . , de Chabouillé Dupetitmont - 4 estampas

Planilha INCM - 2022: item 171 - 4 chapas

Cat. 23 - Oração dirigida ao Muito Alto e Muito Poderoso Senhor D. João. . . , de Vicente José Ferreira Cardoso da Costa - 1 estampa

Planilha INCM - 2022: item 153? - 1 chapa

Cat. 38 - Descriptio et adumbratio plantarum. . . , de Georg Franz Hoffmann, 2 volumes - 52 estampas (a estampa do frontispício é repetida nos dois volumes, havendo portanto 51 estampas distintas)

Planilha INCM - 2022: item 3 - 51 chapas

Cat. 42 - O consorcio das flores, de Demetrius de La Croix - 2 estampas

Planilha INCM - 2022: item 14 - 1 chapa; item 206 - 1 chapa

Cat. 43 - O grande livro dos pintores. . . , de Gérard Lairesse - 4 estampas

Planilha INCM - 2022: a designação dos itens é dúbia e podem ser associados à obra:

item 5 - Princípios do desenho por Lairesse - 6 chapas

item 8 - Tratado do desenho - 4 chapas

item 190 - Estudos de desenho - 4 chapas

Coleção Arco do Cego - Biblioteca Nacional: não foram identificadas matrizes correspondentes às ilustrações

Cat. 44 - Principios da arte da gravura. . . , de Gérard Lairesse - 1 estampa

Planilha INCM - 2022: item 4? - 1 chapa

Cat. 45 - Principios do desenho tirados do Grande Livro dos Pintores. . . , de Gérard Lairesse - 4 estampas

Planilha INCM - 2022: a designação dos itens é dúbia e podem ser associados à obra:

item 5 - Princípios do desenho por Lairesse - 6 chapas

item 8 - Tratado do desenho - 4 chapas

item 190 - Estudos de desenho - 4 chapas

Coleção Arco do Cego - Biblioteca Nacional: não foram identificadas matrizes correspondentes às ilustrações

Cat. 51 - Descrição de huma maquina para tocar a bomba a bordo dos navios. . . , de Hipólito José da Costa - 1 estampa

Planilha INCM - 2022: item 155 - 1 chapa

Cat. 58 - Ensayo sobre o modo de melhorar as terras. . . , de Patullo - 3 estampas

Planilha INCM - 2022: item 27 - 3 chapas

Cat. 77 - Tractado da cultura dos pessegueiros. . . - 16 estampas

Planilha INCM - 2022: item 38 - 16 chapas

Cat. 81 - O fazendeiro do Brazil criador. . . , de José Mariano da Conceição Veloso - 2 estampas

Planilha INCM - 2022: A obra *O Fazendeiro do Brazil* é descrita em vários itens:

item 94 - Fazendeiro do Brasil - 62 chapas

item 219 - Fazendeiro do Brasil (?) - 5 chapas

item 220 - Fazendeiro do Brasil (?) (algodoeiro e mulheres - D. J. Silva) - 2 chapas

Coleção Arco do Cego - Biblioteca Nacional: não foram identificadas matrizes correspondentes às ilustrações

Cat. 84 - Memoria sobre a plantação dos algodões. . ., de José de Sá Bettencourt - 1 estampa (ilustração idêntica à da obra *O Fazendeiro do Brazil*)

Planilha INCM - 2022: A obra *O Fazendeiro do Brazil* é descrita em vários itens:

item 94 - Fazendeiro do Brasil - 62 chapas

item 219 - Fazendeiro do Brasil (?) - 5 chapas

item 220 - Fazendeiro do Brasil (?) (algodoeiro e mulheres - D. J. Silva) - 2 chapas

Coleção Arco do Cego - Biblioteca Nacional: não foi identificada matriz correspondente à ilustração

Cat. 87 - Arte de louceiro ou Tratado sobre o modo de fazer as louças de barro. . . - 3 estampas

Planilha INCM - 2022: item 23 - 3 chapas

Cat. 91 - Manual do mineralogico, ou esboço do reino mineral. . ., de Torbern Bergman - 2 estampas

Planilha INCM - 2022: item 82 - 2 chapas

Cat. 104 - A sciencia das sombras relativas ao desenho. . ., de Dupain - 14 estampas

Planilha INCM - 2022: item 7 - 14 chapas

Cat. 105 - Ensaio sobre a theoria das torrentes e rios. . . - 16 estampas

Planilha INCM - 2022: item 59 - 16 chapas

Cat. 111 - Mineiro nivelador, ou hydrometra. . ., de Le Febure - 7 estampas

Planilha INCM - 2022: item 174 - 5 chapas

Coleção Arco do Cego - Biblioteca Nacional: não foram identificadas matrizes correspondentes às ilustrações

Cat. 122 - Arte da porcelana. . . , de Nicolas Christien de Thy, conde de Milly - 4 estampas

Planilha INCM - 2022: item 25 - 4 chapas

Cat. 126 - Memoria sobre a reforma dos alambiques. . . , de João Manso Pereira - 2 estampas

Planilha INCM - 2022: a designação dos itens é dúbia e podem ser associados à obra:

item 173 - Memória sobre a construção dos alambiques - 2 chapas

item 196 - Construção de novos alambiques - 1 chapa

item 224 - Memória do Alambique - 1 chapa

Coleção Arco do Cego - Biblioteca Nacional: não foram identificadas matrizes correspondentes às ilustrações

Cat. 129 - Quinografia portugueza. . . - 17 estampas

Planilha INCM - 2022: item 36 - 17 chapas

2.3. Edições consultadas em versão impressa

Cat. 67 - Lições de calculo differencial. . . , de Tristão Álvares da Costa Silveira - 1 estampa

Planilha INCM - 2022: item 48 - 1 chapa

Cat. 75 - Ensayos politicos, economicos, e philosophicos. . . , de Benjamin Thompson, conde de Rumford - edição de 1801: 2 estampas; edição de 1801-1802: 11 estampas

Planilha INCM - 2022: item 76 - 20 chapas

Cat. 94 - Reflexões sobre a metaphysica do calculo infinitesimal. . . , de Lazaro Nicolas Margueriti Carnot - 1 estampa

Planilha INCM - 2022: item 70 - 1 chapa

Cat. 124 - Palladio Portuguez, e Clarim de Pallas. . . (periódico) - 12 estampas (v. 1, n. 1, maio de 1796)

Planilha INCM - 2022: item 62 - 14 chapas

Cat. 130 - Regimento de signaes para os telegraphos da Marinha. . . - 1 estampa

Planilha INCM - 2022: item 18? - 39 chapas

2.4. Edições consultadas em versão digital e versão impressa

Cat. 3 - Extracto sobre os engenhos de assucar do Brasil, e sobre o methodo já então praticado na factura deste sal essencial, tirado da obra *Riqueza e opulencia do Brasil...*, de André João Antonil - 4 estampas

Planilha INCM - 2022: item 179 - 4 chapas

Cat. 5 - Tratado historico, e fyzico das abelhas... , de Francisco de Faria e Aragão - 1 estampa

Planilha INCM - 2022: item 152 - 1 chapa

Cat. 8 - Descrição do branqueamento dos tecidos... , de Claude-Louis Berthollet - 1 estampa

Planilha INCM - 2022: item 166 - 1 chapa

Cat. 21 - Compendio de agricultura resumido de varias memorias... , 5 volumes - 27 estampas

Planilha INCM - 2022: item 157 - 6 chapas; item 158 - 21 chapas

Cat. 36 - Memoria sobre a ipecacuanha fusca do Brasil... , de Bernardino António Gomes - 2 estampas

Planilha INCM - 2022: item 184 - 2 chapas

3. Matrizes identificadas na Coleção do Arco do Cego da Biblioteca Nacional – 14 edições

3.1. Edições consultadas em versão digital

Cat. 28 - Discursos apresentados à Meza da Agricultura... - 41 estampas

Planilha INCM - 2022: a obra não é citada ou não pode ser identificada

Coleção Arco do Cego - Biblioteca Nacional: 13 matrizes

ARM.24.4.10

ARM.24.20.1

ARM.24.20.4

ARM.24.20.5

ARM.24.20.6

ARM.24.20.7

ARM.24.31.7

ARM.24.31.8

ARM.24.31.9

ARM.24.31.10

ARM.24.31.11

ARM.24.33.2

ARM.24.33.3

Cat. 35 - Tratado do melhoramento da navegação por canaes. . . , de Robert Fulton - 18 estampas

Planilha INCM - 2022: a obra não é citada ou não pode ser identificada

Coleção Arco do Cego - Biblioteca Nacional: 7 matrizes

ARM.24.4.4

ARM.24.4.5

ARM.24.4.6

ARM.24.5.2

ARM.24.5.3

ARM.24.18.8

ARM.24.31.12

3.2. Edições consultadas em versão impressa

Cat. 18 - Ensaio de tactica naval, de John Clerk - 52 estampas

Planilha INCM - 2022: a obra não é citada ou não pode ser identificada

Coleção Arco do Cego - Biblioteca Nacional: 8 matrizes

ARM.24.1.1 verso

ARM.24.1.2 verso

ARM.24.2.5 verso

ARM.24.2.6 verso

ARM.24.18.2 verso

ARM.24.18.3 verso

ARM.24.18.5 verso

ARM.24.31.13 verso

3.3. Edições consultadas em versão digital e versão impressa

Cat. 12 - Tratado da gravura a agua forte, e a buril, e em maneira negra. . . , de Abraham Bosse - 22 estampas

Planilha INCM - 2022: a obra não é citada ou não pode ser identificada

Coleção Arco do Cego - Biblioteca Nacional: 11 matrizes

ARM.24.40.1

ARM.24.40.2

ARM.24.40.3

ARM.24.40.4

ARM.24.40.5

ARM.24.40.6

ARM.24.40.7

ARM.24.40.8

ARM.24.40.9

ARM.24.40.10

ARM.24.40.11

Cat. 19 - Collecção de memorias sobre a quassia amarga. . . - 6 estampas

Planilha INCM - 2022: a obra não é citada ou não é possível ser identificada

Coleção Arco do Cego - Biblioteca Nacional: 1 matriz

ARM.24.36.9

Cat. 27 - Jacobi Dickson fasciculus plantarum cryptogamicarum. . . , de James Dickson - 18 estampas

Planilha INCM - 2022: a obra não é citada ou não pode ser identificada

Coleção Arco do Cego - Biblioteca Nacional: 6 matrizes

ARM.24.26.6

ARM.24.26.9

ARM.24.26.20

ARM.24.38.6

ARM.24.38.7

ARM.24.38.17

Cat. 66 - Cartas sobre os elementos de Botanica, de Jean Jacques Rousseau - 6 estampas

Planilha INCM - 2022: a obra não é citada ou não pode ser identificada

Coleção Arco do Cego - Biblioteca Nacional: 3 matrizes

ARM.24.32.1

ARM.24.32.13

ARM.24.35.12

Cat. 68 - Systema universal de historia natural. . . - 2 estampas

Planilha INCM - 2022: a obra não é citada ou não pode ser identificada

Coleção Arco do Cego - Biblioteca Nacional: 1 matriz

ARM.24.11.7

Cat. 76 - Hymnvs tabaci. . . , de Raphael Thorius - 5 estampas

Planilha INCM - 2022: a obra não é citada ou não pode ser identificada

Coleção Arco do Cego - Biblioteca Nacional: 2 matrizes

ARM.24.18.9

ARM.24.27.2 (repetida em Cat. 136)

Cat. 80 - Aviario brasilico, ou galleria ornithologica das aves indigenas do Brasil. . . , de José Mariano da Conceição Veloso - 2 estampas

Planilha INCM - 2022: a obra não é citada ou não pode ser identificada

Coleção Arco do Cego - Biblioteca Nacional: 1 matriz

ARM.24.12.8

Cat. 89 - Helminthologia portugueza. . . , de Jacques Barbut - 12 estampas

Planilha INCM - 2022: a obra não é citada ou não pode ser identificada

Coleção Arco do Cego - Biblioteca Nacional: 3 matrizes

ARM.24.18.7

ARM.24.39.8

ARM.24.42.13

Cat. 115 - Memoria sobre a cultura do loureiro cinamomo. . . - 1 estampa

Planilha INCM - 2022: a obra não é citada ou não pode ser identificada

Coleção Arco do Cego - Biblioteca Nacional: 1 matriz

ARM.24.38.2 (repetida em *Cat. 118*)

Cat. 118 - Memórias, e extractos sobre a pipereira negra. . . - 1 estampa

No exemplar da Seção de Obras Raras - FBN não consta a estampa *Pipereira negra*⁵, mas sim a estampa *Laurus Cinnamomum vulgo Caneleira de Ceylaó*.

Planilha INCM - 2022: a obra não é citada ou não pode ser identificada

Coleção Arco do Cego - Biblioteca Nacional: 1 matriz

ARM.24.38.2 (repetida em *Cat. 115*)

Cat. 136 - Alographia dos alkalis fixos vegetal. . . , de José Mariano da Conceição Veloso - 24 estampas

Planilha INCM - 2022: a obra não é citada ou não pode ser identificada

Coleção Arco do Cego - Biblioteca Nacional: 8 matrizes

ARM.24.22.7

ARM.24.22.10

ARM.24.26.10

ARM.24.27.2 (repetida em *Cat. 76*)

ARM.24.27.9

ARM.24.28.1

ARM.24.28.13

⁵ A estampa *Pipereira negra* ilustra os exemplares da Biblioteca Nacional de Portugal e da Biblioteca Brasileira Guida e José Mindlin, conforme se verifica nas versões digitais disponíveis, respectivamente, nos endereços eletrônicos: <https://purl.pt/11984> (BNP) e 038954_COMPLETO.pdf (BBM).

ARM.24.36.5

4. Matrizes identificadas na Coleção do Arco do Cego da Biblioteca Nacional e na *Planilha INCM - 2022* – 4 edições

4.1. Edições consultadas em versão digital

Cat. 108 - Atlas celeste... , de John Flamsteed - 30 estampas

Planilha INCM - 2022: item 42 - 2 chapas

Coleção Arco do Cego - Biblioteca Nacional: 12 matrizes

ARM.24.1.1

ARM.24.1.2

ARM.24.2.5

ARM.24.2.6

ARM.24.17.1

ARM.24.18.1

ARM.24.18.2

ARM.24.18.3

ARM.24.18.4

ARM.24.18.5

ARM.24.18.6

ARM.24.31.13

Cat. 109 - Curso elementar e completo de mathematicas-puras... , de Nicolas Louis de La Caille - 12 estampas

Planilha INCM - 2022: a designação dos itens é dúbia e podem ser associados à obra:

item 79 - Desenho de geometria - 5 chapas

item 188 - Desenhos de matemática - 5 chapas

Coleção Arco do Cego - Biblioteca Nacional: 8 matrizes

ARM.24.31.4

ARM.24.31.5

ARM.24.31.6

ARM.24.33.1a

ARM.24.33.1b

ARM.24.33.1c

ARM.24.33.1d

ARM.24.39.7

4.2. Edições consultadas em versão impressa e versão digital

Cat. 9 - Tractado da agua relativamente a economia rustica, ou da rega, ou irrigação dos prados. . . , de Philippe Bertrand - 7 estampas

Planilha INCM - 2022: item 39 - 5 chapas; item 52 - 1 chapa

Coleção Arco do Cego - Biblioteca Nacional: 1 matriz

ARM.24.40.6 verso

Cat. 137 - O fazendeiro do Brazil cultivador. . . , de José Mariano da Conceição Veloso, 10 volumes - 89 estampas (segundo a descrição do *Catálogo Bibliográfico*)

Planilha INCM - 2022: A obra *O Fazendeiro do Brazil* é descrita em vários itens:

item 94 - Fazendeiro do Brasil - 62 chapas

item 219 - Fazendeiro do Brasil (?) - 5 chapas

item 220 - Fazendeiro do Brasil (?) (algodoeiro e mulheres - D. J. Silva) - 2 chapas

Coleção Arco do Cego - Biblioteca Nacional: 1 matriz

ARM.24.32.15

4.3 Resultados

Conforme se observa no panorama apresentado a respeito das edições ilustradas relacionadas no *Catálogo Bibliográfico*, as matrizes das ilustrações de 15 edições não foram identificadas na coleção da Biblioteca Nacional, nem na planilha do inventário conciso de chapas e provas disponibilizada pelo Arquivo da Imprensa Nacional-Casa da Moeda de Lisboa em maio de 2022. As matrizes das ilustrações de 37 edições constam somente na *Planilha INCM - 2022*. Nos dois casos (*Cat. 14* e *Cat. 111*) em que o número de chapas registrado no inventário é inferior ao número de ilustrações publicadas, não foram localizadas matrizes que lhes seriam correspondentes na coleção da Biblioteca Nacional. É importante salientar que as designações

constantes na referida planilha, em muitos casos, não são elucidativas. Portanto, os dados desse inventário conciso são apenas indicativos da existência das matrizes na coleção preservada em Lisboa. Com base em designações por vezes vagas, genéricas ou ambíguas, não é possível afirmar de maneira segura que os itens descritos correspondem às matrizes que buscamos identificar. Foram identificadas na coleção da Biblioteca Nacional as matrizes de 88 ilustrações, publicadas em 18 obras elencadas no *Catálogo Bibliográfico*. As matrizes *Laurus Cinnamomum vulgo Caneleira de Ceylao* e *Nicotiana tabaco* foram utilizadas de forma repetida, duas vezes cada uma, em obras distintas. Assim, foram identificadas e catalogadas 86 matrizes no âmbito desta dissertação, as quais são indicadas a seguir:

Cat. 9 - Bertrand, P. (Philippe) (1730-1811). Tractado da agua relativamente a economia rustica, ou da rega, ou irrigação dos prados. Lisboa (Portugal): Na Typographia Chalcographica, Typoplastica, e Litteraria do Arco do Cego, 1801.

7 estampas – 1 matriz

Prado dobrado sobre ainclinação de duas Collinas, ou Outeiros, cortados por hû rio fundo; os diversos Canaes formão o tronco de huma arvore.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 15 x 9,4 cm.

Localização: ARM.24.40.6 verso

Cat. 12 - Bosse, Abraham (1602-1676). Tratado da gravura a agua forte, e a buril, em maneira negra... Lisboa (Portugal): Na Typographia Chalcographica, Typoplastica, e Litteraria do Arco do Cego, 1801.

22 estampas – 11 matrizes

[Modo de governar as pontas sobre a chapa]

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 14 x 8,6 cm.

Localização: ARM.24.40.1

Pe. Silva

[Modo de fazer secar e endurecer o verniz sobre a chapa] / O P. Silva sculp. No Arco do Cego.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 15 x 10,2 cm.

Localização: ARM.24.40.2

Pe. Silva

[Forma que se deve dar às pontas das agulhas, e o modo de as aguçar] / O P. Silva sculp. No Arco do Cego.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 15,2 x 10,1 cm.

Localização: ARM.24.40.3

Jorge, João José (1777-ca. 1836).

[Cousas necessárias para a impressão em talho doce] / Jorge fes No Arco do Cego.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 17 x 11,7 cm.

Localização: ARM.24.40.4

Pe. Silva

[Modo de fazer os traços grossos com as chopas, e o meio de as ter, e manejar sobre a chapa envernizada] / O. P. Silva. sculp. No Arco do Cego.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 14,6 x 9,8 cm.

Localização: ARM.24.40.5

Modo de lancar agoa forte sobre a chapa

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 15 x 9,4 cm.

Localização: ARM.24.40.6

[Ordem que se deve seguir para deitar a agua forte em huma chapa gravada]

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 14,6 x 9,5 cm

Localização: ARM.24.40.7

Pe. Silva

[Modo de trabalhar com o buril sobre a chapa] / O. P. Silva. sculp. No Arco do Cego.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 14,7 x 10,2 cm.

Localização: ARM.24.40.8

[Da preparação da chapa para a gravura em maneira negra]

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 14,7 x 10,5 cm.

Localização: ARM.24.40.9

[Figuras relativas à gravura em maneira de lapis]

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 16,8 x 10,7 cm.

Localização: ARM.24.40.10

[Perspectiva da cruzeta]

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 14,7 x 10,3 cm.

Localização: ARM.24.40.11

Cat. 18 - Clerk, John (1728-1812). Ensaio de tactica naval. Lisboa (Portugal): Na Typographia Chalcographica, e Litteraria do Arco do Cego, 1801.

52 estampas – 8 matrizes

Modo d'ataque q. se propõe : Est. XX / Cor.a f. no Arco do Cego.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 24,7 x 19,5 cm.

Autoria atribuída a Antonio Jose Correia ou Nicolau José Correia.

Localização: ARM.24.1.1 verso

Sir G. Brydges Rodney junto á extremidade d'Oeste da Martinica a 17 de Abril de 1780 : Est. X.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 24,8 x 19,6 cm.

Localização: ARM.24.1.2 verso

Batalhas do Almirante Arbuthnots em Chesapeake a 16 de Março de 1781 : Est. VIII / Cor.a f. no Arco do Cego.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 25 x 19,9 cm.

Autoria atribuída a Antonio Jose Correia ou Nicolau José Correia.

Localização: ARM.24.2.5 verso

[Ensaio de tactica naval] : Est. II / Correa. f. no Arco do Cego.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 25 x 19,5 cm.

Autoria atribuída a Antonio Jose Correia ou Nicolau José Correia.

Localização: ARM.24.2.6 verso

[Ensaio de tactica naval] : Est. XXI / Cor.a f. no Arco do Cego.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 24,9 x 20,3 cm.

Autoria atribuída a Antonio Jose Correia ou Nicolau José Correia.

Localização: ARM.24.18.2 verso

Figueiredo, Inácio José Maria de

Combate de Sir G. Pocock nas Indias Orientaes a 29 de Abril de 1758 : Est. XXVII / Fig.do f.
No Arco do Cego.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 25 x 19,6 cm.

Localização: ARM.24.18.3 verso

Figueiredo, Inácio José Maria de

Combate de Sir G. Pocock nas Indias Orientaes a 29 de Abril de 1758 : Est. XXVIII / Fig.do f.
No Arco do Cego.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 25,2 x 19,6 cm.

Localização: ARM.24.18.5 verso

[Ensaio de tactica naval] : Est. XXIII / Cor.a f. no Arco do Cego.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 25,6 x 19,9 cm.

Autoria atribuída a Antonio Jose Correia ou Nicolau José Correia.

Localização: ARM.24.31.13 verso

**Cat. 19 - Collecção de memorias sobre a quassia amarga, e simaruba... Lisboa (Portugal):
Na Typographia Chalcographica, e Litteraria do Arco do Cego, 1801.**

6 estampas – 1 matriz

Viana, Manuel Luís Rodrigues (1773?-1859)

Quassia amara / Vianna. f.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 18,4 x 13,7 cm.

Localização: ARM.24.36.9

Cat. 27 - Dickson, James (1738-1822). Jacobi Dickson fasciculus plantarum cryptogamicarum... Ulysipone (Lisboa, Portugal): Typographia Domus Chalcographicae, ac Litterariae ad Arcum Caeci, 1800.

18 estampas – 6 matrizes

Marques, José Joaquim (fl. 1799-1817)

[Jacobi Dickson fasciculus plantarum cryptogamicarum... : algae], est. 9B / Marq. f. No Arco do Cego.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 14,4 x 10 cm.

Localização: ARM.24.26.6

Marques, José Joaquim (fl. 1799-1817)

[Jacobi Dickson fasciculus plantarum cryptogamicarum... : musci], est. 5B / Marques f. No Arco do Cego.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 14,5 x 10,1 cm.

Localização: ARM.24.26.9

Marques, José Joaquim (fl. 1799-1817)

[Jacobi Dickson fasciculus plantarum cryptogamicarum... : musci], est. 8B / Marques f. No Arco do Cego.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 14,4 x 10,1 cm.

Localização: ARM.24.26.20

Marques, José Joaquim (fl. 1799-1817)

[Jacobi Dickson fasciculus plantarum cryptogamicarum... : musci], est. 4A / Marques f. No Arco do Cego.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 16 x 10,5 cm.

Localização: ARM.24.38.6

Marques, José Joaquim (fl. 1799-1817)

[Jacobi Dickson fasciculus plantarum cryptogamicarum... : fungi], est. 3A / Marques f. No Arco do Cego.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 15,9 x 10,4 cm.

Localização: ARM.24.38.7

Marques, José Joaquim (fl. 1799-1817)

[Jacobi Dickson fasciculus plantarum cryptogamicarum... : musci], est. 5A / Marques f. No Arco do Cego.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 15,9 x 10,4 cm.

Localização: ARM.24.38.17

Cat. 28 – Discursos apresentados á Meza da Agricultura... Lisboa (Portugal): Na Typographia Chalcographica, e Litteraria do Arco do Cego, 1800.

41 estampas – 13 matrizes

Marques, José Joaquim (fl. 1799-1817)

Queijaria; Gamella dos porcos; Maquina de cozer a vapor / Marq.s f. no Arco do Cego.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 22,6 x 16,1 cm.

Localização: ARM.24.4.10

Viana, Manuel Luís Rodrigues (1773?-1859)

Hum grande celleiro pertencente a Mr. Bayley of Hope junto a Manchester / No Arco do Cego Vianna f.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 16 x 22,6 cm.

Localização: ARM.24.20.1

Marques, José Joaquim (fl. 1799-1817)

Plano de huma cabana, assas recomendada por Lord Borwnlow ; Plano de huma cabana, assas recomendada por Mr. Crutchley / Marq.s f. no Arco do Cego.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 23,4 x 16,8 cm.

Localização: ARM.24.20.4

Viana, Manuel Luís Rodrigues (1773?-1859)

Pequena Caza da Granja, Terceira Classe / No Arco do Cego M. L. R. Vianna. f.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 22,8 x 16 cm.

Localização: ARM.24.20.5

Viana, Manuel Luís Rodrigues (1773?-1859)

Casas, onde se sustenta o gado / No Arco do Cego Vianna. f.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 22,8 x 16,1 cm.

Localização: ARM.24.20.6

Viana, Manuel Luís Rodrigues (1773?-1859)

Pequeno celleiro ingles / No Arco do Cego Vianna. f.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 22,9 x 16,3 cm.

Localização: ARM.24.20.7

Viana, Manuel Luís Rodrigues (1773?-1859)

Caza da Granja Segunda Classe / No Arco do Cego Vianna. f.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 22,8 x 16,1 cm.

Localização: ARM.24.31.7

Marques, José Joaquim (fl. 1799-1817)

Desenho para a casa, e officinas de huma fazenda / Marq.s f. no Arco do Cego.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 22,6 x 16 cm.

Localização: ARM.24.31.8

Rebelo, Diogo José

Plano 2º : [projeto de uma construção rural] / Reb.o f. No Arco do Cego.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 22,6 x 16 cm.

Localização: ARM.24.31.9

Silva, Vitoriano da

Plano V : [projeto de uma construção rural] / Vict.o f. No Arco do Cego.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 22,5 x 16 cm.

Localização: ARM.24.31.10

Costa, Raimundo Joaquim da (1778-1862)

Plano 3º : [projeto de uma construção rural] / Costa. f. No Arco do Cego.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 22,6 x 16,1 cm.

Localização: ARM.24.31.11

Viana, Manuel Luís Rodrigues (1773?-1859)

[Projeto de uma construção rural] / No Arco do Cego Vianna. f.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 22,7 x 16,1 cm.

Localização: ARM.22.33.2

Silva, Vitoriano da

Desenho para hum celleiro, tulha, e moinho de malhar / Vict.o f. No Arco do Cego.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 22,6 x 16 cm.

Localização: ARM.24.33.3

Cat. 35 - Fulton, Robert (1765-1815). Tratado do melhoramento da navegação por canaes... Lisboa (Portugal): Na Officina da Casa Litteraria do Arco do Cego, 1800.

18 estampas – 7 matrizes

Freitas, Inácio José de (-ca. 1817)

O Plano Inclinado Simples / No Arco do Cego Freitas. f.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 25,6 x 20,3 cm.

Localização: ARM.24.4.4

Freitas, Inácio José de (-ca. 1817)

Segundo modo de passar hum commercio alternado / F. no Arco do Cego IIF.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 25,8 x 20 cm.

Localização: ARM.24.4.5

Freitas, Inácio José de (-ca. 1817)

[Máquina de elevar perpendicular] / No Arco do Cego Freitas. f.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 25,9 x 19,9 cm.

Localização: ARM.24.4.6

Costa, Raimundo Joaquim da (1778-1862)

Partes das maquinas / Costa. f. No Arco do Cego.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 25,9 x 20 cm.

Localização: ARM.24.5.2

Freitas, Inácio José de (-ca. 1817)

Parte d'hum ponte composta de aduelas de ferro / No Arco do Cego I. J. de Freitas. Grav.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 15,8 x 21,3 cm.

Localização: ARM.24.5.3

Costa, Raimundo Joaquim da (1778-1862)

Barcos / Costa. f. No Arco do Cego.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 23,8 x 17,8 cm.

Localização: ARM.24.18.8

Freitas, Inácio José de (-ca. 1817)

Hum Aqueducto de Ferro. Escala 1 1/2 Pollegada ate 100 Pés / No Arco do Cego Freitas. Cp.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 15 x 21,1 cm.

Localização: ARM.24.31.12

Cat. 66 - Rousseau, Jean-Jacques (1712-1778). Cartas sobre os elementos de Botanica... Lisboa (Portugal): Na Typographia Chalcographica, Typoplastica, e Litteraria do Arco do Cego, 1801.

6 estampas – 3 matrizes

Rebelo, Diogo José

Pisum sativum : Hervilha / Reb.o f. No Arco do Cego.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 15,7 x 9,8 cm.

Localização: ARM.24.32.1

Quinto, António José (ca. 1775-depois de 1830)

[Flores umbeladas] / Quintos Esc. No Arco do Cego.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 16 x 10 cm.

Localização: ARM.24.32.13

Quinto, António José (ca. 1775-depois de 1830)

Lilium candidum : Assucena branca / Quintos Esc. No Arco do Cego.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 15,8 x 9,7 cm.

Localização: ARM.24.35.12

Cat. 68 - Systema universal de historia natural, incluindo a historia natural do homem... Lisboa (Portugal): Typographia Chalcographica, Typoplastica, e Litteraria do Arco do Cego, 1801.

2 estampas – 1 matriz

Almeida, Romão Eloy de (1767-1843)

Historia natural do homem / Eloÿ Esculp. no Arco do Cego.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 20,3 x 13,9 cm.

Localização: ARM.24.11.7

Cat. 76 - Thorius, Raphael (m. 1625). Raphaelis Thori De paeto seu tabaco carminum libri duo... Ulysipone (Lisboa, Portugal): Typographia Domus Chalcographica, ac Litterariae ad Arcum Caeci, 1800.

5 estampas – 2 matrizes

Almeida, Romão Eloy de (1767-1843)

Hymnus Tabaci autore Raphaelae Thorio / Romaõ Eloÿ Sculp. No Arco do Cego.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 17,3 x 13,6 cm.

Localização: ARM.24.18.9

Viana, Manuel Luís Rodrigues (1773?-1859)

Nicotiana tabaco / V. f.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 16,9 x 11,1 cm.

Localização: ARM.24.27.2 (ver Cat. 136)

Cat. 80 - Veloso, José Mariano da Conceição (1742-1811). Aviario brasilico, ou galleria ornithologica das aves indigenas do Brasil. Lisboa (Portugal): Na Officina da Casa Litteraria do Arco do Cego, 1800.

2 estampas – 1 matriz

[Partes características das aves]

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 19,4 x 29,9 cm.

Localização: ARM.24.12.8

Cat. 89 - Barbut, James. Helminthologia portugueza, em que se descrevem alguns generos das duas primeiras ordens... Lisboa (Portugal): Na Officina de João Procopio Correa da Silva, 1799.

12 estampas – 3 matrizes

[Helminthologia portugueza] : Est. 4.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 20,4 x 16,3 cm.

Localização: ARM.24.18.7

Neves, Ventura da Silva (fl. 1790)

Helminthologia portugueza / Neves.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 21,9 x 15,8 cm.

Localização: ARM.24.39.8

[Helminthologia portugueza] : Est. 2.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 21,3 x 16,4 cm.

Localização: ARM.24.42.13

Cat. 108 - Flamsteed, John (1646-1719). Atlas celeste... Lisboa (Portugal): Na Impressão Regia, 1804.

30 estampas – 12 matrizes

Almeida, Romão Eloy de (1767-1843)

O Boieiro, os Lebreiros, e Cabelleira, de Berenice / Eloÿ sc. no Arco do Cego.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 19,5 x 24,8 cm.

Localização: ARM.24.1.1

Rebello, Diogo José

Pegaso, Cavallo Menor, Golfinho / Reb.o f no Arco do Cego.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 19,6 x 24,8 cm.

Localização: ARM.24.1.2

Viana, Manuel Luís Rodrigues (1773?-1859)

O Lynce, e o Leão Menor / Vianna f. no Arco do Cego.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 19,9 x 25 cm.

Localização: ARM.24.2.5

Costa, Raimundo Joaquim da (1778-1862)

Capricornio, e Aquario / Costa f. no Arco do Cego.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 19,5 x 25 cm.

Localização: ARM.24.2.6

Almeida, Romão Eloy de (1767-1843)

Hemispherio boreal / Eloÿ sc. no Arco do Cego.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 19,1 x 22,8 cm.

Localização: ARM.24.17.1

Viana, Manuel Luís Rodrigues (1773?-1859)

Andromeda, Perseo, o Triangulo / Vianna f. no Arco do Cego.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 19,9 x 24,6 cm.

Localização: ARM.24.18.1

Costa, Raimundo Joaquim da (1778-1862)

Libra, e Escorpio / Costa f. no Arco do Cego.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 20,2 x 24,9 cm.

Localização: ARM.24.18.2

Souto, Paulo dos Santos Ferreira

A Hydra, a Taça, e o Corvo / Souto f. no Arco do Cego.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 19,7 x 25,1 cm.

Localização: ARM.24.18.3

Viana, Manuel Luís Rodrigues (1773?-1859)

A Baleia / Vianna f.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 19,8 x 25 cm.

Localização: ARM.24.18.4

Marques, José Joaquim (fl. 1799-1817)

Virgo / Marq.s f no Arco do Cego.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 19,6 x 25,2 cm.

Localização: ARM.24.18.5

Camena

Planispherio das Estrellas Austraes dirigido por M. o Abbade De La Caille / Camena. f. no Arco do Cego.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 19,8 x 26,1 cm.

Localização: ARM.24.18.6

Souto, Paulo dos Santos Ferreira

Planispherio para os alinhamentos das principaes estrellas / Souto f. no Arco do Cego.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 19,9 x 25,5 cm.

Localização: ARM.24.31.13

Cat. 109 - La Caille, Nicolas Louis de (1713-1762). Curso elementar e completo de mathematicas-

puras... Lisboa (Portugal): Na Oficina Patriarcal de João Procopio Correa da Silva, 1800.

12 estampas – 8 matrizes

[Elementos de Geometria] : Est. 4 / F. no Arco do Cego.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 18,3 x 19,7 cm.

Localização: ARM.24.31.4

[Triângulos esféricos e secções cônicas] : Est. 6 / F. no Arco do Cego.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 18,3 x 19,6 cm.

Localização: ARM.24.31.5

[Tratado analítico das secções cônicas] : Est. 9 / F. no Arco do Cego.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 18,3 x 19,7 cm.

Localização: ARM.24.31.6

[Tratado analítico das secções cônicas] : Est. 8 / F. no Arco do Cego.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 18,2 x 19,6 cm.

Localização: ARM.24.33.1a

[Tratado analítico das secções cônicas] : Est. 7 / F. no Arco do Cego.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 18,4 x 19,6 cm.

Localização: ARM.24.33.1b

[Elementos de Geometria] : Est. 1 / F. no Arco do Cego.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 18,3 x 19,8 cm.

Localização: ARM.24.33.1c

[Elementos de Geometria] : Est. 3 / F. no Arco do Cego.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 18,2 x 19,6 cm.

Localização: ARM.24.33.1d

[Elementos de Geometria] : Est. 2 / F. no Arco do Cego.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 18,2 x 19,6 cm.

Localização: ARM.24.39.7

Cat. 115 - Memoria sobre a cultura do loureiro cinamono vulgo caneleira do Ceilão... Lisboa (Portugal): Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1798.

1 estampa – 1 matriz

Laurus Cinnamomum vulgo Caneleira de Ceylao

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 16,9 x 10,6 cm.

Localização: ARM.24.38.2 (ver Cat. 118)

Cat. 118 - Memorias, e extractos sobre a Pipereira Negra (Piper nigrum L.)... Lisboa (Portugal): Na Offic. de João Procopio Correa da Silva, 1798.

1 estampa – 1 matriz

Laurus Cinnamomum vulgo Caneleira de Ceylao

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 16,9 x 10,6 cm.

Localização: ARM.24.38.2 (ver Cat. 115)

Cat. 136 - Veloso, José Mariano da Conceição (1742-1811). Alographia dos alkalis fixos vegetal ou potassa... Lisboa (Portugal): Na Offic. de Simão Thaddeo Ferreira, 1798.

24 estampas – 8 matrizes

Viana, Manuel Luís Rodrigues (1773?-1859)

Esculo castanheiro / V. f.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 16,9 x 11,1 cm.

Localização: ARM.24.22.7

Viana, Manuel Luís Rodrigues (1773?-1859)

Ioannesia princeps / V. f.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 17,8 x 11,4 cm.

Localização: ARM.24.22.10

Viana, Manuel Luís Rodrigues (1773?-1859)

Verbasco thapso branco / V. f.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 16,9 x 11,3 cm.

Localização: ARM.24.26.10

Viana, Manuel Luís Rodrigues (1773?-1859)

Nicotiana tabaco / V. f.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 16,9 x 11,1 cm.

Localização: ARM.24.27.2 (ver Cat. 76)

Viana, Manuel Luís Rodrigues (1773?-1859)

Heliotropio commum Tornesol / V. f.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 16,7 x 11,2 cm.

Localização: ARM.24.27.9

Viana, Manuel Luís Rodrigues (1773?-1859)

Menyanthes trifolio / V. f.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 17,8 x 11,5 cm.

Localização: ARM.24.28.1

Viana, Manuel Luís Rodrigues (1773?-1859)

Conio maculado Cegude / V. f.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 16,8 x 11 cm.

Localização: ARM.24.28.13

Viana, Manuel Luís Rodrigues (1773?-1859)

Marroio vulgar / V. f.

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 16,9 x 11,3 cm.

Localização: ARM.24.36.5

Cat. 137 - O Fazendeiro do Brazil, cultivador, melhorado na economia rural dos generos já cultivados... Tomo II, parte I. Lisboa (Portugal): Impressão Régia, 1806.

14 estampas – 1 matriz

Bixa Orellana (Urucu)

1 matriz de cobre : gravura em metal ; 15,2 x 9,5 cm.

Localização: ARM.24.32.15

A título de exemplo, apresentamos um dos registros bibliográficos inseridos na base de dados do catálogo geral da Biblioteca Nacional (Figura 24), referente à matriz *Parte d'huma ponte composta de aduelas de ferro*, gravada por Inácio José de Freitas para a obra *Tratado do melhoramento da navegação por canaes*, de Robert Fulton, publicada pela Casa Literária do Arco do Cego em 1800.

Todos os registros bibliográficos para a descrição das matrizes de gravura da coleção do Arco do Cego, incluídos no catálogo geral, abrangem os campos abaixo:

092 Número de chamada local: local de armazenamento da obra

ARM.24.5.3

094 Número de chamada local (objeto digital): código do objeto digital correspondente à obra
icon1326122

100 Entrada principal – nome pessoal: autor principal da obra, registrado segundo a forma padronizada do catálogo de autoridades

Freitas, Inácio José de, -ca. 1817

245 Título principal: título principal completo, informação sobre o suporte e indicação de responsabilidade

Parte d'huma ponte composta de aduelas de ferro [matriz] / No Arco do Cego I. J. de Freitas. grav.

246 Forma variante do título: no exemplo, título com ortografia atualizada

Parte de uma ponte composta de aduelas de ferro

260 Imprenta: indicação de local e data de publicação e/ou manufatura, além do nome do editor, distribuidor e/ou manufatureiro

[Lisboa (Portugal) : Na Officina da Casa Litteraria do Arco do Cego, 1800] (Lisboa [Portugal],

No Arco do Cego I. J. de Freitas. grav.)

300 Descrição física: extensão, detalhes físicos específicos e dimensões da obra

1 matriz de cobre : gravura em metal, 15,8 x 21,3 cm.

500 Nota geral: informações complementares sobre a obra

No canto superior esquerdo: Est. 16.; canto inferior esquerdo: No Arco do Cego I. J. de Freitas. grav.

Matriz da estampa 16 publicada na obra de Robert Fulton: Tratado do melhoramento da navegação por canaes, onde se mostraõ as numerosas vantagens, que se podem tirar dos pequenos canaes, e barcos de dous até cinco pés de largo, que contenhaõ duas até cinco toneladas de carga, com huma descripção das maquinas precisas para facilitar a condução por agua por entre os mais montanhosos paizes, sem dependencia de comportas, e aqueductos; incluindo observações sobre a grande importancia das communicações por agua com reflexões e desenhos para aqueductos, e pontes de ferro, e madeira. Illustrado com XVIII. estampas. Escrito na lingua ingleza por Roberto Fulton [...], e traduzido para a portugueza [...] por Antonio Carlos Ribeiro de Andrade Machado da Silva, [...] publicado por Fr. Jose Mariano da Conceição Velloso (Lisboa, Casa Literária do Arco do Cego, 1800).

Ver: A Treatise on the improvement of canal navigation; exhibiting the numerous advantages to be derived from small canals, and boats of two to five feet wide, containing from two to five tons burthen, with a description of the machinery for facilitating conveyance by water through the most mountainous countries, independent of locks and aqueducts, including observations on the great importance of water communications, with thoughts on, and designs for, aqueducts and bridges of iron and wood, illustrated with seventeen plates. By R. Fulton, Civil Engineer. London, published by I. and J. Taylor at the Architectural Library, High Holborn, 1796, plate 16: Part of a Bridge composed of Iron Staves, R. Fulton inven. et delin. (Seção de Obras Raras-FBN, 049,004,025)

Ver: "Tratado do melhoramento da navegação por canaes. . . ", p.92-96: Capitulo XXII - Estampa XIV, sobre as pontes de ferro.

561 Nota de histórico de procedência

Real Biblioteca

650 Assunto tópic: termo geral associado ao conteúdo da obra, registrado segundo a forma padronizada do catálogo de autoridades

Navegação em águas interiores

Pontes

655 Termo de gênero e forma: gênero, forma e/ou característica física da obra descrita

Gravura em metal - Portugal

700 Entrada secundária – nome pessoal: colaborador relacionado à produção ou criação da obra, registrado segundo a forma padronizada do catálogo de autoridades

Fulton, Robert, 1765-1815

Veloso, José Mariano da Conceição, 1742-1811

710 Entrada secundária – entidade: entidade relacionada à produção ou criação da obra, registrada segundo a forma padronizada do catálogo de autoridades

Casa Literária do Arco do Cego

740 Entrada secundária – título adicional: título de uma obra relacionada ao item descrito

Tratado do melhoramento da navegação por canaes. . .

856 Localização e acesso eletrônico: indicação do link de acesso à versão digital da obra

http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon1326122/icon1326122.jpg

http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon1326122c/icon1326122c.jpg

http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon1326122/icon1326122.htm

http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon1326122c/icon1326122c.html

O catálogo da Biblioteca Nacional Digital está disponível para consulta no endereço eletrônico <https://bndigital.bn.gov.br/>. Os registros bibliográficos referentes às 86 matrizes identificadas no âmbito deste projeto, bem como os registros bibliográficos relativos aos seus respectivos acondicionamentos, foram reelaborados e os dados obtidos no decorrer da pesquisa também foram incluídos neste catálogo.

Figura 24 – Registro bibliográfico de uma matriz de gravura no catálogo geral do acervo da Biblioteca Nacional

BN **Biblioteca Nacional**


 Todos os acervos +
43
+
+

Acervo ▾
Todos os campos ▾

🔍
Busca avançada

5 / 7
+ Voltar

Registro completo
Referência
MARC tags



Selegonar

Parte d'huma ponte composta de aduelas de ferro [matriz]

No Arco do Cego I. J. de Freitas. grav.

Material
Gravura

Idioma
Português

Localização
Iconografia - icon1326122

Outros títulos
[Parte de uma ponte composta de aduelas de ferro]

Publicação
[Lisboa (Portugal) : Na Officina da Casa Litteraria do Arco do Cego, 1800].

Nota geral
No canto superior esquerdo: Est. 10.; canto inferior esquerdo: No Arco do Cego I. J. de Freitas. grav.

Matriz de estampe 16 publicada na obra de Robert Fulton: **Tratado do melhoramento da navegação por canaes**, onde se mostraõ as numerosas vantagens, que se podem tirar dos pequenos canaes, e barcos de dous até cinco pés de largo, que contenhaõ duas até cinco toneladas...

Ver mais

Ver: A Treatise on the Improvement of canal navigation; exhibiting the numerous advantages to be derived from small canals, and boats of two to five feet wide, containing from two to five tons burthen, with a description of the machinery for facilitating conveyance by water through the most...

Ver mais

Ver "**Tratado do melhoramento da navegação por canaes...**", p.92-96: Capitulo XXII - Estampe XIV, sobre as pontes de ferro.

Nota de citação/referência
Biblioteca Nacional (Portugal). A Casa Literária do Arco do Cego (1799-1801): bicentenário, 1999
p.165, n.35; p.264
Soares, Ernesto. História da gravura artística em Portugal, 1971
v.1, p.297

Nota de histórico de procedência
Real Biblioteca

Assuntos
Navegação em águas interiores Pontes Gravura em metal - Portugal

Autoria
Freitas, Inácio José de, -ca. 1817 Fulton, Robert, 1705-1815
Silva, Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e, 1773-1845 Veloso, José Mariano da Conceição, 1742-1811
Casa Literária do Arco do Cego

Título Adicional
Tratado do melhoramento da navegação por canaes...

Sites
JPG: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon1326122/icon1326122.jpg
JPG: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon1326122c/icon1326122c.jpg
HTM: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon1326122/icon1326122.htm
HTM: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon1326122c/icon1326122c.html

Descrição física
1 matriz de cobre : gravura em metal ; 15,8 x 21,3 cm.

Exemplares


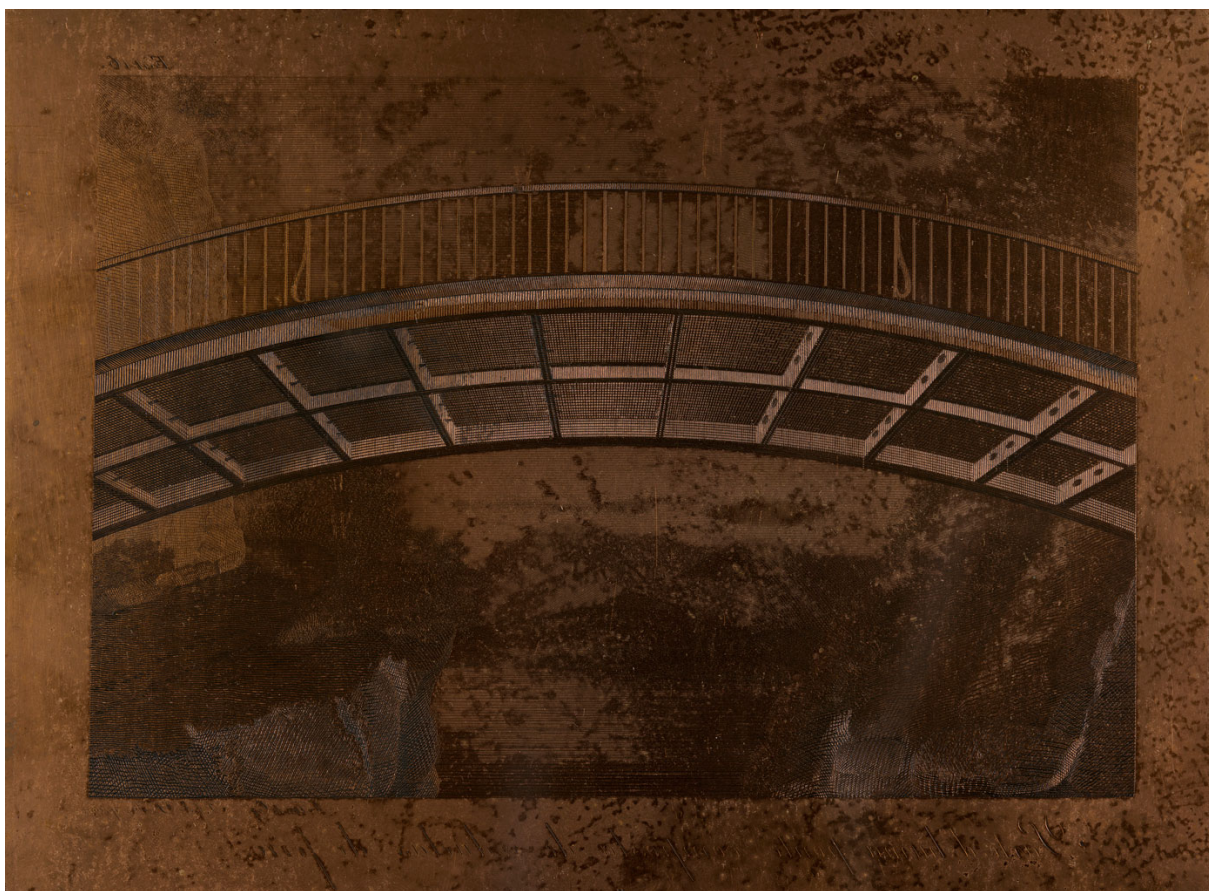
Tombo	Edição	Ano	Volume	Suporte	Biblioteca	Localização	Coleção	Situação	QR Code
1.326.122		[1800]			Iconografia	ARM.24.5.3	Real Bibliotheca	Não circula	

Figura 25 – *Parte d’huma ponte composta de aduelas de ferro*, gravura de Inácio José de Freitas



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional - Brasil

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho foram abordados alguns aspectos do contexto histórico da Oficina do Arco do Cego, especialmente sua conexão com as atividades políticas e editoriais de D. Rodrigo de Sousa Coutinho e de Frei José Mariano da Conceição Veloso, além de uma hipótese sobre a criação da Oficina, vinculando-a ao projeto de impressão da *Flora Fluminense*, obra do botânico brasileiro. A Oficina do Arco do Cego não se configurou apenas como um estabelecimento editorial e de formação de mão de obra qualificada. De forma mais ampla, atuou como um instrumento político e econômico alinhado às políticas reformistas ilustradas do final do século XVIII, para disseminar o pensamento científico e o conhecimento experimental, visando a modernização e a preservação da unidade do Império português, a superação do atraso econômico em relação aos países europeus mais desenvolvidos e a afirmação da opulência natural e das potencialidades econômicas do Império.

A investigação da trajetória da coleção de matrizes preservada na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro desde 1813, quando foi incorporada à Real Biblioteca, revelou algumas discrepâncias decorrentes dos processos de documentação, intervenções e práticas institucionais, próprias de cada época, que modificaram e moldaram a coleção ao longo de dois séculos.

As matrizes foram cotejadas com as estampas publicadas em 70 edições ilustradas, elencadas no *Catálogo Bibliográfico* publicado em 1999 na obra *A Casa Literária do Arco do Cego (1799-1801) – Bicentenário: “Sem livros não há instrução”*. Foram identificadas na coleção da Biblioteca Nacional as matrizes de 88 ilustrações, publicadas em 18 obras editadas pela Oficina de Simão Tadeu Ferreira (em 1798), Oficina (Patriarcal) de João Procópio Correa da Silva (entre 1798 e 1800), Casa Literária do Arco do Cego / Tipografia Calcográfica e Literária do Arco do Cego / Tipografia Calcográfica, Tipoplástica e Literária do Arco do Cego (em 1800 e 1801) e Impressão Régia (entre 1804 e 1806). As matrizes *Laurus Cinnamomum vulgo Caneleira de Ceylao* e *Nicotiana tabaco* foram utilizadas de forma repetida, duas vezes cada uma, em obras distintas.

Como resultado dos trabalhos realizados no âmbito desta dissertação, uma contribuição efetiva para a Biblioteca Nacional foi a identificação e catalogação de 86 matrizes de gravura produzidas na Oficina Calcográfica do Arco do Cego. Além disso, a inclusão dos registros bibliográficos correspondentes no catálogo geral do acervo da instituição, bem como no catálogo da Biblioteca Nacional Digital. A identificação das obras em que as matrizes foram utilizadas revela não apenas sua finalidade, mas também as relações existentes entre elas.

No caso da coleção de matrizes do Arco do Cego, esse catálogo representa uma etapa do processo de pesquisa, organização e documentação do acervo, complementar às iniciativas e esforços empreendidos anteriormente. Há um considerável número de matrizes ainda não

identificadas, o que abre novas possibilidades de investigação e caminhos a serem explorados. A pesquisa da documentação administrativa da instituição pode ser aprofundada, visto que parte das fontes de possível interesse não foi considerada nesta pesquisa. As centenas de estampas existentes nos livros de provas, ainda que não tenham matrizes correspondentes na coleção da Biblioteca Nacional, também carecem de identificação. Seria de fundamental importância conhecer a coleção preservada na Imprensa Nacional-Casa da Moeda de Lisboa e as iniciativas de estudo e tratamento técnico iniciadas ou realizadas, o que proporcionaria a elaboração de trabalhos futuros, tanto do ponto de vista técnico como acadêmico.

A relevância da dissertação para o aperfeiçoamento profissional reside na leitura renovada da coleção, possibilitando a articulação entre matrizes, provas e livros de forma mais segura e consciente das relações existentes. A pesquisa estimulou uma reflexão sobre o impacto que as ações técnicas e cotidianas do processo curatorial e as ações de gestão têm sobre a preservação, a valoração e a compreensão do significado das coleções, afetando-as e ao mesmo tempo impondo desafios para o trabalho das gerações futuras.

REFERÊNCIAS

- AACR2. **Código de catalogação anglo-americano, segunda edição**. São Paulo: FEBAB ; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.
- BARBUY, H. Documentação museológica e pesquisa em museus. *In*: GRANATO, M.; SANTOS, C. P. dos; LOUREIRO, M. L. N. M. (Org.). **Documentação em Museus: MAST Colloquia 10**. Rio de Janeiro: MAST, 2008. p. 33–43.
- BARTON, B. S. **Memoria sobre a bronchocele, ou papo da America septentrional, por Benjamin Smith Barton ... traduzida do inglez por Hyppolito José da Costa Pereira**. Lisboa: Na Typographia Chalcographica, Typoplastica, e Litteraria do Arco do Cego, 1801. Disponível em: <http://purl.pt/11999/6>. Acesso em: 24 maio 2022.
- BEDIAGA, B.; LIMA, H. C. de. A *Flora Fluminensis* de frei Vellozo: uma abordagem interdisciplinar. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 10, n. 1, p. 85–107, 2015. Disponível em: DOI:10.1590/1981-81222015000100005. Acesso em: 24 maio 2022.
- BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Livro de provas contendo 329 gravuras da Oficina do Arco do Cego**. 1813–1814a.
- BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Livro de provas contendo 342 gravuras da Oficina do Arco do Cego**. 1813–1814b.
- BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Livro de provas contendo 634 gravuras da Oficina do Arco do Cego: cópia 1**. 1813–1814c.
- BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Livro de provas contendo 634 gravuras da Oficina do Arco do Cego: cópia 2**. 1813–1814d.
- BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Catalogo da Exposição Permanente dos Cimelios da Bibliotheca Nacional**: publicado sob a direcção do Bibliothecario João de Saldanha da Gama. Rio de Janeiro: G. Leuzinger & Filhos, 1885. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_obrasgerais/drg73116/drg73116.pdf. Acesso em: 04 maio 2022.
- BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Processo BN n.º 424/1975**: Seção de Iconografia - Recuperação e preservação das chapas gravadas na Oficina do Arco do Cego, em Lisboa. 1975.
- BRULON, B. Provocando a Museologia: o pensamento geminal de Zbynek Z. Stransky e a Escola de Brno. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 403–425, 2017.
- BRUNO, M. C. O. Museologia: entre abandono e destino. **Museologia & Interdisciplinaridade**, v. 9, n. 17, p. 19–28, 2020.
- CADAVEZ, C. No princípio era o “património”: reflexões (possíveis) acerca dos significados e apropriações de património. *In*: MAGALHAES, F. *et al.* (Coord.). **Museologia e património**. Leiria: Instituto Politécnico de Leiria, 2019. v. 1, p. 57–94.

CAMPOS, F. M. G. de. No bicentenário da Casa Literária do Arco do Cego: Da Ideia à Prática. *In*: CAMPOS, F. M. G. de *et al.* (Org.). **A Casa Literária do Arco do Cego (1799-1801): Bicentenário: “Sem livros não há instrução”**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda; Biblioteca Nacional, 1999. p. 11–13.

CARAFFA, C. El archivo fotográfico como laboratorio: Historia del arte, fotografía y materialidad. **TAREA**, v. 6, p. 116–137, 2019.

COMPARETTI, A. **Observações sobre a propriedade da quina do Brasil**: por andre comparetti p.p.p. traduzidas do italiano por ordem de s. alteza real o principe regente nosso senhor, por josé ferreira da silva natural de santa luzia do sabará. Lisboa: Na Typographia Chalcographica, e Litteraria do Arco do Cego, 1801.

CUNHA, L. F. F. da. **Biblioteca Nacional. Divisão de Obras Raras e Publicações. Seção de Iconografia. Relatório anual - 1953. Relatórios mensais - 1953. Relatórios dos funcionários - 1953**. 1953.

CUNHA, L. F. F. da. A Oficina Tipográfica, Calcográfica e Literária do Arco do Cego: notícia histórica. *In*: SANTOS, R.; RIBEIRO, M. V.; LYRA, M. de L. V. (Org.). **O acervo iconográfico da Biblioteca Nacional**: estudos de Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2010. p. 127–144. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_obrasgerais/drg1336257.pdf.

CURTO, D. R. D. Rodrigo de Sousa Coutinho e a Casa Literária do Arco do Cego. *In*: CAMPOS, F. M. G. de *et al.* (Org.). **A Casa Literária do Arco do Cego (1799-1801): Bicentenário: “Sem livros não há instrução”**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda; Biblioteca Nacional, 1999. p. 15–49.

CURY, M. X. Museologia e conhecimento, conhecimento museológico: uma perspectiva dentre muitas. **Museologia & Interdisciplinaridade**, v. 2, n. 5, p. 55–73, 2014.

DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F. **Conceitos-chave de museologia**: introdução à bibliologia brasileira; a imagem gravada. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

DOMINGOS, M. D. Mecenato político e economia da edição nas Oficinas do Arco do Cego. *In*: CAMPOS, F. M. G. de *et al.* (Org.). **A Casa Literária do Arco do Cego (1799-1801): Bicentenário: “Sem livros não há instrução”**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda; Biblioteca Nacional, 1999. p. 91–106.

DUMER, L.; ALBUQUERQUE, M. E. B. C. de. Representação descritiva da informação em bibliotecas: um estudo sobre os formatos de intercâmbio. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, João Pessoa, v. 13, n. 2, p. 76–87, 2018.

EDWARDS, E. Thoughts on the “non-collections” of the archival ecosystem. *In*: BÄRNIGHAUSEN, J. *et al.* (Org.). **Photo-Objects: On the materiality of photographs and photo archives in the humanities and sciences**. Berlim: Max Planck Research Library for the History and Development of Knowledge, 2019. p. 67–82.

FARIA, L. E.; FILGUEIRAS, C. A. L. Salitre: o produto químico estratégico no passado do Brasil. **Química Nova [online]**, v. 44, n. 4, p. 519–535, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.21577/0100-4042.20170695>. Acesso em: 12 maio 2022.

FARIA, M. F. de. Da facilitação e da ornamentação: a imagem nas edições do Arco do Cego. *In*: CAMPOS, F. M. G. de *et al.* (Org.). **A Casa Literária do Arco do Cego (1799-1801): Bicentenário: “Sem livros não há instrução”**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda; Biblioteca Nacional, 1999. p. 107–137.

FARIA, M. F. de. Casa Literária do Arco do Cego: exemplo singular na História da Edição Ilustrada em Portugal: apontamentos para uma biografia. **Anais: série História**, Universidade Autónoma de Lisboa, Lisboa, v. 7-8, p. 21–50, 2000–2001. Actas do Colóquio A Casa Literária do Arco do Cego.

FARIA, M. F. de. L’influence de *L’Encyclopédie* sur l’édition illustrée au Portugal: la maison littéraire de l’arco do cego (1799-1801). **Histoire de l’Art**, n. 50, p. 37–46, 2002. Regards extérieurs. Études d’historiens étrangers sur l’art en France. Disponível em: DOI:<https://doi.org/10.3406/hista.2002.2966>. Acesso em: 17 junho 2023.

FARIA, M. F. de. A *Florae Fluminensis* de Frei José Mariano da Conceição Veloso e a Gênese da Casa Literária do Arco do Cego. *In*: PATACA, E. M.; LUNA, F. J. (Org.). **Frei Veloso e a Tipografia do Arco do Cego**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019. p. 209–235.

FARIA, M. F. de. **A idade do papel: arte, política e sociedade no tempo das Luzes**. Lisboa: Imprensa Nacional, 2021. Volume 1: A vida de Joaquim Carneiro da Silva (1732-1818).

FARIA, M. F. de; PATACA, E. M. Ver para crer: a importância da imagem na gestão do Império Português no final de Setecentos. **Anais: série História**, Universidade Autónoma de Lisboa, Lisboa, v. 9-10, p. 61–98, 2005.

FARIAS, P. L. Observações sobre o uso do til na Oficina Tipográfica da Arco do Cego. *In*: PATACA, E. M.; LUNA, F. J. (Org.). **Frei Veloso e a Tipografia do Arco do Cego**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019. p. 311–325.

FERREIRA, O. da C. **Imagem e letra: introdução à bibliologia brasileira; a imagem gravada**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

FILGUEIRAS, C. A. L. Frei José Mariano da Conceição Veloso: polímata do Brasil Colonial. *In*: PATACA, E. M.; LUNA, F. J. (Org.). **Frei Veloso e a Tipografia do Arco do Cego**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019. p. 237–254.

GUARNIERI, W. R. C. Texto III. *In*: ARANTES, A. A. (Org.). **Produzindo o passado: estratégias de construção do patrimônio cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 59–78.

GUARNIERI, W. R. C. A interdisciplinaridade em Museologia. *In*: BRUNO, M. C. O. (Coord.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória**. São Paulo: Pinacoteca do Estado: Secretaria de Estado da Cultura: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010. v. 1, p. 123–126. Texto de 1983.

HARDEN, A. R. de O. Tradução na Arco do Cego: revelações das páginas de rosto. *In*: PATACA, E. M.; LUNA, F. J. (Org.). **Frei Veloso e a Tipografia do Arco do Cego**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019. p. 329–356.

IFLA. INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS. **Declaração de Princípios Internacionais de Catalogação**. [S.l.], 2009.

LAIRESSE, G. de. **Principios do desenho tirados do grande livro dos pintores, ou da arte da pintura, de Gerardo Lairese**: traduzidos do francez para beneficio dos gravadores do Arco do Cego, de ordem, e debaixo dos auspicios de Sua Alteza Real o Principe Regente N. S. Lisboa: Na Typographia Chalcographica, Typoplastica, e Litteraria do Arco do Cego, 1801.

LEME, M. O. R. P. Um breve itinerário editorial: do Arco do Cego à Impressão Régia. *In*: CAMPOS, F. M. G. de *et al.* (Org.). **A Casa Literária do Arco do Cego (1799-1801): Bicentenário: “Sem livros não há instrução”**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda; Biblioteca Nacional, 1999. p. 77–90.

LEME, M. O. R. P. A Livraria do Padre Veloso e o plano editorial da Arco do Cego. *In*: PATACA, E. M.; LUNA, F. J. (Org.). **Frei Veloso e a Tipografia do Arco do Cego**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019. p. 281–291.

LEME, M. O. R. P. Catálogo da "Livraria" vinda da Arco do Cego para a biblioteca da Impressão Régia em 1804. *In*: PATACA, E. M.; LUNA, F. J. (Org.). **Frei Veloso e a Tipografia do Arco do Cego**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019. p. 391–443.

LIMA, E. L. O. da C. Oficina Tipoplástica da Casa Literária do Arco do Cego: algumas questões. *In*: PATACA, E. M.; LUNA, F. J. (Org.). **Frei Veloso e a Tipografia do Arco do Cego**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019. p. 293–310.

LYRA, M. de L. V. **A utopia do poderoso império: Portugal e Brasil : bastidores da política : 1798-1822**. Rio de Janeiro: 7Letras, 1994.

MAIMONE, G. D.; SILVEIRA, N. C.; TÁLAMO, M. de F. G. M. Reflexões acerca das relações entre representação temática e descritiva: . **Informação & Sociedade**, v. 21, n. 1, p. 27–35, 2011.

MAXWELL, K. A geração de 1790 e a ideia do império luso-brasileiro. *In*: MAXWELL, K. (ed.). **Chocolate, piratas e outros malandros: ensaios tropicais**. São Paulo: Paz e terra, 1999. p. 157–207.

MEDINA-GONZÁLEZ, I. Una vuelta al fundamento conceptual del valor: nuevos encuentros desde la filosofía, la psicología, la economía, la sociología, la antropología, la axiología y los estudios de patrimonio. *In*: Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (ed.). **Ensayos del Seminario Taller en Valoración de Acervos Museológicos**. Brasília: Programa Ibermuseus, 2014. p. 30–47.

MONTE-MÓR, J. Relatório da Diretora da Biblioteca Nacional. **Anais da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, v. 98, p. 321–338, 1978.

MORAES, I. P. de. **Compendio de Agricultura, e collecção de maquinas, e instrumentos, novamente inventados, e actualmente praticados em algumas provincias do Reino de Inglaterra**: para abreviar as operações agriculturaes, e outros ramos; extrahida das memorias, e cartas offerecidas à Sociedade de Bath, e traduzidas do inglez debaixo dos auspicios, e ordem de Sua Alteza Real O Principe Regente N. S. Lisboa: Na Regia Officina Typografica, 1802. II.

MORAES, I. P. de. **Compendio de Agricultura, e tratado sobre a plantaçao das arvores, tanto silvestres, como de fruto**: extrahido de varias memorias, e cartas offerecidas à Sociedade de Bath, e traduzidas do inglez debaixo dos auspicios, e ordem de Sua Alteza Real O Principe Regente N. S. Lisboa: Na Regia Officina Typografica, 1803. V.

MORAES, R. B. de. **Bibliographia Brasiliana**: rare books about Brazil published from 1504 to 1900 and works by Brazilian authors of the Colonial period. Rio de Janeiro; Los Angeles: Kosmos; UCLA Latin American Center Publications, 1983. v. 2.

MUSÉUM NATIONAL D'HISTOIRE NATURELLE (FRANÇA). **Instrução para os viajantes e empregados nas colonias sôbre a maneira de colher, conservar, e remetter os objectos de Historia Natural**: arranjada pela administração do R. Museu de Historia Natural de Paris; traduzida por ordem de Sua Magestade Fidelissima, expedida pelo excellentissimo Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Reino do original francez impresso em 1818; augmentada, em notas, de muitas das instruções aos correspondentes da Academia R. das Sciencias de Lisboa, impressas em 1781; e precedida de algumas reflexões sôbre a Historia Natural do Brazil, e estabelecimento do Museu e Jardim Botânico em a Côrte do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: na Imprensa Régia, 1819. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasraras/or1505705/or1505705.pdf. Acesso em: 30 abr. 2023.

NOVAIS, F. A. **Portugal e Brasil na crise do antigo sistema colonial: 1777-1808**. São Paulo: Hucitec, 2005. 8. ed.

NUNES, M. de F.; BRIGOLA, J. C. José Mariano da Conceição Veloso (1742-1811): um frade no Universo da Natureza. In: CAMPOS, F. M. G. de *et al.* (Org.). **A Casa Literária do Arco do Cego (1799-1801)**: Bicentenário: “Sem livros não há instrução”. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda; Biblioteca Nacional, 1999. p. 51–75.

PATACA, E. M. Frei Veloso viajante. In: PATACA, E. M.; LUNA, F. J. (Org.). **Frei Veloso e a Tipografia do Arco do Cego**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019. p. 155–186.

PEREIRA, M. R. de M. Entre salitre e livros: a formação de uma rede intelectual luso-brasileira. In: PATACA, E. M.; LUNA, F. J. (Org.). **Frei Veloso e a Tipografia do Arco do Cego**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019. p. 103–130.

PINHEIRO, J. F. F. Memórias do Visconde de S. Leopoldo José Feliciano Fernandes Pinheiro, compiladas e postas em ordem pelo Conselheiro Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello. **Revista Trimensal do Instituto Historico Geographico e Ethnographico do Brasil**, Rio de Janeiro, B. L. Garnier, v. 37, n. 2, p. 5–69, 1874. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/0B_G9pg7CxCSSsRGo2NzJKOUpNb2M. Acesso em: 06 maio 2022.

POSSAMAI, Z. Patrimônio e acervos. In: CARVALHO, A.; MENEGUELLO, C. (Org.). **Dicionário temático de patrimônio**: debates contemporâneos. Campinas: Editora da Unicamp, 2020. p. 47–50.

SCHIAVINATTO, I. L.; PATACA, E. M. Entre imagens e textos: os manuais como práxis de saber. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 551–566, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702016000200013>. Acesso em: 11 junho 2021.

SCHMITT, S. Inventaire des livraisons, des auteurs et du contenu de l'Encyclopédie méthodique (1782-1832): Inventory of the issues, authors and content of the Encyclopédie méthodique (1782-1832). **Recherches sur Diderot et sur l'Encyclopédie [online]**, n. 53, p. 207–270, 2018. Disponível em: DOI:<https://doi.org/10.4000/rde.57122>. Acesso em: 17 junho 2023.

Decreto de 7 de dezembro de 1801, dando nova forma e providências à Direção da Imprensa Régia, criando uma nova Junta. *In*: SILVA, A. D. da (ed.). **Collecção da Legislação Portuguesa [sic] desde a ultima compilação das ordenações**: legislação de 1791 a 1801. Lisboa: Typografia Maignense, 1828. p. 758–759.

SILVA, M. C. P. da. Relatório apresentado ao Sr. Dr. José Joaquim Seabra, Ministro da Justiça e Negocios Interiores, pelo director Dr. Manoel Cicero Peregrino da Silva: 1902. **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro publicados sob a administração do director Dr. Manoel Cicero Peregrino da Silva**, Officina Typographica da Bibliotheca Nacional, Rio de Janeiro, 1904.

SILVA, M. C. P. da. A Bibliotheca Nacional em 1911: relatório que ao Sr. Dr. Rivadavia da Cunha Corrêa, Ministro da Justiça e Negocios Interiores, apresentou em 15 de abril de 1912 o Director Dr. Manoel Cicero Peregrino da Silva. **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro publicados sob a administração do director Dr. Manoel Cicero Peregrino da Silva**, Officinas Graphicas da Bibliotheca Nacional, Rio de Janeiro, v. 34, p. 649–684, 1914.

SOUSA, J. C. P. de. **Bibliotheca Historica de Portugal, e seus dominios ultramarinos**: na qual se contém varias historias daquelle, e destes ms. e impressas em prosa, e em verso, só, e juntas com as de outros Estados, escritas por authores portuguezes, e estrangeiros; com hum resumo das suas vidas, e das opiniões que ha sobre o que alguns escrevêrão: dividida em quatro partes . . . dedicada ao Principe Nosso Senhor Regente do Reino Dom João Maria José Francisco Xavier de Paula Luiz Antonio Domingos Rafael. Lisboa: Na Typographia Chalcographica, Typoplastica, e Litteraria do Arco do Cego, 1801.

SOUZA, A. L. de. **Bibliotheca Nacional**: relatório apresentado ao Exm.^o Sr. Director Geral Dr. Manoel Cicero Peregrino da Silva pelo Bibliothecario Director da 3^a Secção correspondente ao anno de 1911. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1911.

TUDELA, A. P. Gravadores. *In*: CAMPOS, F. M. G. de *et al.* (Org.). **A Casa Literária do Arco do Cego (1799-1801)**: Bicentenário: “Sem livros não há instrução”. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda; Biblioteca Nacional, 1999. p. 261–270. Anexo.

VELOSO, J. M. da C. **O fazendeiro do Brazil**: melhorado na economia rural dos generos já cultivados, e de outros, que se podem introduzir; e nas fabricas, que lhe são proprias, segundo o melhor, que se tem escrito a este assumpto: debaixo dos auspicios e de ordem de Sua Alteza Real o Principe do Brazil Nosso Senhor. Colligido de Memorias Estrangeiras por Fr. José Mariano da Conceição Velloso, Menor Reformado da Provincia da Conceição do Rio de Janeiro, & c. Lisboa: Na Regia Officina Typografica, 1798. Tom. I, Part. I. Da cultura das canas, e factura do assucar.

VELOSO, J. M. da C. **Aviario brasilico, ou Galleria ornithologica das aves indigenas do Brasil**: disposto, e descripto segundo o systema de Carlos Linne, copiado do natural, e dos melhores authores, precedido de diversas dissertações analogas ao seu melhor conhecimento, acompanhado de outras estranhas ao mesmo continente, tudo debaixo da protecção, e ordem de S. A. R. o Principe do Brasil nosso supremo imperante, por José Mariano da Conceição Velloso. Lisboa: Na Officina da Casa Litteraria do Arco do Cego, 1800.

VELOSO, J. M. da C. **Flora Fluminensis de Frei José Mariano da Conceição Vellozo**: documentos. Rio de Janeiro; Niterói: Arquivo Nacional; Eduff, 2018.

WEGNER, R. Livros do Arco do Cego no Brasil colonial. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. suplemento 1, p. 131–140, 2004.

WILDER, K. The two cultures of word and image: On materiality and the photographic catalog. *In*: BÄRNIGHAUSEN, J. *et al.* (Org.). **Photo-Objects**: On the materiality of photographs and photo archives in the humanities and sciences. Berlim: Max Planck Research Library for the History and Development of Knowledge, 2019. p. 263–273.

YASSUDA, S. N. **Documentação museológica**: uma reflexão sobre o tratamento descritivo do objeto no Museu Paulista. 2009. 123 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) — Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009.

APÊNDICES

APÊNDICE A – MATRIZES DA COLEÇÃO DA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL

Quadro 1 – Pasta 1 - 9 matrizes em 6 chapas

Localização	Título / Autoria / Incrições	Dimensões (cm)
ARM.24.1.1 frente	O Boieiro, os Lebreiros e Cabeleira de Berenice / Eloy sc. no Arco do Cego	19,6 x 24,8
ARM.24.1.1 verso	Modo d'ataque q. se propõe	24,8 x 19,6
ARM.24.1.2 frente	Pegaso, Cavallo Menor, Golfinho / Reb.o f no Arco do Cego	19,6 x 24,9
ARM.24.1.2 verso	Sir G. Brydges Rodney junto á extremidade d'Oeste da Martinica a 17 de Abril de 1780	24,9 x 19,6
ARM.24.1.3 frente	[Estudos de botânica]	22,8 x 31,3
ARM.24.1.3 verso	[Fragmento de um estudo de botânica]	22,8 x 31,3
ARM.24.1.4	Corvus pauloicus vulgo Gralha / M. L. R. Vianna del. et sculp.	21,8 x 31,5
ARM.24.1.5	Cinchona longiflora / R. E. Alm.da Esculp. / Est. 11.	36,5 x 25,5
ARM.24.1.6	Cinchona pubescens / Est. 2.	31,6 x 26,9

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 2 – Pasta 2 - 8 matrizes em 6 chapas

Localização	Título / Autoria / Incrições	Dimensões (cm)
ARM.24.2.1	Cacteiro melão	14,1 x 10,3
ARM.24.2.2	[Morango] / Oliv.ra Sc. No Arco do Cego / Est. V.	15,8 x 9,7
ARM.24.2.3	[Pêssego] / Vieira Sc. No Arco do Cego	16,3 x 10,1
ARM.24.2.4	[Estudo de botânica] / Lima No Arco do Cego / “1. Flosculo de q. saó compostas as corollas da planta. 2. Stamines, cujas antheras formaó ofigura cylindrica...”	29,1 x 19,3
ARM.24.2.5 frente	O Lince e o Leão Menor / Vianna f. no Arco do Cego	19,9 x 25
ARM.24.2.5 verso	Batalhas do Almirante Arbuthnots em Chesapeake a 16 de Março de 1781	25 x 19,9
ARM.24.2.6 frente	Capricórnio e Aquário / Costa f. no Arco do Cego	19,5 x 25
ARM.24.2.6 verso	[Carta náutica]	25 x 19,5

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 3 – Pasta 3 - 16 matrizes em 14 chapas

Localização	Título / Autoria / Incrições	Dimensões (cm)
ARM.24.3.1	[Desenho arquitetônico] / Vict.o f. No Arco do Cego / Est. 6.	22,6 x 28,9
ARM.24.3.2	Asia	26,2 x 29,7
ARM.24.3.3	[Planta baixa e corte de um edifício e de uma plantação] / Vict.o f. No Arco do Cego / Est. 5.	20,4 x 31,3
ARM.24.3.4	Siberia, ou Russia Asiatica, Tartaria Chinesa Pays dos Eluts Ilhas do Japaõ	26,5 x 33
ARM.24.3.5	[Fornos] / Estampa. III.	20,7 x 30,3
ARM.24.3.6	[Fornos] / Estampa. VI.	20,2 x 30,6
ARM.24.3.7	[Fornos] / Fig.do f. No Arco do Cego	20,2 x 33,9
ARM.24.3.8	[Fornos] / Souza f. No Arco do Cego	20,2 x 34,9
ARM.24.3.9	[Fornos]	20,5 x 31,5
ARM.24.3.10	Reino de Napoles, e de Sicilia	26,2 x 32
ARM.24.3.11	Paizes Baixos Provincias Unidas + Westphalia	25,9 x 29,4
ARM.24.3.12 frente	Europa	26 x 31,4
ARM.24.3.12 verso	[Estudo de botânica, parte superior]	26 x 31,4
ARM.24.3.13	Reino de Polonia	24 x 28,3
ARM.24.3.14 frente	Hungria Turquia Européa	25,9 x 22,1
ARM.24.3.14 verso	[Fragmento de um estudo de botânica]	22,1 x 25,9

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 4 – Pasta 4 - 10 matrizes em 10 chapas

Localização	Título / Autoria / Incrições	Dimensões (cm)
ARM.24.4.1	[Fornos] / Correa. f.	18,8 x 26,1
ARM.24.4.2	[Fornos] / Estampa XI.	16,1 x 31,6
ARM.24.4.3	[Fornos] / Estampa. IV.	17,8 x 30,8
ARM.24.4.4	O Plano Inclinado Simples / No Arco do Cego Freitas. f. / Est. 3.	25,6 x 20,3
ARM.24.4.5	Segundo modo de passar hum commercio alternado / F. no Arco do Cego IIF / Est. 12.	25,8 x 20
ARM.24.4.6	Fig. 1. Plano das maquinas com o modo de conservar os guindastes paralelos por meio da alavanca A... / No Arco do Cego Freitas. f. / Est. 10.	25,8 x 19,9
ARM.24.4.7	[Desenho técnico] / Vianna. f. no Arco do Cego / Est. 4.	18 x 28,1
ARM.24.4.8	NÃO EXISTE	
ARM.24.4.9	[Desenho técnico] / Souza esc. no Arco do Cego	22,6 x 18,1
ARM.24.4.10	Queijaria. Maquina de cozer a vapór. Gamella dos porcos. / Marq.s f. no Arco do Cego	22,7 x 16,2
ARM.24.4.11	[Desenho técnico] / Marq.s f. no Arco do Cego	20,3 x 32,9

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 5 – Pasta 5 - 11 matrizes em 10 chapas

Localização	Título / Autoria / Inscrições	Dimensões (cm)
ARM.24.5.1	Ardea petroica vulgo Cocó / M. L. R. Vianna del. et sculp.	22,8 x 22,8
ARM.24.5.2	Partes das maquinas. . . Fig. 1. O Gancho que se solta por si, o qual separa as Cadeas Principaes ao entrar o Barco nos Varios Liveis... / Costa. f. No Arco do Cego	25,9 x 20
ARM.24.5.3	Parte d'huma ponte composta de aduelas de ferro / No Arco do Cego I. J. de Freitas. Grav. / Est. 16.	15,7 x 21,2
ARM.24.5.4	[Desenho arquitetônico de um moinho] / Estampa. 1.	20 x 33,8
ARM.24.5.5	[Mapa inacabado]	22,6 x 28,1
ARM.24.5.6	Noruega. Reino de Dinamarca.	27,7 x 23,5
ARM.24.5.7	[Mapa da Escócia]	25,4 x 23,9
ARM.24.5.8 frente	[Mapa da Inglaterra]	26,2 x 24
ARM.24.5.8 verso	[Parte de um estudo de botânica]	24 x 26,2
ARM.24.5.9	Turquia Asiatica, Arabia, Persia, Tartaria Independente / Souto f.	25,5 x 24,2
ARM.24.5.10	França dividida em 32 Governos para facilitar a comparacaõ da antiga Divisaõ com a nova em Departamentos / Neves fe[...]	25,7 x 30,2

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 6 – Pasta 6 - 4 matrizes em 3 chapas

Localização	Título / Autoria / Inscrições	Dimensões (cm)
ARM.24.6.1	Cinchona angustifolia / Est. 9.	34,5 x 22,2
ARM.24.6.2 frente	[Estudos de botânica]	23,1 x 31,3
ARM.24.6.2 verso	[Parte de um estudo de botânica]	23,1 x 31,3
ARM.24.6.3	Cinchona lanceolata	34,8 x 24,1

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 7 – Pasta 8 - 8 matrizes em 8 chapas

(continua)

Localização	Título / Autoria / Inscrições	Dimensões (cm)
ARM.24.8.1	Ampelis carunculata / Vianna. des. eg.r No Arco do Cego	16,4 x 24,4
ARM.24.8.2	Lanius pitanguà / N. arco do Cego. Lima. f.	16 x 24,2
ARM.24.8.3	Columba juruti / Vianna f.	16,3 x 23,9
ARM.24.8.4	Psitacus macrourus vulgo Perequito ou Tui / R. C. S. Flum del.; Vianna Sc.	16,2 x 22,8
ARM.24.8.5	Emberiza mediterranea vulgo Salpicado do Certaõ / R. Costius Silvius Flum del.; Vianna Sc. / No verso da chapa: "B. Whittow & Son. N. 43. Shoe Lane. Holborn London"	11,3 x 17,8
ARM.24.8.6	Vultur Cinereus / Reb.o Esc. No Arco do Cego	17,6 x 13,4
ARM.24.8.7	Tanagra silvestres vulgo Caá çai / R. C. S. Flum. del.; Vianna Sc. / No verso da chapa: "B. Whittow & Son. N. 43. Shoe Lane. Holborn London"	11,5 x 17,8

Quadro 7 – Pasta 8 - 8 matrizes em 8 chapas

(conclusão)

Localização	Título / Autoria / Incrições	Dimensões (cm)
ARM.24.8.8	Tánagra violacea vulgo Guirâ nheéng etâ ou nheéng etâ-r-úna, ou Teitei / R. Costius Silvius Flum. del.; Queirós Sc. Lx.a	11,5 x 17

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 8 – Pasta 10 - 2 matrizes em 2 chapas

Localização	Título / Autoria / Incrições	Dimensões (cm)
ARM.24.10.1	Trogon curucui / Vianna. f.	17,9 x 28,9
ARM.24.10.2	Corvus petroicus / M. L. R. Vianna del. et sculp.	21,1 x 34

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 9 – Pasta 11 - 7 matrizes em 7 chapas

Localização	Título / Autoria / Incrições	Dimensões (cm)
ARM.24.11.1	Turdus çabijuba vulgo Çabijuba / R. C. S. Flum del.	19,4 x 27,6
ARM.24.11.2	Cinchona lineata	30,1 x 21,2
ARM.24.11.3	Cinchona glandulifera	35 x 24,5
ARM.24.11.4	Cinchona Acutifolia	35,4 x 24,6
ARM.24.11.5	Cinchona grandiflora	34,6 x 24
ARM.24.11.6	Cinchona nitida	35 x 24,3
ARM.24.11.7	Historia Natural do Homem / Eloy Esculp. no Arco do Cego	20,2 x 13,8

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 10 – Pasta 12 - 10 matrizes em 9 chapas

Localização	Título / Autoria / Incrições	Dimensões (cm)
ARM.24.12.1	As Ilhas Canarias	31 x 30,9
ARM.24.12.2	Os Suiços, e os Grisoos: com seus Subditos, e Alliados	24,5 x 31,3
ARM.24.12.3	Bohemia Silesia, Moravia, Lusacia	26,2 x 24,7
ARM.24.12.4	[América do Norte]	25,2 x 29,6
ARM.24.12.5	Rheno Superior, e Inferior, Franconia	26,5 x 24,5
ARM.24.12.6	[América do Sul]	26,6 x 30,4
ARM.24.12.7 frente	Ilhas Britanicas	28,2 x 33,2
ARM.24.12.7 verso	[Estudo de botânica]	33,2 x 28,1
ARM.24.12.8	[Estudo de zoologia]	19,6 x 29,7
ARM.24.12.9	[Desenho arquitetônico] / Vianna f. no Arco do Cego	17,6 x 31

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 11 – Pasta 15 - 12 matrizes em 10 chapas

Localização	Título / Autoria / Inscrições	Dimensões (cm)
ARM.24.15.1	[Carneiro] / Lima No Arco do Cego	18,3 x 14
ARM.24.15.2	Zebra / Jorge f. No Arco do Cego	19,7 x 24,7
ARM.24.15.3	Urso Branco / Neves esc. no Arco do Cego	17,6 x 23,5
ARM.24.15.4	Hipopotamo. Amphibio. L. / Neves no Arco do Cego	17,7 x 23,1
ARM.24.15.5	Boi / Neves esc. no Arco do Cego	17,9 x 23,7
ARM.24.15.6	Boi Bison	20,2 x 24,7
ARM.24.15.7	[Dromedário]	12,9 x 17,6
ARM.24.15.8 frente	[Carneiro] / Lima fes No Arco do Cego	18,3 x 14
ARM.24.15.8 verso	[Antílope deitado] / Lima fes No Arco	18,3 x 14
ARM.24.15.9	Antílope Corinna / Jorge. f. No Arco do Cego	24,5 x 18,2
ARM.24.15.10 frente	[Antílope deitado] / Lima. fes. No Arco do Cego	18,3 x 14
ARM.24.15.10 verso	[Carneiro] / Lima [...] No Arco do Cego	18,3 x 14

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 12 – Pasta 16 - 4 matrizes em 4 chapas

Localização	Título / Autoria / Inscrições	Dimensões (cm)
ARM.24.16.1	Cinchona spinosa	29,8 x 22,6
ARM.24.16.2	Cinchona hirsuta	35,2 x 24,5
ARM.24.16.3	Cinchona brachycarpa	36,2 x 25,5
ARM.24.16.4	Folhas da arvore da Casca de Tecamez	32,7 x 26,4

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 13 – Pasta 17 - 6 matrizes em 6 chapas

Localização	Título / Autoria / Inscrições	Dimensões (cm)
ARM.24.17.1	Hemispherio Boreal / Eloy sc. no Arco do Cego	19 x 22,7
ARM.24.17.2	[Estudo de botânica] / Vict.o f. no Arco do Cego	22,9 x 19,8
ARM.24.17.3	Cinchona micrantha	34,9 x 24,3
ARM.24.17.4	Cinchona purpurea	35,3 x 24,4
ARM.24.17.5	Cinchona magnifolia	37 x 24,8
ARM.24.17.6	Cinchona ovata	34,9 x 24,3

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 14 – Pasta 18 - 14 matrizes em 10 chapas

(continua)

Localização	Título / Autoria / Inscrições	Dimensões (cm)
ARM.24.18.1 frente	Andromeda, Perseo, o Triangulo / Vianna f. no Arco do Cego	19,9 x 24,6
ARM.24.18.1 verso	[Fragmento de um estudo de botânica]	19,9 x 24,6

Quadro 14 – Pasta 18 - 14 matrizes em 10 chapas

(conclusão)

Localização	Título / Autoria / Incrições	Dimensões (cm)
ARM.24.18.2 frente	Libra, e Escorpio / Costa f. no Arco do Cego	20,2 x 24,9
ARM.24.18.2 verso	[Carta náutica]	24,9 x 20,2
ARM.24.18.3 frente	A Hydra, a Taça, e o Corvo / Souto f. no Arco do Cego	19,6 x 25
ARM.24.18.3 verso	Combate de Sir G. Pocock nas Indias Orientaes a 29 de Abril de 1758 / Fig.do f. No Arco do Cego	25 x 19,6
ARM.24.18.4	A Baleia / No Arco Cego Vianna f.	19,8 x 24,9
ARM.24.18.5 frente	Virgo / Marq f no Arco do Cego	19,6 x 25,3
ARM.24.18.5 verso	Combate de Sir G. Pocock nas Indias Orientaes a 29 de Abril de 1758 / Fig.do f. No Arco do Cego	25,3 x 19,6
ARM.24.18.6	Planispherio das Estrellas Austraes dirigido por M. o Abbade De La Caille / Camena. f. no Arco do Cego	19,8 x 26,1
ARM.24.18.7	[Invertebrados]	20,4 x 16,3
ARM.24.18.8	Barcos, 1. O Barco de Mercado, ou de Passagem... / Costa. f. No Arco do Cego	23,7 x 17,9
ARM.24.18.9	Hymnus Tabaci autore Raphaele Thorio / Romaõ Eloy Sculp. No Arco do Cego	17,3 x 13,6
ARM.24.18.10	[Construções navais] / Marq.s Esculp. no Arco do Cego	20 x 32,6

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 15 – Pasta 20 - 8 matrizes em 8 chapas

Localização	Título / Autoria / Incrições	Dimensões (cm)
ARM.24.20.1	Hum grande celleiro pertencente a M.r Bayley of Hope junto a Manchester / No Arco do Cego Vianna. f.	16 x 22,6
ARM.24.20.2	[Planta arquitetônica] / Estampa. X.	15,3 x 28,9
ARM.24.20.3	[Planta arquitetônica] / Souto. f. no Arco do Cego / No verso da chapa: “[...] Whittow & Son. N. 43. Shoe Lane. Holborn London”	21,3 x 15,8
ARM.24.20.4	Plano de huma cabana, assas recomendada por Lord. Borwnlow; Plano de huma cabanam assas recomendada por M.r Crutchley / Marq.s f. no Arco do Cego	23,5 x 16,8
ARM.24.20.5	Pequena Caza da granja, Terceira Classe / No Arco do Cego M. L. R. Vianna. f.	22,8 x 16
ARM.24.20.6	Casas, onde se sustenta o Gado / No Arco do Cego Vianna. f.	22,8 x 16
ARM.24.20.7	Pequeno Celleiro Ingles / No Arco do Cego Vianna. f.	22,9 x 16,2
ARM.24.20.8	[Planta arquitetônica] / Silva f. No Arco do Cego	17,3 x 24,1

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 16 – Pasta 21 - 9 matrizes em 8 chapas

Localização	Título / Autoria / Inscrições	Dimensões (cm)
ARM.24.21.1	Costa Occidental da Africa com os estabelecimentos portuguezes	26 x 29,4
ARM.24.21.2	Nova Hespanha Novo Mexico Ilhas Antilhas	26 x 31,9
ARM.24.21.3	A Gallia	24,8 x 29,6
ARM.24.21.4 frente	Mappa das Primeiras Epocas do Mundo da Geographia Ecclesiastica da Turquia Asiatica e da Persia	24,7 x 25,7
ARM.24.21.4 verso	[Mapa inacabado]	24,7 x 25,7
ARM.24.21.5	Imperio d'Alemanha	25,5 x 29,9
ARM.24.21.6	Cinchona macrocarpa	24,4 x 39,4
ARM.24.21.7	Cinchona caribaea / R. E. Almd.a Esculp.	31,2 x 26,5
ARM.24.21.8	Cinchona dichotoma	35,3 x 24,6

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 17 – Pasta 22 - 15 matrizes em 14 chapas

Localização	Título / Autoria / Inscrições	Dimensões (cm)
ARM.24.22.1	[Estudo de botânica]	24,1 x 20,3
ARM.24.22.2	Cinchona corymbifera	33,1 x 26,8
ARM.24.22.3	Cinchona rosea	34,9 x 24,4
ARM.24.22.4	[Estudo de botânica] / Vianna f. no Arco do Cego	20,3 x 25,8
ARM.24.22.5	[Estudo de botânica] / Santos. Esc. No Arco do Cego	15,5 x 10,1
ARM.24.22.6 frente	[Estudo de botânica] / Vieira Grav. No Arco do Cego	16,1 x 9,7
ARM.24.22.6 verso	Ioannesia Princeps	9,7 x 16,1
ARM.24.22.7	Esculo castanheiro / V. f. / No verso da chapa: "B. Whittow & Son. N. 43. Shoe Lane. Holborn London"	16,9 x 11,1
ARM.24.22.8	[Estudo de botânica] / Alm.da f. No Arco do Cego	16,6 x 10
ARM.24.22.9	Oxalide azedinha / Costa. f. / No verso da chapa: "B. Whittow & Son. N. 43. Shoe Lane. Holborn London"	16,9 x 11,2
ARM.24.22.10	Ioannesia principe / V. f. / No verso da chapa: "B. Whittow N. 43. [S]hoe Lane. Holborn. London"	17,8 x 11,4
ARM.24.22.11	Bellis perenne / Silva sc.	17,4 x 12,9
ARM.24.22.12	[Estudo de botânica] / Oliv.ra Sc. No Arco do Cego	16,1 x 9,9
ARM.24.22.13	[Estudo de botânica] / Souza f. No Arco do Cego	16,1 x 10
ARM.24.22.14	[Estudo de botânica] / Alm.da f. no Arco do Cego	15,1 x 10,2

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 18 – Pasta 25 - 16 matrizes em 15 chapas

(continua)

Localização	Título / Autoria / Inscrições	Dimensões (cm)
ARM.24.25.1	Vultur Pondicerianos / Vianna f. No Arco do Cego	17,4 x 12,7
ARM.24.25.2	Todus uliginosus vulgo Cinzentinho do brejo / D. Azev.o S.tos del.; Vianna Sc. Lx.a / No verso da chapa: "[...] & Son. [...] Lane. [...]ndon"	10,5 x 10,8
ARM.24.25.3	[Estrelas do mar]	20,6 x 14,9

Quadro 18 – Pasta 25 - 16 matrizes em 15 chapas

(conclusão)

Localização	Título / Autoria / Incrições	Dimensões (cm)
ARM.24.25.4	Strix Flammea / Abr.tes esc. No Arco do Cego	17,4 x 12,9
ARM.24.25.5	Falco ossifragus / Vieira Sc. No Arco do Cego	18,1 x 13,8
ARM.24.25.6	Falco Lagopus / Costa. f. No Arco do Cego	17,6 x 13
ARM.24.25.7	Vultur Oricou	17,2 x 13,8
ARM.24.25.8	Buphagus brasiliensis vulgo Çanhaçú / D. A. S.tos del.; Vianna Sc.	11,2 x 17,7
ARM.24.25.9	Falco Palumbarius / Freitas fez. No Arco do Cego	17,5 x 12,7
ARM.24.25.10	Falco Cyaneus / Santos. f. No Arco do Cego	17,4 x 12,8
ARM.24.25.11 frente	Strix Aluco / Santos Sc. No Arco do Cego	17,3 x 12,8
ARM.24.25.11 verso	[Gavião] / Vieira Sc. No Arco do Cego	17,3 x 12,8
ARM.24.25.12	Falco Pygargus / Rebelo esculp. No Arco do Cego	18,3 x 13,9
ARM.24.25.13	Strix Brachyotos / Souza esc. No Arco do Cego	17,4 x 12,8
ARM.24.25.14	Falco Islandicus / Fig.do g.r no Arco do Cego	18,3 x 13,8
ARM.24.25.15	[Pássaro]	18,3 x 13,7

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 19 – Pasta 26 - 20 matrizes em 20 chapas

Localização	Título / Autoria / Incrições	Dimensões (cm)
ARM.24.26.1	[Estudo de botânica] / Alm.da f no Arco do Cego	15,3 x 10,3
ARM.24.26.2	[Estudo de botânica]	15,1 x 10
ARM.24.26.3	[Estudo de botânica] / Fig. Gr. No Arco do Cego	16,5 x 10
ARM.24.26.4	[Estudo de botânica] / Oliv.ra Sc. No Arco do Cego	16,1 x 9,7
ARM.24.26.5	[Estudo de botânica] / Alm.da f. No Arco do Cego	15,7 x 10,3
ARM.24.26.6	[Estudo de gravura] / Marq. f. No Arco do Cego	14,5 x 10
ARM.24.26.7	[Estudo de gravura]	15,7 x 9,9
ARM.24.26.8	[Estudo de botânica]	15,5 x 10,2
ARM.24.26.9	[Estudo de botânica] / Marques f. No Arco do Cego	14,5 x 10,1
ARM.24.26.10	Verbasco thapso branco / V. f. / No verso da chapa: “B. Whittow & Son. N. 43. Shoe Lane. Holborn London”	16,9 x 11,3
ARM.24.26.11	[Estudo de botânica] / Senna. f. No Arco do Cego	15,3 x 10,3
ARM.24.26.12	[Estudo de botânica]	15,3 x 9,8
ARM.24.26.13	[Estudo de botânica]	14,4 x 9,3
ARM.24.26.14	[Estudo de botânica]	15,4 x 10,8
ARM.24.26.15	[Estudo de botânica] / Alm.da f No Arco do Cego	15 x 10,5
ARM.24.26.16	[Estudo de botânica] / Alm.da f. No Arco do Cego	16,1 x 10
ARM.24.26.17	[Estudo de botânica] / Alm.da f. No Arco do Cego	16,6 x 10
ARM.24.26.18	[Estudo de botânica] / Lima f No Arco do Cego	15,2 x 10,3
ARM.24.26.19	[Estudo de botânica] / Est. 4.	15,7 x 9,7
ARM.24.26.20	[Estudo de botânica] / Marques f No Arco do Cego	14,5 x 10,1

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 20 – Pasta 27 - 19 matrizes em 18 chapas

Localização	Título / Autoria / Inscrições	Dimensões (cm)
ARM.24.27.1	Zostera marina	15 x 9,5
ARM.24.27.2	Nicotiana tabaco / V. f. / No verso da chapa: “B. Whittow & Son. N. 43. Shoe Lane. Holborn London”	16,9 x 11,1
ARM.24.27.3	[Estudo de botânica]	15,9 x 10,4
ARM.24.27.4	Amomum echinatum / F. No Arco do Cego	16,3 x 9,9
ARM.24.27.5	[Estudo de botânica] / Senna. f. No Arco do Cego	16 x 9,8
ARM.24.27.6	[Estudo de botânica] / Alm.da f No Arco do Cego	15,1 x 10,6
ARM.24.27.7	[Estudo de botânica] / Vieira Grav No Arco do Cego	16 x 9,7
ARM.24.27.8	[Estudo de botânica] / Oliv.ra Sc. No Arco do Cego	15,6 x 9,6
ARM.24.27.9	Heliotropio commum Tornesol / V. f. / No verso da chapa: “B. Whittow & Son. N. 43. Shoe Lane. Holborn London”	16,8 x 11,2
ARM.24.27.10	[Estudo de botânica] / Jorge Esc. No Arco do Cego	15,8 x 10,3
ARM.24.27.11 frente	[Insetos]	14,6 x 9,4
ARM.24.27.11 verso	[Insetos]	14,6 x 9,4
ARM.24.27.12	[Estudo de botânica] / Santos. f. No Arco do Cego	16,1 x 10,1
ARM.24.27.13	Custus speciosus / M f. No Arco do Cego	15,8 x 9,5
ARM.24.27.14	Cacteiro parasitico	14,4 x 9,3
ARM.24.27.15	Mimosa. Senegal. / Alm.da f. No Arco do Cego	14,5 x 10,1
ARM.24.27.16	[Estudo de botânica] / Fig.do gr. No Arco do Cego	16,5 x 10,2
ARM.24.27.17	Salicornia herbacea / Vianna. f.	15,1 x 9,6
ARM.24.27.18	[Estudo de botânica]	15,9 x 9,9

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 21 – Pasta 28 - 21 matrizes em 20 chapas

(continua)

Localização	Título / Autoria / Inscrições	Dimensões (cm)
ARM.24.28.1	Menyanthes trifolio / V. f.	17,9 x 11,5
ARM.24.28.2	[Estudo de botânica] / Alm.da f No Arco do Cego	16,1 x 10
ARM.24.28.3	[Estudo de botânica] / Santos Esculp.	15,4 x 9,7
ARM.24.28.4	Blitum virgatum / V. f. No Arco do Cego	16,4 x 9,9
ARM.24.28.5 frente	[Estudo de botânica] / Senna fes. No Arco do Cego	16,5 x 10
ARM.24.28.5 verso	[Estudo de botânica]	16,5 x 9,9
ARM.24.28.6	Salicornia fruticosa / Alm.da f. No Arco do Cego	16 x 9,7
ARM.24.28.7	[Estudo de botânica] / Senna. f. No Arco do Cego	15,5 x 10,2
ARM.24.28.8	[Estudo de botânica] / S.a f. No Arco do Cego	16,2 x 9,9
ARM.24.28.9	[Estudo de botânica] / Alm.da fes. No Arco do Cego	16,2 x 10
ARM.24.28.10	[Estudo de botânica] / S. f. No Arco do Cego	16,4 x 10,1
ARM.24.28.11	[Estudo de botânica] / Senna f.s No Arco do Cego	15,7 x 10,5
ARM.24.28.12	[Estudo de botânica] / Lima. f. No Arco do Cego	15,5 x 10
ARM.24.28.13	Conio maculado Cegude / V. f. / No verso da chapa: “B. Whittow & Son. N. 43. Shoe Lane. Holborn London”	16,9 x 11
ARM.24.28.14	[Estudo de botânica] / Souza esc. No Arco do Cego	15 x 10,4

Quadro 21 – Pasta 28 - 21 matrizes em 20 chapas

(conclusão)

Localização	Título / Autoria / Incrições	Dimensões (cm)
ARM.24.28.15	[Estudo de botânica] / Fig.do f no Arco do Cego	15,8 x 9,6
ARM.24.28.16	[Estudo de botânica] / Oliv.ra esc. No Arco do Cego	16,2 x 10
ARM.24.28.17	[Estudo de botânica] / Alm.da f. No Arco do Cego	16,1 x 10,1
ARM.24.28.18	[Estudo de botânica] / Senna. f. No Arco do Cego	15,9 x 10,1
ARM.24.28.19	Mambu Tabaxir / No arco do Cego	16,1 x 10,5
ARM.24.28.20	[Estudo de botânica] / Souza esc. No Arco do Cego	15 x 10,5

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 22 – Pasta 29 - 22 matrizes em 21 chapas

Localização	Título / Autoria / Incrições	Dimensões (cm)
ARM.24.29.1	Cacteiro folha [?] de beldroega / *Sem invólucro*	14,7 x 9,2
ARM.24.29.2	[Estudo de botânica]	14,5 x 10,3
ARM.24.29.3	[Estudo de botânica]	15,9 x 9,9
ARM.24.29.4	[Estudo de botânica] / S f. No Arco do Cego	16,1 x 9,9
ARM.24.29.5	Fructo	13,9 x 9,2
ARM.24.29.6	Salsola de semear (sativa)	14,7 x 10,3
ARM.24.29.7	[Estudo de botânica] / Al f No Arco do Cego	16,1 x 9,7
ARM.24.29.8	[Estudo de botânica] / Al f. No Arco do Cego	16,2 x 10
ARM.24.29.9	[Estudo de botânica]	15,6 x 10,3
ARM.24.29.10	[Estudo de botânica]	15 x 9,9
ARM.24.29.11	[Estudo de botânica] / Senna. f. No Arco do Cego	14,9 x 10,5
ARM.24.29.12	[Estudo de botânica] / Alm.da gravou No Arco do Cego	15,3 x 9,5
ARM.24.29.13	[Estudo de botânica] / Alm.da f. No Arco do Cego	16,1 x 9,9
ARM.24.29.14	[Estudo de botânica] / Alm.da f. No Arco do Cego	15,9 x 10,2
ARM.24.29.15	[Estudo de botânica]	15,4 x 10,1
ARM.24.29.16	[Estudo de botânica]	15,6 x 10,1
ARM.24.29.17	[Estudo de botânica] / Alm.da f. No Arco do Cego	15,7 x 10,1
ARM.24.29.18	[Estudo de botânica] / Fig. gr. No Arco do Cego	16,2 x 9,5
ARM.24.29.19	1 Cavallo 2 Asno / No Arco do Cego	16 x 9,9
ARM.24.29.20 frente	R. ciliata R. paratiensis	15,2 x 18,3
ARM.24.29.20 verso	[Estudo de letras]	15,2 x 18,3
ARM.24.29.21	[Estudo de botânica]	24,2 x 15,9

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 23 – Pasta 30 - 22 matrizes em 21 chapas

(continua)

Localização	Título / Autoria / Incrições	Dimensões (cm)
ARM.24.30.1	[Estudo de botânica] / Alm.da f.es no Arco do Cego	16,3 x 10
ARM.24.30.2	Qualea coerulea / Reb.o f. no Arco do Cego	16 x 9,8

Quadro 23 – Pasta 30 - 22 matrizes em 21 chapas

(conclusão)

Localização	Título / Autoria / Inscrições	Dimensões (cm)
ARM.24.30.3	Estatica limonio. Estancadeira. / Vianna. f.	15,3 x 9,6
ARM.24.30.4	Salsola fruticosa. Pé de Ganço. / Vianna. f.	15 x 9,5
ARM.24.30.5	[Estudo de botânica]	15,7 x 9,9
ARM.24.30.6	Canna angustifolia / V. f. No Arco do Cego	16,2 x 10,2
ARM.24.30.7	[Estudo de botânica] / Alm.da f. No Arco do Cego	15,9 x 10,1
ARM.24.30.8	[Estudo de botânica] / Abr.tes Sc. No Arco do Cego	15,8 x 9,9
ARM.24.30.9	Cafeseiro aforquilhado	15 x 10,6
ARM.24.30.10	Salsola trago / Vianna. f.	15,1 x 9,5
ARM.24.30.11	[Estudo de botânica] / Abr.tes esc. No Arco do Cego / Est. XXXII.	15,6 x 9,5
ARM.24.30.12	[Estudo de botânica] / Abrantes f. No Arco do Cego	15,1 x 10,5
ARM.24.30.13	[Estudo de botânica] / Al f [?] No Arco do Cego	15,6 x 10,1
ARM.24.30.14	[Estudo de botânica]	15,5 x 9,9
ARM.24.30.15	[Estudo de botânica] / Alm.da f. No Arco do Cego	16,3 x 9,8
ARM.24.30.16	Draba da Primavera / Cor.a f. No Arco do Cego / No verso da chapa: “B. Whittow & Son. N. 43. Shoe Lane. Holborn London”	16,9 x 11,1
ARM.24.30.17 frente	[Estudo de botânica] / Const.o f.s	16 x 9,7
ARM.24.30.17 verso	[Estudo de botânica]	16 x 9,7
ARM.24.30.18	[Estudo de botânica] / Alm.da f No Arco do Cego	16 x 10,1
ARM.24.30.19	Neotia speciosa / F. no Arco do Cego	15,9 x 9,7
ARM.24.30.20	[Estudo de botânica] / Tom I.; Pag 306.	15,3 x 9,6
ARM.24.30.21	[Estudo de botânica] No verso da chapa: “B. Whittow & Son. N. 43. Shoe Lane. Holborn London”	23,6 x 15,9

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 24 – Pasta 31 - 14 matrizes em 13 chapas

(continua)

Localização	Título / Autoria / Inscrições	Dimensões (cm)
ARM.24.31.1	Ximia satyro iocko, ov orang otang	21,3 x 17,4
ARM.24.31.2	Cariacu / Neves esc. no Arco do Cego	18,2 x 24
ARM.24.31.3	Ampelis variegata Guirá púnga / Vianna. f.	17,9 x 28,9
ARM.24.31.4	[Estudo de geometria] / F. no Arco do Cego / Est. 4.; Fig. 74.; Fig. 98.	18,4 x 19,8
ARM.24.31.5	[Estudo de geometria] / F. no Arco do Cego / Est. 6.; Fig. 115.; Fig. 130.	18,3 x 19,7
ARM.24.31.6	[Estudo de geometria] / F. no Arco do Cego / Est. 9.; Fig. 165.; Fig. 183.	18,3 x 19,7
ARM.24.31.7	Caza da Granja Segunda Classe / Vianna. f. No Arco do Cego	22,9 x 16,2
ARM.24.31.8	Desenho para a Casa, e Officinas de huma Fazenda / Marq.s f. no Arco do Cego	22,7 x 16
ARM.24.31.9	Plano 2º [projeto arquitetônico] / Reb.o fe No Arco do Cego	22,6 x 15,9
ARM.24.31.10	Plano V [projeto arquitetônico] / Vict.o f. No Arco do Cego / Plano V.; Est. 30	22,6 x 16

Quadro 24 – Pasta 31 - 14 matrizes em 13 chapas

(conclusão)

Localização	Título / Autoria / Inscrições	Dimensões (cm)
ARM.24.31.11	Plano 3º [projeto arquitetônico] / Costa. f. No Arco do Cego / Plano. 3.º; Est. 28.	22,7 x 16,2
ARM.24.31.12	Hum Aqueducto de Ferro. Escala 1 ½ Pollegada ate 100 Pés / No Arco do Cego Freitas	15 x 21,1
ARM.24.31.13 frente	Planispherio para os alinhamentos das principaes estrellas / Souto f. no Arco do Cego	19,9 x 25,6
ARM.24.31.13 verso	[Ensaio de tactica naval: est. XXIII] / Cor.a f. no Arco do Cego	25,6 x 19,9

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 25 – Pasta 32 - 20 matrizes em 20 chapas

Localização	Título / Autoria / Inscrições	Dimensões (cm)
ARM.24.32.1	Pisum sativum Hervilha / Reb.o f. No Arco do Cego	15,8 x 9,8
ARM.24.32.2	[Estudo de botânica]	16 x 10,2
ARM.24.32.3	[Estudo de botânica]	15,4 x 10,2
ARM.24.32.4	[Estudo de botânica] / Lima f. No Arco do Cego	15,7 x 10,2
ARM.24.32.5	[Estudo de botânica] / Al f. No Arco do Cego	16 x 9,8
ARM.24.32.6	[Estudo de botânica]	15,4 x 10,2
ARM.24.32.7	[Estudo de botânica] / Souza f. No Arco do Cego	16 x 9,7
ARM.24.32.8	[Estudo de botânica] / Senna. f. No Arco do Cego	15 x 10,3
ARM.24.32.9	[Estudo de botânica] / Oliveira f. No Arco do Cego	15,4 x 9,8
ARM.24.32.10	[Estudo de botânica]	15,6 x 10,2
ARM.24.32.11	[Estudo de botânica] / Alm.da f. No Arco do Cego	16,1 x 10
ARM.24.32.12	[Estudo de botânica] / Oliv.ra esc. No Arco do Cego	15,2 x 10,4
ARM.24.32.13	[Estudo de botânica] / Quintos Esc. No Arco do Cego	16 x 10
ARM.24.32.14	[Estudo de botânica] / Souza f. No Arco do Cego	15,9 x 9,9
ARM.24.32.15	Bixa Orellana (Urucu)	15,2 x 9,5
ARM.24.32.16	[Estudo de botânica] / Al f No Arco do Cego	16,3 x 9,9
ARM.24.32.17	Cucularia excelsa / V. f. No Arco do Cego	16,2 x 9,9
ARM.24.32.18	[Estudo de botânica] / Santos. Esc. No Arco do Cego	14,8 x 10,3
ARM.24.32.19	[Estudo de botânica] / Vieira Grav. No Arco do Cego	16,3 x 10
ARM.24.32.20	[Estudo de botânica] / Senna. f. No Arco do Cego	16,1 x 9,9

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 26 – Pasta 33 - 7 matrizes em 7 chapas

(continua)

Localização	Título / Autoria / Inscrições	Dimensões (cm)
ARM.24.33.1 (a)	[Estudos geométricos] / F. no Arco do Cego / Est. 8.; Fig. 144.; Fig. 164.	18,3 x 19,7
ARM.24.33.1 (b)	[Estudos geométricos] / F. no Arco do Cego / Est. 7.; Fig. 131.; Fig. 143.	18,4 x 19,7

Quadro 26 – Pasta 33 - 7 matrizes em 7 chapas

(conclusão)

Localização	Título / Autoria / Incrições	Dimensões (cm)
ARM.24.33.1 (c)	[Estudos geométricos] / F. no Arco do Cego / Est. 1.; Fig. 1.; Fig. 25.	18,4 x 19,9
ARM.24.33.1 (d)	[Estudos geométricos] / F. no Arco do Cego / Est. 3.; Fig. 51.; Fig. 73.	18,2 x 19,6
ARM.24.33.2	[Projeto arquitetônico] / No Arco do Cego Vianna. f. / Est. 24.; A. Pateo das Medas. B. Vão. C. Sobrado...	22,7 x 16,1
ARM.24.33.3	Desenho para hum Celleiro, Tulha, e Moinho de Malhar / Vict.o f. No Arco do Cego / Est. 10. A.	22,6 x 16
ARM.24.33.4	[Estudo de botânica]	24,7 x 16,5

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 27 – Pasta 35 - 20 matrizes em 20 chapas

Localização	Título / Autoria / Incrições	Dimensões (cm)
ARM.24.35.1	[Estudo de botânica]	16,5 x 10,3
ARM.24.35.2	[Estudo de botânica] / Lima f. No Arco do Cego	15,3 x 10,4
ARM.24.35.3	[Estudo de botânica] / Oliv.ra esc. NAV / Est. II.	16,1 x 10
ARM.24.35.4	[Estudo de botânica]	15,7 x 9,8
ARM.24.35.5	[Estudo de botânica] / Alm.da f No Arco do Cego	15,7 x 10,1
ARM.24.35.6	[Estudo de botânica] / Senna. f. No Arco do Cego	16 x 10,2
ARM.24.35.7	Cafeseiro d'guianna / Cpr.a f. / Est. 2.	14,9 x 9,5
ARM.24.35.8	[Estudo de botânica]	14 x 8,7
ARM.24.35.9	[Estudo de botânica]	14,1 x 8,4
ARM.24.35.10	[Estudo de botânica] / Oliv.ra Esc. No Arco do Cego / Est XV.	16,2 x 9,7
ARM.24.35.11	[Estudo de botânica]	16,1 x 9,8
ARM.24.35.12	Lilium candidum. Assucena branca. / Quintos Esc. No Arco do Cego / Est. 1.	15,9 x 9,8
ARM.24.35.13	[Estudo de botânica] / Santos Esculp	15,5 x 10,4
ARM.24.35.14	[Estudo de botânica]	15 x 10,4
ARM.24.35.15	[Estudo de botânica] / Abr.tes esc. No Arco do Cego	15,3 x 10,4
ARM.24.35.16	[Estudo de botânica] / Alm.da f. No Arco do Cego	16,1 x 9,7
ARM.24.35.17	[Estudo de botânica]	15,1 x 9,9
ARM.24.35.18	[Estudo de botânica] / Marq.s f. No Arco do Cego	15,7 x 9,9
ARM.24.35.19	[Estudo de botânica]	20,3 x 14,1
ARM.24.35.20	Rhamnus Lotus (Loda'o)	20,5 x 13,9

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 28 – Pasta 36 - 18 matrizes em 18 chapas

(continua)

Localização	Título / Autoria / Incrições	Dimensões (cm)
ARM.24.36.1	[Cacto]	15,3 x 9,9
ARM.24.36.2	[Estudo de botânica]	15,8 x 10,2

Quadro 28 – Pasta 36 - 18 matrizes em 18 chapas

(conclusão)

Localização	Título / Autoria / Incrições	Dimensões (cm)
ARM.24.36.3	[Estudo de botânica] / Souza f. No Arco do Cego	16,2 x 10,2
ARM.24.36.4	Mithridatea quadrifida / No Arco do Cego V. f.	16,3 x 10,1
ARM.24.36.5	Marroio vulgar / V. f. / Est. 12. / No verso da chapa: “B. Whittow & Son. N. 43. Shoe Lane. Holborn London”	16,9 x 11,4
ARM.24.36.6	[Estudo de botânica] / Senna. f. No Arco do Cego	15,5 x 10,2
ARM.24.36.7	[Estudo de botânica] / Senna. f. No Arco do Cego	15,8 x 10,2
ARM.24.36.8	[Estudo de botânica] / Abr.tes esc. No Arco do Cego	15 x 10,4
ARM.24.36.9	Quassia amara / Vianna. f.	18,4 x 13,7
ARM.24.36.10	[Girafa]	17,7 x 13
ARM.24.36.11	Fringilla fluminensis vulgo Tingara / R. Costius Silvius Flum del.; Vianna Sc. / No verso da chapa: “B. Whittow & Son. N. 43. Shoe Lane. Holborn London”	11,4 x 17,8
ARM.24.36.12	Vultur Albiailia / Jorge f. no Arco do Cego	18,4 x 13,9
ARM.24.36.13	Vultur Bengalensis / Vianna. f. No Arco do Cego	17,8 x 14
ARM.24.36.14	Strix Bubo / Jorge fes no Arco do Cego	17,4 x 12,7
ARM.24.36.15	Tanagra personata vulgo Xié / R. Costius Silvius Flum del.	14,4 x 15,7
ARM.24.36.16	Emberiza redimita vulgo Viuva / R. C. S. Flum del.; Vianna Sc.	12,5 x 22,8
ARM.24.36.17	Picus uariegatus vulgo Guirapecu / R. Costius Silvius Flum del.; Queirós Sc.	14,3 x 19,9
ARM.24.36.18	Falco Apivorus / Freitas fez. No Arco do Cego	17,3 x 12,9

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 29 – Pasta 37 - 19 matrizes em 19 chapas

(continua)

Localização	Título / Autoria / Incrições	Dimensões (cm)
ARM.24.37.1	Cafeseiro pedunculado / Est. 8.	14,9 x 9,9
ARM.24.37.2	[Estudo de botânica] / Santos Esculp	15,4 x 9,8
ARM.24.37.3	[Estudo de botânica]	14,6 x 8,9
ARM.24.37.4	Alpinia occidentalis / No Arco do Cego V. f.	16,2 x 10,2
ARM.24.37.5	[Estudo de botânica] / Oliv.ra Esc. No Arco do Cego / Est I	15,8 x 9,9
ARM.24.37.6	Amomum angustifolium / F. no Arco do Cego	16,3 x 10,2
ARM.24.37.7	[Estudo de botânica] / Alm.da f. No Arco do Cego	16,4 x 10,1
ARM.24.37.8	Hellenia alba / M. f. no Arco do Cego	15 x 10,2
ARM.24.37.9	[Estudo de botânica] / Souza f. No Arco do Cego / Est. IX.	16,1 x 10
ARM.24.37.10	[Estudo de botânica] / R. E. Almd.a Sculp. no Arco do Cego	16,2 x 10,3
ARM.24.37.11	[Estudo de botânica] / Senna. f. No Arco do Cego	15,2 x 10,4
ARM.24.37.12	Cafeseiro amaunçado	15,2 x 9,8
ARM.24.37.13	[Estudo de botânica] / Alm.da f. no Arco do Cego	17,1 x 11,6
ARM.24.37.14	Veronica folhas de Serpao / Cor.a f. No Arco do Cego / No verso da chapa: “B. Whittow & Son. N. 43. Shoe Lane. Holborn London”	16,9 x 11,1
ARM.24.37.15	Amomum repens / Rebello. f. No Arco do Cego	16,4 x 10
ARM.24.37.16	[Estudo de botânica]	15,4 x 10,1
ARM.24.37.17	[Estudo de botânica]	15,2 x 9,3

Quadro 29 – Pasta 37 - 19 matrizes em 19 chapas

(conclusão)

Localização	Título / Autoria / Incrições	Dimensões (cm)
ARM.24.37.18	[Estudo de botânica] / No verso da chapa: “B. Whittow & Son. N. 43. Shoe Lane. Holborn London”	23,5 x 15,8
ARM.24.37.19	[Estudo de botânica] / No verso da chapa: “B. Whittow & Son. N. 31. Shoe Lane. Holborn London”	23,5 x 15,7

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 30 – Pasta 38 - 19 matrizes em 19 chapas

Localização	Título / Autoria / Incrições	Dimensões (cm)
ARM.24.38.1	[Antílope] / Lima. Gravou. No Arco do Cego	18,6 x 13,9
ARM.24.38.2	Laurus Cinnamomum. Vulgo Caneleira de Ceylao' / No verso da chapa: “B. Whittow & Son. N. 43. Shoe Lane. Holborn London”	17 x 10,6
ARM.24.38.3	Thalia genicula / F. no Arco do Cego	15,1 x 10,2
ARM.24.38.4	[Estudo de botânica] / Est. 2.	16,2 x 10
ARM.24.38.5	[Estudo de botânica] / Alm f. No Arco do Cego	16,4 x 10
ARM.24.38.6	[Estudo de botânica] / Marques f. No Arco do Cego / Est 4A	16,1 x 10,6
ARM.24.38.7	[Estudo de botânica] / Marques f. No Arco do Cego / Est 3A	16 x 10,4
ARM.24.38.8	Armoles beldroega / Vianna. f. / Est. 7.	15 x 9,6
ARM.24.38.9	[Estudo de botânica] / Alm.da f. No Arco do Cego	10,2 x 16,4
ARM.24.38.10	[Estudo de botânica] / Alm.da fes. no Arco do Cego / Est. 8.	16,2 x 9,8
ARM.24.38.11	[Estudo de botânica]	15,2 x 9,4
ARM.24.38.12	[Estudo de botânica]	15,6 x 10,4
ARM.24.38.13	[Estudo de botânica]	15,6 x 9,8
ARM.24.38.14	[Estudo de botânica] / Reb.o f. No Arco do Cego	15,2 x 10,3
ARM.24.38.15	[Estudo de botânica]	15,6 x 10,1
ARM.24.38.16	[Estudo de botânica] / Al. f. No Arco do Cego	16,2 x 10
ARM.24.38.17	[Estudo de botânica] / Marques f. No Arco do Cego / Est. 5A	15,9 x 10,4
ARM.24.38.18	[Estudo de botânica]	15,7 x 9,9
ARM.24.38.19	[Estudo de botânica] / No Arco do Cego Cor.a f.	23,6 x 15,8

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 31 – Pasta 39 - 8 matrizes em 8 chapas

(continua)

Localização	Título / Autoria / Incrições	Dimensões (cm)
ARM.24.39.1	Vultur Grÿphus / Vianna f. No Arco do Cego	18,4 x 13,9
ARM.24.39.2	Vultur Percnopterus / Vianna f. No Arco do Cego / 7 [?]	18,3 x 13,7
ARM.24.39.3	Emberiza tricolor / R. Costius Silvius Flum del.; Vianna Sc. / No verso da chapa: “B. Whittow & Son. N. 43. Shoe Lane. Holborn London”	11,5 x 17,7
ARM.24.39.4	Falco Aesalon / Reb.o f. no Arco do Cego	17,5 x 12,7

Quadro 31 – Pasta 39 - 8 matrizes em 8 chapas

(conclusão)

Localização	Título / Autoria / Incrições	Dimensões (cm)
ARM.24.39.5	Columba passerina vulgo Picuí panima / Santos del.; Vianna. Sc. / No verso da chapa: “B. Whittow & Son. N. 43. Shoe Lane. Holborn London”	11,5 x 17,8
ARM.24.39.6	[Estudo de botânica] / Alm.da f. No Arco do Cego	16,3 x 10,1
ARM.24.39.7	[Estudos de geometria] / F. no Arco do Cego / Est. 2.; Fig. 26.; Fig. 50.	18,4 x 19,6
ARM.24.39.8	Helminthologia Portugueza / Neves	22 x 15,9

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 32 – Pasta 40 - 12 matrizes em 11 chapas

Localização	Título / Autoria / Incrições	Dimensões (cm)
ARM.24.40.1	[Estudo de gravura] / P. 1.; Est. 4.	14,1 x 8,6
ARM.24.40.2	[Estudo de gravura] / O P. Silva sculp. No Arco do Cego / Part. 1.; Est. 2.	15 x 10,2
ARM.24.40.3	[Estudo de gravura] / O P. Silva sculp. No Arco do Cego / Part. 1.; Est. 3.	15,3 x 10,1
ARM.24.40.4	[Estudo de gravura] / Jorge fes No Arco do Cego / Part. 4.; Est 21.	17,1 x 11,7
ARM.24.40.5	[Estudo de gravura] / O. P. Silva. Sculp. No Arco do Cego / Part. 1.; Est. 5.	14,7 x 9,8
ARM.24.40.6 frente	Modo de lancar agoa forte sobre a chapa / Part. 1.; Est. 6.	15,1 x 9,5
ARM.24.40.6 verso	[...]as Collinas, outeiros, cortados por hû [...]io fundo. Os diversos Canaes formaõ o tronco de hum[...] arvore	15,1 x 9,5
ARM.24.40.7	[Estudo de gravura] / Part. 1; Est. 7.	14,6 x 9,6
ARM.24.40.8	[Estudo de gravura] / O. P. Silva. Scup. No Arco do Cego / Part. 2.; Est. 11.	14,7 x 10,2
ARM.24.40.9	[Estudo de gravura] / Part. 3.; Est. 13.	14,8 x 10,5
ARM.24.40.10	[Estudo de gravura] / Est. 14.; Fig. 1.	16,9 x 10,7
ARM.24.40.11	[Estudo de gravura] / IV P.; Est. 18.	14,8 x 10,3

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 33 – Pasta 42 - 20 matrizes em 20 chapas

(continua)

Localização	Título / Autoria / Incrições	Dimensões (cm)
ARM.24.42.1	Lanius Collurio / Reb.o f. No Arco do Cego	17,3 x 12,9
ARM.24.42.2	Falco Fulvus / Fig.do gr. No Arco do Cego	17,3 x 12,8
ARM.24.42.3	Falco Buteo / Freitas fez. No Arco do Cego	17,4 x 12,8
ARM.24.42.4	[Pássaro] / No verso da chapa: “B. Whittow & Son. N. 43. Shoe Lane. Holborn London”	11,5 x 17,8
ARM.24.42.5	Strix Passerina / F. No Arco do Cego	17,2 x 12,8
ARM.24.42.6	[Peixes]	16,9 x 10,3

Quadro 33 – Pasta 42 - 20 matrizes em 20 chapas

(conclusão)

Localização	Título / Autoria / Inscrições	Dimensões (cm)
ARM.24.42.7	Falco Tinnunculus / Reb.o f. No Arco do Cego / 19*	17,2 x 13
ARM.24.42.8	Scolopax lorquata vulgo Piacoca / R. Costius Silvius Flum del.; Vianna Sc. Lx.a	12,5 x 18,4
ARM.24.42.9	Vultur Monachas / Vianna f. No Arco do Cego	17,5 x 12,8
ARM.24.42.10	Falco Chrysactos	18,3 x 13,9
ARM.24.42.11	Lanius Rutilus / Jorge fes No Arco do Cego	17,4 x 13,8
ARM.24.42.12	[Uma capivara e um cabrito] / Lima Gravou No Arco do Cego	18,6 x 13,8
ARM.24.42.13	[Invertebrados]	21,3 x 16,4
ARM.24.42.14	[Estudo de botânica] / Reb.o f. No Arco do Cego	15,3 x 10,3
ARM.24.42.15	[Estudo de botânica] / Const.o fez	15,5 x 9,7
ARM.24.42.16	[Estudo de botânica]	15,3 x 10
ARM.24.42.17	[Peixes]	16,8 x 10,9
ARM.24.42.18	[Peixes]	17,2 x 10,6
ARM.24.42.19	Pipra petroica / M. L. R. Vianna del. e Sc.	11,5 x 17,9
ARM.24.42.20	[Peixes]	16,8 x 10,4

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 34 – Pasta 43 - 20 matrizes em 20 chapas

Localização	Título / Autoria / Inscrições	Dimensões (cm)
ARM.24.43.1	Callitriche verna / Al f. No Arco do Cego	16,1 x 9,8
ARM.24.43.2	[Estudo de botânica] / Vieira Esc No Arco do Cego	15 x 10,5
ARM.24.43.3	[Estudo de botânica] / Alm.da f. No Arco do Cego	16,2 x 10
ARM.24.43.4	Cacteiro Tuna	14,1 x 9,3
ARM.24.43.5	[Estudo de botânica] / Alm.da f. No Arco do Cego	16,1 x 9,8
ARM.24.43.6	[Estudo de botânica] / Abran.tes esc No Arco do Cego	15,1 x 10,2
ARM.24.43.7	[Estudo de botânica] / Abrantes f. No Arco do Cego	15,2 x 10,3
ARM.24.43.8	[Estudo de botânica] / Alm.da fes No Arco do Cego	15,3 x 10,5
ARM.24.43.9	[Estudo de botânica] / Silva f. No Arco do Cego	15 x 10,3
ARM.24.43.10	[Estudo de botânica] / Abr.tes Sc. No Arco do Cego / Est X.	15,7 x 9,7
ARM.24.43.11	[Estudo de botânica] / Senna. f. No Arco do Cego	15,8 x 10,1
ARM.24.43.12	[Estudo de botânica]	16,4 x 10,5
ARM.24.43.13	[Estudo de botânica] / Alm.da f. No Arco do Cego	16 x 10
ARM.24.43.14	[Estudo de botânica] / Alm.da f No Arco do Cego	16,4 x 10,1
ARM.24.43.15	[Estudo de botânica]	15,4 x 9,9
ARM.24.43.16	[Estudo de botânica] / S. f. No Arco do Cego	16,1 x 10
ARM.24.43.17	[Estudo de botânica] / Souza f. No Arco do Cego / Est. IX.	15,2 x 10,4
ARM.24.43.18	[Estudo de botânica] / Al f No Arco do Cego	16,2 x 10,1
ARM.24.43.19	[Estudo de botânica]	16 x 10
ARM.24.43.20	[Estudo de botânica] / Senna. f. No Arco do Cego	15,6 x 9,9

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 35 – Pasta 51 - 8 matrizes em 6 chapas

Localização	Título / Autoria / Incrições	Dimensões (cm)
ARM.24.51.1	[Mapa-Múndi]	28,5 x 46,8
ARM.24.51.2 frente	Colonia do Cabo da Boa Esperança	22,5 x 28,3
ARM.24.51.2 verso	[Mapa inacabado]	22,5 x 28,3
ARM.24.51.3 frente	Nova Hollanda	21,5 x 27,2
ARM.24.51.3 verso	[Mapa inacabado ou estudo para a versão definitiva?]	21,5 x 27,2
ARM.24.51.4	Mappa das Ilhas de Cabo Verde	22,5 x 29,2
ARM.24.51.5	Judéa ou Terra Santa Sujeita aos Turcos	26 x 21,3
ARM.24.51.6	Judea ou Terra Santa	26,5 x 23,7

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 36 – Pasta 52 - 4 matrizes em 4 chapas

Localização	Título / Autoria / Incrições	Dimensões (cm)
ARM.24.52.1	[Mapa-múndi]	27,3 x 43,9
ARM.24.52.2	Central Asia	28 x 42,7
ARM.24.52.3	[Mapa inacabado]	29,9 x 31,9
ARM.24.52.4	[Mapa inacabado]	25,5 x 32,2

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 37 – Pasta 53 - 4 matrizes em 4 chapas

Localização	Título / Autoria / Incrições	Dimensões (cm)
ARM.24.53.1	Cinchona officinalis / Romaõ Eloy de Almeida Esculp.	36,3 x 44,1
ARM.24.53.2	Cinchona floribunda / Est. 7.	38,4 x 30,7
ARM.24.53.3	Ramphastos araçári' / Vianna. f.	21,7 x 29,8
ARM.24.53.4	[Estudo de botânica] / Alm.da f. No Arco do Cego	16,3 x 9,9

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 38 – Pasta 54 - 6 matrizes em 6 chapas

Localização	Título / Autoria / Incrições	Dimensões (cm)
ARM.24.54.1	As Ilhas da Sonda Molucas Philippinas Carolinas e Marianas	26,1 x 28,6
ARM.24.54.2	Indostan Peninsulas da India China Tartaria Independente	25,5 x 29,8
ARM.24.54.3	Italia	26,4 x 29,3
ARM.24.54.4	A Lombardia o Ducado de Toscana o Patrimonio d' S. Pedro e a Ilha de Corsega	27,1 x 31,8
ARM.24.54.5	Circulos da Saxonia Superior e Inferior	26 x 30,5
ARM.24.54.6	Circulos de Baviera e de Austria	25,9 x 29,9

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 39 – Pasta 55 - 6 matrizes em 5 chapas

Localização	Título / Autoria / Incrições	Dimensões (cm)
ARM.24.55.1	Egipto	29 x 23
ARM.24.55.2	Congo Cafreria	25,6 x 30,2
ARM.24.55.3	Africa	25,4 x 29,8
ARM.24.55.4	Parte Meridional da Russia Europea Tartaria Russiana Pequena Tartaria	26,3 x 32,3
ARM.24.55.5 frente	Parte Septentrional da Russia Europea	26,2 x 31,9
ARM.24.55.5 verso	[Estudo de botânica]	31,8 x 26,2

Fonte: Elaborado pela autora.